

**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório Profissional I, II e III

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Rita Dias Ramalho**

Lisboa, Julho 2012





# Escola Superior de Educação João de Deus

## Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... PEDRO FIDALCO E COSTA.....  
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)  
licenciado(a) ..... RITA DIAS RAMALHO.....

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) ..... MASTADO EM EDUCAÇÃO  
PRÉ-ESCOLAR E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO..... considero que se trata  
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo  
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 23 de JULHO de 20 12

O(A) Orientador(a)

Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

## Relatório de Estágio Profissional

Relatório apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em  
Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Pedro Fidalgo e Costa

Julho 2012

# Agradecimentos

É com agrado que dedico esta folha a todos aqueles que me apoiaram de alguma forma nesta etapa que foi de máxima importância para mim.

Em primeiro lugar agradeço ao Professor Pedro Fidalgo, por toda a sua disponibilidade em me ajudar a realizar este relatório, por todas as horas que se dedicou ao meu trabalho de corpo e alma, por todas as informações que me cedeu e todo o apoio que deu, não só ao longo deste relatório, mas também nos vários momentos ao longo da licenciatura.

Ao Dr. António Ponces de Carvalho, que como diretor desta instituição, sempre demonstrou interesse nos seus alunos e nos deu a oportunidade de viver estes quatro anos, saindo para a vida profissional com bases excelentes.

Não podia deixar de agradecer as minhas colegas de estágio, Susana Domingues e Tânia Taveira, não só por toda ajuda ao longo destes anos, como também pela amizade e carinho que me transmitiram.

A todos os meninos e meninas que me tiveram como estagiária, um muito obrigada pela maneira como me trataram e como estiveram em todas as aulas que eu lecionei.

Agradeço igualmente ao professor Dr. José de Almeida, pelos conhecimentos transmitidos, que foram realmente úteis para a realização deste relatório.

Aos meus pais, por todos os esforços que fizeram e por tudo o que aguentaram não só ao longo deste curso, mas também ao longo da minha vida, por terem sido um excelente exemplo a seguir e por nunca me terem deixado desistir.

À minha irmã, Inês, por todas as horas passadas a trabalhar e a recortar sem nunca ter demonstrado desagrado, por ter estado em todos os momentos menos positivos, por ser o meu ombro amigo e por ser a verdadeira amiga que por vezes precisei.

Por fim agradeço ao David por ter sido compreensivo e por nunca me ter deixado ir abaixo e por todos os momentos que me aliviaram do stress.

Dedico este meu trabalho final  
À minha avó, que como professora que era  
Tinha um gosto especial pela minha escolha profissional.

# Índice

Introdução.....	1
1.1 - Identificação do local de estágio.....	2
1.1.1 – Jardim Escola João de Deus de Albarraque .....	2
1.1.2 – Jardim-Escola João de Deus na Estrela.....	3
1.2 - Descrição da estrutura do relatório de estágio .....	4
1.3 - Importância da elaboração do relatório de estágio profissional .....	5
1.4 - Identificação do grupo de estágio.....	5
1.5 - Metodologia utilizada.....	6
1.6 - Pertinência do Estágio .....	7
1.7 - Cronograma / Duração .....	8
Capítulo 1 - Relatos Diários .....	11
2.1 - Estágio no Bibe Encarnado .....	13
2.1.1 - Caracterização da turma.....	13
2.1.2 - Caracterização do espaço .....	14
2.1.3 - Horário.....	15
2.1.4 - Rotinas .....	16
2.1.5 - Relatos - Bibe Encarnado .....	19
2.2 - Estágio no Bibe Azul .....	32
2.2.1 - Caracterização da turma.....	32
2.2.2 - Caracterização do espaço .....	32
2.2.3 - Horário.....	32
2.2.4 - Rotinas .....	33
2.2.5 - Relatos - Bibe Azul .....	34
2.3 - Estágio no Bibe Amarelo .....	46
2.3.1 - Caracterização da turma.....	46
2.3.2 - Caracterização do espaço .....	46
2.3.3 - Horário.....	47
2.3.4 - Rotinas .....	47
2.3.5 - Relatos - Bibe Amarelo .....	48
2.4 - Semana Intensiva de Estágio.....	64
2.5 - Estágio no 3º Ano -A .....	69
2.5.1 - Caracterização da turma.....	69
2.5.2 - Caracterização do espaço .....	69
2.5.3 - Horário.....	70
2.5.4 - Rotinas .....	70

2.5.5 - Relatos – 3º Ano - A .....	70
2.6 - Estágio no 4º Ano -A .....	91
2.6.1 - Caracterização da turma.....	91
2.6.2 - Caracterização do espaço .....	91
2.6.3 - Horário.....	91
2.6.4 - Rotinas .....	92
2.6.5 - Relatos – 4º Ano - A .....	92
2.7 - Estágio no 2º Ano -A .....	106
2.7.1 - Caracterização da turma.....	106
2.7.2 - Caracterização do espaço .....	106
2.7.3 - Horário.....	107
2.7.4 - Rotinas .....	107
2.7.5 - Relatos – 2º Ano - A .....	107
2.8 - Estágio no 3º Ano -A .....	124
2.8.1 - Caracterização da turma.....	124
2.8.2 - Caracterização do espaço .....	124
2.8.3 - Horário.....	125
2.8.4 - Rotinas .....	125
2.8.5 - Relatos – 3º Ano - A .....	125
Capítulo 2 – Planificações .....	141
3.1 – Descrição do Capítulo .....	142
3.2 – Fundamentação Teórica.....	142
3.3 – Planificações Pré-Escolar – Bibe Amarelo.....	145
3.3.1 – Planificação de Domínio da Matemática .....	145
3.3.2 – Planificação de Conhecimento de Mundo .....	148
3.4 – Planificações 1º ciclo – 4º Ano A .....	150
3.4.1 – Planificação de Língua Portuguesa.....	150
3.4.2 – Planificação de História de Portugal.....	152
Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação .....	154
4.1 – Descrição do Capítulo .....	155
4.2 – Fundamentação Teórica.....	155
4.3 – Dispositivos de Avaliação no Pré-Escolar.....	158
4.3.1 – Domínio da Matemática .....	158
4.3.1.1 – Descrição dos Parâmetros e Critérios .....	158
4.3.1.2 – Grelha de Avaliação .....	159
4.3.1.3 – Apresentação e Análise dos Resultados .....	160
4.3.2 – Conhecimento do Mundo .....	161



4.3.2.1 – Descrição dos Parâmetros e Critérios .....	161
4.3.2.2 – Grelha de Avaliação .....	161
4.3.2.3 – Apresentação e Análise dos Resultados .....	162
4.4 – Dispositivos de Avaliação no 1.º Ciclo .....	163
4.4.1 – Língua Portuguesa.....	163
4.4.1.1 – Descrição dos Parâmetros e Critérios .....	163
4.4.1.2 – Grelha de Avaliação .....	164
4.4.1.3 – Apresentação e Análise dos Resultados .....	165
4.4.2 – História de Portugal .....	166
4.4.2.1 – Descrição dos Parâmetros e Critérios .....	166
4.4.2.2 – Grelha de Avaliação .....	167
4.4.2.3 – Apresentação e Análise dos Resultados .....	169
Reflexões Finais .....	170
5.1 – Considerações Finais .....	171
5.2 – Limitações .....	172
5.3 – Novas Pesquisas.....	173
Referências bibliográficas .....	174
Anexos .....	182

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1</b> – Cronograma do período de estágio .....	9
<b>Quadro 2</b> – Cronograma do trabalho após o estágio.....	10
<b>Quadro 3</b> – Calendário dos momentos de Estágio no pré-escolar.....	12
<b>Quadro 4</b> – Calendário dos momentos de Estágio no 1º ciclo .....	12
<b>Quadro 5</b> - Planificação do bibe amarelo de Domínio da Matemática .....	147
<b>Quadro 6</b> - Planificação do bibe amarelo de Conhecimento do Mundo .....	149
<b>Quadro 7</b> - Planificação do 1º Ciclo de Língua Portuguesa .....	151
<b>Quadro 8</b> - Planificação do 1º Ciclo de História de Portugal.....	153
<b>Quadro 9</b> – Escala de Likert utilizada para os dispositivos de avaliação .....	158
<b>Quadro 10</b> – Parâmetros e Critérios de avaliação – Domínio da Matemática.....	158
<b>Quadro 11</b> – Grelha de avaliação – Domínio da Matemática .....	159
<b>Quadro 12</b> – Quadro de frequências da proposta de Domínio da Matemática .....	160
<b>Quadro 13</b> – Parâmetros e Critérios de avaliação – Conhecimento do Mundo.....	161
<b>Quadro 14</b> – Grelha de avaliação – Conhecimento do Mundo .....	162
<b>Quadro 15</b> - Quadro de frequências da proposta de Conhecimento do Mundo.....	162
<b>Quadro 16</b> – Parâmetros de Critérios de avaliação – Língua Portuguesa .....	164
<b>Quadro 17</b> – Grelha de avaliação – Língua Portuguesa.....	165
<b>Quadro 18</b> - Quadro de frequências da proposta de Língua Portuguesa.....	165
<b>Quadro 19</b> – Parâmetros e Critérios de avaliação – História de Portugal .....	167
<b>Quadro 20</b> – Grelha de avaliação – História de Portugal.....	168
<b>Quadro 21</b> - Quadro de frequências da proposta de História de Portugal .....	169

## Índice Figuras

<b>Figura 1</b> – Localização do Jardim-Escola João de Deus de Albarraque .....	2
<b>Figura 2</b> – Localização do Jardim-Escola João de Deus na Estrela .....	4
<b>Figura 3</b> – Sala do bibe encarnado A .....	14
<b>Figura 4</b> – Espaço de Leitura .....	14
<b>Figura 5</b> – Horário do bibe encarnado A .....	15
<b>Figura 6</b> – Escada do Cuisenaire .....	21
<b>Figura 7</b> – Horário do bibe azul A .....	33
<b>Figura 8</b> – Horário do bibe amarelo A .....	47
<b>Figura 9</b> – Blocos Lógicos .....	50
<b>Figura 10</b> – Exemplo de como medir a área com a ajuda das peças brancas do Cuisenaire .....	81
<b>Figura 11</b> - Construção do poço com o 5.º dom de Fröebel .....	95
<b>Figura 12</b> – Exemplo com as peças dispostas nas suas posições corretas.....	110
<b>Figura 13</b> – Exemplo da leitura do número 248.....	134
<b>Figura 14</b> – Representação da Unidade de Área .....	138
<b>Figura 15</b> – Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Domínio da Matemática .....	160
<b>Figura 16</b> - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo .....	163
<b>Figura 17</b> - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Língua Portuguesa .....	166
<b>Figura 18</b> - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de História de Portugal .....	169

# **Introdução**

No âmbito da unidade curricular Prática Pedagógica foi proposto a realização de um Relatório de Estágio Profissional referente ao Mestrado de Educação Infantil e de Educação de 1.º Ciclo, para a aquisição do grau de mestre em educação pré-escolar e 1.º ciclo

O Estágio Profissional teve início no dia 12 de outubro de 2010 e terminou a 27 de janeiro de 2012, realizando-se três vezes por semana com a duração de 12 horas por semana. O estágio consistia na observação e descrição do dia-a-dia das crianças no jardim-escola de todos os níveis do pré-escolar. O primeiro momento de estágio foi realizado no Jardim-Escola João de Deus de Albarraque, em todos os bairros do pré-escolar. Já o segundo momento foi repartido por dois semestres, sendo realizado no Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Após a observação do dia-a-dia dos alunos teria de elaborar relatos diários, com inferências e fundamentações, assim como as planificações das atividades realizadas e os dispositivos de avaliação durante o tempo de estágio.

## **1.1 - Identificação do local de estágio**

### **1.1.1 – Jardim Escola João de Deus de Albarraque**

O local de realização do primeiro momento de estágio foi o Jardim-Escola João de Deus de Albarraque que está situado no concelho de Sintra, mais propriamente na localidade de Albarraque, junto da grande fábrica da Tabaqueira e de um bairro residencial.



**Figura 1 – Localização do Jardim-Escola João de Deus de Albarraque**

Este jardim-escola tem uma particularidade em relação aos outros, não possui a valência de 1.º ciclo, funcionando apenas como creche desde o berçário até ao bibe verdinho (2 anos), e de pré-escolar, que corresponde ao bibe amarelo (3anos) até ao bibe azul (5 anos).

Perto do jardim-escola encontram-se escolas públicas, que usufruem do espaço do jardim-escola durante as horas de almoço e depois das horas escolares.

Em relação ao espaço físico, o jardim-escola é constituído, na parte interior, por seis salas de aulas, berçário, três casas de banho, gabinete de direção, secretaria, cantina, enfermaria, cozinha, ginásio, lavandaria, mini papelaria, sala da televisão e sala das mães. Na cave do jardim-escola funciona o APTL, que é constituído por três salas, sendo uma de televisão e jogos. Existe, também, uma sala de música que é utilizada por todos os bibes e uma casa de banho.

No seu exterior encontra-se um espaço lúdico constituído por um parque com escorregas, baloiços, etc. Na parte destinada ao Atividades Para Tempos Livres (APTL) existe igualmente um espaço lúdico para os alunos, estes ficam separados dos alunos mais novos. Na parte de trás do jardim-escola encontra-se uma pequena horta plantada pelos alunos.

Os alunos que frequentam o jardim-escola a tempo inteiro têm idades compreendidas entre os 3 meses e os 5 anos. Cada turma tem em média 25 alunos. As crianças têm atividades disciplinares não curriculares, tais como, Ginástica, Inglês, Ballet, Karate, Música.

### **1.1.2 – Jardim-Escola João de Deus na Estrela**

No segundo semestre do Mestrado o local de estágio foi alterado. Devido ao facto do jardim-escola anterior não conter a valência do 1.º ciclo, foi-me dito que as alunas que se encontravam em Albarraque iriam fazer estágio no Jardim-Escola da Estrela.

Este fica situado na cidade de Lisboa, junto do jardim da Estrela. Fica adjacente à Escola Superior de Educação João de Deus. Ao seu redor encontram-se casas de habitação, lojas variadas e à sua frente fica o Liceu Pedro Nunes.



**Figura 2 – Localização do Jardim-Escola João de Deus na Estrela**

É um jardim-escola acolhedor, mas apesar da sua estrutura já ter algum tempo, encontra-se em bom estado de conservação. Este tem duas valências, o pré-escolar e o 1.º ciclo, sendo que estes têm espaços de brincadeira separados. Cada turma e cada bibe tem a sua sala, à exceção do bibe encarnado que partilha o salão.

## **1.2 - Descrição da estrutura do relatório de estágio**

O relatório estará dividido numa Introdução e em três capítulos, o primeiro capítulo é referente aos Relatos Diários, o capítulo 2 são as Planificações, no capítulo 3 aborda-se os Dispositivos de Avaliação e, por último, irá ter as Reflexões Finais.

Na secção da Introdução, serão anunciados diversos pontos como a identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do relatório de estágio, a importância da elaboração do relatório de estágio profissional, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada e, para finalizar, o cronograma

No primeiro capítulo, que é dedicado aos relatos diários, irão ser apresentados os dias de estágio observados com as devidas fundamentações e inferências nos diferentes momentos de estágio, sendo que o primeiro momento foi realizado na valência do pré-escolar e os dois últimos momentos na valência do 1.º ciclo.

O segundo capítulo terá como principal tema as planificações de aulas lecionadas, também elas fundamentadas bibliograficamente. No fim as planificações da aula prática assistida.

No terceiro capítulo serão apresentados alguns dispositivos de avaliação, com as respectivas grelhas e gráficos.

Por fim estará a reflexão final, com todas as considerações finais e todas as limitações encontradas no decorrer deste trabalho.

### **1.3 - Importância da elaboração do relatório de estágio profissional**

Um relatório de estágio profissional é sempre importante, já que a realização de um trabalho destes não só enriquece a nível profissional como também a nível pessoal. É um trabalho de pesquisa, o que torna a sua importância ainda maior, pois permite a investigação e o estudo de conceitos, ideias que estão diretamente relacionados com o interesse académico e profissional.

Para a elaboração deste relatório é necessário recorrer a livros, artigos, entre outras fontes, todas as pesquisas servirão para uma abordagem mais naturalista fomentando a reflexão e desenvolvendo uma visão diferente sobre o papel da teoria da Formação Inicial.

Segundo Korthagen, referido em Flores e Simão (2009):

(...) os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção, e também sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação (...) (p. 48)

### **1.4 - Identificação do grupo de estágio**

Para realizar o Estágio Profissional tive oportunidade de escolher não só o jardim-escola onde o iria efetuar, como, também, o grupo de estágio. No primeiro momento tive a oportunidade de partilhar todos os momentos com uma colega que me acompanha desde o início da faculdade, mas com a qual nunca tinha partilhado o estágio.

Já no segundo momento, que foi dedicado ao 1.º ciclo, fiquei sozinha, não tendo então grupo de estágio. No terceiro e último momento voltei a partilhar a sala de aula com uma outra colega.

Além de sermos colegas somos também amigas, o que facilitou as adversidades que surgiram; foi um trabalho sempre realizado em grupo no qual



partilhamos dúvidas, alegrias, tristezas, havendo sempre disponibilidade por parte de todas para colaborar e ajudar.

Para Korthagen (2001) (citado por Flores e Simão, 2009), é importante promover a aprendizagem reflexiva assistida por pares, pois o apoio destes é por vezes mais eficiente para promover a reflexão dos estudantes do que as tentativas de formadores de professores, preparando-os para uma aprendizagem profissional contínua com os colegas.

## **1.5 - Metodologia utilizada**

Para a recolha de dados, a metodologia utilizada foi o método de observação, onde todos os dados recolhidos foram utilizados na elaboração dos relatos diários.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2008), “A observação compreende o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é confrontado com dados observáveis”. (p. 205) O principal objetivo desta fase de investigação é a recolha de dados, que posteriormente vão ser analisados nas fases seguintes.

Destaca-se a importância de uma boa recolha de informação já que isso influencia o trabalho futuro, no entanto os mesmos autores salientam que “Na observação, o importante não é apenas recolher informações que traduzem o conceito, (...), mas também obter essas informações de uma forma que permita aplicar-lhes posteriormente o tratamento necessário à verificação das hipóteses.” (p. 205)

A observação pode ser direta e indireta Para este relatório, a observação utilizada foi a direta, pois segundo Deshaies, (1997) “a observação é direta quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas, em suma, do que se passa ou existe num dado momento numa dada situação”. (p. 296)

Neste caso o investigador assumiu o seu papel de estudioso junto da população observada, combinado com diversos outros papéis permitindo um bom posto de observação. O facto de o investigador ter participado ativamente na vida da população, designa-se a observação como sendo participante. No entanto, o

observador analisa os modos de vida da comunidade de forma pormenorizadamente perturbando o menos possível.

Esta metodologia apresenta vantagens e desvantagens, segundo os mesmos autores as vantagens são as seguintes:

- A apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem;
- A recolha de um material de análise não suscitado pelo investigador e, portanto, relativamente espontâneo;
- A autenticidade relativa dos acontecimentos em comparação com as palavras e com os escritos (...) (p. 199)

O grande problema deste método é o registo das observações, já que nem sempre é possível fazer esse registo no próprio momento dos acontecimentos. A resolução deste problema baseia-se na transcrição dos dados o mais rápido possível após a observação.

Porém, outro limite desta metodologia é a memória seletiva do observador, tal como afirmam os mesmos autores “O investigador não pode confiar unicamente na sua recordação dos acontecimentos apreendidos “ao vivo”, dado que a memória é selectiva e eliminaria uma grande variedade de comportamentos cuja importância não fosse imediatamente aparente.” (p. 199)

## **1.6 - Pertinência do Estágio**

A realização de um relatório de estágio profissional é deveras importante por diferentes motivos, o principal é que permite a conclusão do mestrado e iniciarmos a vida profissional. Dá ainda a oportunidade de conhecer autores, pois para a sua elaboração terei de investigar e estudar conceitos e ideias que estão ligados ao interesse académico e profissional.

Pretendo consolidar conhecimentos, tirar conclusões que me permite ultrapassar situações no futuro, tanto a nível profissional como também pessoal. É um trabalho com acuidade científica, no qual irei pesquisar conceitos apresentados em livros, artigos, entre outros. Todas estas pesquisas irão servir para uma visão mais naturalista promovendo a reflexão e ajudando a desenvolver uma visão diferente sobre o papel da Formação Inicial.

É de salientar a importância da Prática Pedagógica (PP), conforme Alegria et al (2001) é com a PP que se realizam atividades distintas, como observação, análise e a

responsabilização pelas atividades docentes. É preciso referir que a PP valoriza conhecimentos, capacidades, atitudes, níveis de adequação de intenções, expostos num conjunto de relações interpessoais e institucionais que determinam a prática competente da profissão.

O estágio ajuda na construção da vida profissional, neste caso, de docente, pois possibilita a aquisição de conhecimentos teóricos assim como uma aproximação às situações que poderemos encontrar futuramente.

### **1.7 - Cronograma / Duração**

De forma a se poder organizar as ideias e os conteúdos deste relatório elaborou-se um quadro onde são apresentadas as horas e os bipes em que realizei a minha prática pedagógica, assim como os dias dedicados ao Relatório de Estágio Profissional, dentro deste estão também as leituras e pesquisas realizadas.

**Quadro 1 – Cronograma do período de estágio**

Ano	2010										2011																							2012				Horas																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
Mês	Outubro			Novembro				Dezembro		Janeiro				Fevereiro		Março			Abril		Maio				Junho			Julho	Setembro	Outubro				Novembro			Dezembro		Janeiro																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
Nº da Semana	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	1	2	3	4	5	6	7	9	11	12	13	14	15	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	39	40	41	42		43	44	45	46	47	48	49	50	1	2	3	4																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																						
Turma																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																								
Aulas Programadas				X	X			X <sup>1</sup>		X	X			X			X				X	X <sup>1</sup>					X <sup>1</sup>	X <sup>1</sup>													X	X						X	X																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																							

Legenda:



Pré-escolar - bibe encarnado (4anos)  
 Pré-escolar - bibe azul (5anos)  
 Pré-escolar - bibe amarelo (3anos)  
 1º Ciclo - 3º Ano A (bata azul clara)



1º Ciclo - 4º Ano A (bata azul escura)  
 1º Ciclo - 2º Ano A (bata verde)  
 1º Ciclo - 3º Ano A (bata azul clara)

<sup>1</sup> Nesta semana dei duas aulas programadas

<sup>2</sup> Nesta semana tive duas aulas surpresa

É importante, também, salientar todo o trabalho efectuado após o término do estágio. Assim, no quadro seguinte, apresenta-se um cronograma onde estão definidas e detalhadas minuciosamente as atividades realizadas até à conclusão do relatório de estágio profissional tal como a carga horária.

**Quadro 2 – Cronograma do trabalho após o estágio**

Ano	2012																								Horas
Mês	Fevereiro					Março				Abril				Maio					Junho						
Nº semana	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26			
Pesquisas Bibliográficas	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	352		
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	660		
Contato com o orientador		x			x		x			x			x		x		x	x	x	x	x	x	9		

## **Capítulo 1 - Relatos Diários**

Neste primeiro capítulo encontra-se a descrição das turmas do pré-escolar e do 1.º ciclo, assim como as aulas observadas, com respectivas inferências e fundamentações. Estará dividido pela ordem correspondente às passagens pelas diversas faixas etárias.

De seguida, irá ser apresentado um quadro referente aos dias em que estive em cada bibe, sendo que o bibe encarnado é composto por crianças maioritariamente com 4 anos, o bibe azul com 5 anos e, por fim, o bibe amarelo que corresponde aos 3 anos de idade.

**Quadro 3 – Calendário dos momentos de Estágio no pré-escolar**

outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro
12	2	3	4	1
15	5	6	7	4
18	8	7	10	7
19	9	10	11	8
22	12	13	14	11
25	16	14	18	14
26	19	17	21	15
29	22		24	18
	26		25	
	29		28	
	30		31	

Em relação ao 1.º ciclo, o quadro nº 4 representa os dias que frequentei em cada turma.

**Quadro 4 – Calendário dos momentos de Estágio no 1º ciclo**

março	abril	maio	junho	julho	setembro	outubro	novembro	dezembro	janeiro
14	1	2	3	1	27	3	4	2	2
15	4	3	6	4	30	4	7	5	3
18	5	6	7	5		7	11	6	6
21	8	9	14	6		10	14	9	9
22	11	10	17			11	15	12	10
25	12	16	20			14	18	13	13
28	15	17	21			17	21	16	16
29		20	24			18	22		17
		23	27			21	25		20
		24	28			24	28		23
		30				25	29		24
		31				28			27
						31			

## **2.1 - Estágio no Bibe Encarnado**

**Secção 1:** Período de estágio de 12/10/2010 a 12/11/2010

**Faixa etária:** Bibe encarnado A (4 anos)

**Local de estágio:** Jardim-Escola João de Deus de Albarraque

### **2.1.1 - Caracterização da turma**

Como o Projeto Curricular de Turma contém informações confidenciais sobre as crianças não me foi cedido pela educadora, mas mesmo assim cederam-me informações sobre a turma, algumas delas sofreram alterações, como por exemplo a idade das crianças.

Neste jardim-escola, o bibe encarnado A é composto por 26 alunos, em que 14 são do género masculino e 12 do género feminino, em que grande parte deles tem 4 anos.

Este grupo de crianças pertence a famílias maioritariamente estruturadas, tendo muitas delas irmãos, que frequentam o jardim-escola ou que já o frequentaram. São principalmente famílias que pertencem a um nível socioeconómico médio.

É um grupo que está bem integrado na dinâmica do jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas atividades realizadas dentro e fora da sala de aula. Desenvolvem atitudes e valores, beneficiando a formação das crianças de forma a serem autónomos, livres e solidários.

Grande parte das crianças que formam esta turma demonstra um temperamento equilibrado, entusiasta, extrovertido, comunicativo e alegre. Gostam de receber e trocar afetos.

É de salientar que este grupo é um pouco irrequieto e algumas crianças têm comportamentos que perturbam o funcionamento da sala de aula, nomeadamente três crianças que exigem por parte da educadora um esforço e uma atenção especial. Uma delas sofre de carências afetivas e demonstra um comportamento desapropriado para a sua idade; posteriormente fiquei a saber que essa mesma criança teve uma paralisia cerebral ligeira que a afetou a níveis cognitivos.



Apesar de esta criança ter um nível cognitivo abaixo do normal, em relação à turma, em geral, ela é estimulada e incentivada a realizar os seus trabalhos, o que proporciona uma aprendizagem e incentiva o raciocínio, tornando-se cada dia mais segura e participativa.

### **2.1.2 - Caracterização do espaço**

A sala onde se encontra o bibe encarnado (figura 3) é dividida em duas partes, servindo para as duas turmas, uma vez que as turmas raramente se encontram simultaneamente na sala. Cada educadora organizou o seu espaço de forma a proporcionar o bem-estar dos seus alunos, tendo partes em comum, como o canto de leitura (figura 4) e a casinha das bonecas. Encontramos um outro cantinho que é utilizado pelas educadoras para lecionarem algumas unidades curriculares ou apenas para conversarem com os alunos.

O horário de utilização do espaço comum às duas educadoras é combinado entre elas, sendo que, enquanto uma está a utilizar a sala de aula, a outra educadora recorre a outras salas do jardim-escola como a sala da televisão ou o ginásio.



**Figura 3 – Sala do bibe encarnado A**



**Figura 4 – Espaço de Leitura**

### 2.1.3 - Horário

Todas as turmas do jardim-escola elaboram um horário semanal que inclui o maior número de atividades, distribuídas uniformemente pela semana, promovendo o desenvolvimento equilibrado das crianças. Este horário (figura 5) é rotativo com a outra turma do bibe encarnado, mas também é flexível e adaptado aos alunos consoante suas necessidades durante as diversas situações que ocorrem durante o dia a dia.

Como o estágio não se realiza durante toda a semana não me foi possível observar as atividades realizadas à Quarta e Quinta-feira.

Jardim Escola João de Deus – Albarraque

## Bibe Encarnado A

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira				
9:00	Acolhimento - Canções de roda, jogos e higiene								
9:30	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo				
10:30	Recreio								
11:00	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Educação pelo Movimento				
11:30			Educação pelo Movimento		Iniciação à Matemática				
12:00	Consolidação da matéria dada	Consolidação da matéria dada	Estimulação à Leitura/Jogos de tempo de mesa	Inglês	Estimulação à Leitura/Jogos de tempo de mesa				
12:30	Jogos Orientados	Cidadania		Jogos de Mesa					
13:00	Almoço e Recreio								
14:45	Música	Expressão Plástica	Experiências/ Registo das experiências	Expressão Plástica	Expressão Plástica				
15:30	Expressão Plástica								
16:00	Relembrar o nosso dia								
16:15	Lanche								

Educadora Ana Borbinha

Ano Lectivo 2010 / 2011

Actividades Extra Curriculares Ballet: 3ª Feira das 17h às 18h/Karaté: 5ª Feira das 17h às 18h

Figura 5 – Horário do bibe encarnado A

### 2.1.4 - Rotinas

Consoante as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “o tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade” e a isto podemos dar o nome de rotinas. (p. 40)

Segundo o Ministério da Educação (1997):

(...) uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo liberdade de propor modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual. (p. 40)

#### ❖ **Acolhimento no ginásio**

Este jardim-escola tem uma particularidade em relação aos diversos jardins-escola desta instituição, pois não existe o salão onde funcionam os bibes encarnados e onde é feito o acolhimento; sendo assim, este é feito no ginásio.

Às 9h, os alunos que já se encontram no jardim-escola são conduzidos até ao ginásio onde as crianças cantam, juntamente com as educadoras e estagiárias que se encontram presentes. As rodas são realizadas de forma concêntrica, ou seja, uma dentro da outra, sendo a mais interior a do bibe verdinho.

As crianças cantam músicas à sua escolha, não existindo, assim um repertório que seja obrigatório seguir, normalmente são as crianças mais velhas que iniciam uma música e são seguidas pelos restantes bibes.

Esta atividade de roda é importante para o quotidiano das crianças pois entram na escola de uma forma alegre e divertida e não com o sentido de se sentarem em frente a uma secretária e ouvirem o educador. Proporciona, também, a interação entre as crianças e educadores. É um meio de socialização e de afetividade.

Conforme Cordeiro (2007) o acolhimento é também, “(...) mais uma oportunidade para estimular a relação família/escola, e transmitir informação do que se passou e de alguma preocupação dos pais.” (p. 370)

Ajuda também ao desenvolvimento a nível da linguagem e do vocabulário com as canções que já conhecem ou com novas canções.

Segundo Zabalza (1998), os momentos de roda são “Excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave (descrevem comportamentos que as crianças realizam naturalmente) de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc. (...)” (p. 194)

No que diz respeito à aquisição de novas músicas, Cordeiro (2007) defende que “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, (...), interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e completar a noção de espaço e tempo”. (p. 373)

### ❖ **Higiene**

Ao longo do dia existem vários momentos de higiene e alguns constam no horário que é feito pela educadora.

Estes momentos ocorrem principalmente ao início da manhã, antes e depois das refeições e são sempre acompanhados por um adulto seja a educadora ou uma estagiária.

É de extrema importância estes momentos, pois é desde pequenos que os hábitos devem ser incutidos nas crianças. É essencial a presença de um adulto para que este possa corrigir os erros e ensiná-los a fazer as ações corretamente.

Cordeiro (2007) afirma que este é um “Momento deveras importante. (...) variando de criança para criança (...)” (p. 373) e que o mesmo promove a autonomia das crianças frisando que “Sente-se o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo.” (p. 373)

Este autor defende, ainda, que deve ser mostrado à criança que “(...) não se trata de um “frete” a fazer aos pais, ou de um bilhete para ir para a mesa, mas sim uma rotina diária que deverá perdurar ao longo da sua vida”. (p. 106)

### ❖ **Recreio a meio da manhã**

Todos os biberões a meio da manhã têm um tempo de atividades livres, por vezes estes momentos de brincadeira são realizados dentro da sala de aula devido às condições climatéricas e, quando assim é, a educadora dirige os jogos e cantigas.

Cordeiro (2007) declara que “Saber respeitar e aceitar as brincadeiras dos outros sem querer impor as suas é um exercício saudável para a socialização.” (p. 372)

Todos os momentos livres entre as atividades diárias são importantes, qualquer criança precisa de momentos de descontração para retomar o dia de aulas com uma maior concentração. É no recreio que a criança tem a oportunidade de se libertar, descontraí, conhecer-se a si e aos outros e todo o mundo que lhe rodeia.

Cordeiro (2007) afirma, ainda que “Nesta idade, o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos.” (p. 377)

### ❖ **Almoço**

Este momento ocorre na cantina em conjunto com o bibe azul. Neste período algumas crianças comem autonomamente, outras pedem ajuda pois não conseguem comer sozinhas, mas sempre são ajudadas numa forma de tornarem-se mais autónomas.

Esta é mais uma rotina que ajuda a desenvolver a autonomia, a autoestima e a responsabilidade; é importante deixar as crianças fazer as coisas por elas, pois ao serem ajudadas, podem aumentar a insegurança do que elas próprias são capazes de fazer.

Neste momento é também essencial a presença de um adulto não para ajudar mas, uma vez mais, para corrigir assim que for necessário de forma a que as crianças se apercebam de como as coisas devem ser feitas.

Ao que diz respeito a este momento, mais uma vez o mesmo autor afirma que:

O almoço (e mais tarde o lanche) servem para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (...) passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo (...) e noções de alimentação e nutrição (...)” (p. 373)

### **2.1.5 - Relatos - Bibe Encarnado**

**Dia: 12 de outubro de 2010**

Neste primeiro dia de estágio fomos recebidas pela diretora do Jardim-Escola João de Deus de Albarraque, Dr<sup>a</sup>. Margarida Dias, com o objetivo de conversarmos sobre o novo ano que estávamos a iniciar e para tirar quaisquer dúvidas que houvesse. De seguida dirigi-me até à sala onde ia efectuar este 1.º momento de estágio, a sala do bibe encarnado A.

A aula já estava a decorrer na área da Matemática com o 3º dom de Fröebel. A educadora recorreu à utilização de uma história para questionar os alunos sobre algumas operações aritméticas, realizaram duas construções, as cadeiras com a mesa e, por fim, realizaram o cadeirão.

Durante a aula a educadora recorreu a perguntas de resposta rápida de forma a desenvolver o raciocínio lógico das crianças.

#### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A utilização de materiais manipulativos é uma forma de cativar os alunos, pois estando eles em contacto com o material provoca-lhes um maior entusiasmo e uma atenção muito maior.

Caldeira (2009) afirma que “(...) os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias.” (p. 241)

Desenvolvem a motricidade, a imaginação, a destreza, cria-lhes um sentido de responsabilidade pelo facto de neste material não puderem desmanchar a construção anterior para voltarem a realizar uma nova construção.

Moreira e Oliveira (2003), no que diz respeito a este material matemático, referem que:

Com as actividades que envolvem construções específicas, pretende-se que as crianças explorem as propriedades de objectos a três e a duas dimensões, bem como a linha e o ponto, fazendo assim uma progressão na sua aprendizagem matemática. Com os dons de Fröebel há a oportunidade de desenvolver o ensino de padrões, simetrias e construções bem como o incitamento ao pensamento matemático intuitivo a nível da geometria, do número, da medida, das fracções e da classificação. (p. 34)

Os mesmos autores referem ainda que “O período do dom decorre de 30 a 40 minutos e cada criança tem o seu conjunto” (p. 34)

### **Dia: 15 de outubro de 2010**

O dia de hoje começou com uma aula lúdica de Matemática, onde a educadora fez um jogo com os Blocos Lógicos que consistia em adivinhar as peças sem que estas fossem vistas. Após algumas repetições deste jogo, a educadora passou para uma sequência com o mesmo material, esta sequência foi dirigida para o grande grupo não sendo feita individualmente por cada aluno.

Ao terminar a manhã a educadora fez uma atividade de Expressão Plástica com os alunos, que consistia no decalque do corpo humano através de um stencil, cada aluno realizava o seu boneco numa folha. Quando me dirigia a alguns alunos pude reparar que, à medida que faziam o trabalho, iam comentando o que estavam a decalcar, ou seja, enumeravam as partes do corpo.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Todas as atividades realizadas durante este dia revelam importância. Efetivamente a tarefa de decalque foi a mais entusiasta para eles, não só porque estavam a pintar como também estavam a recordar o que já tinham dado anteriormente.

Segundo Sousa (2003):

(...) Estimular a criatividade será também provar à criança que se confia nela, nas suas possibilidades de realização, levando-a a descobrir que criação é mais importante que a simples execução reprodutiva. Ela própria reparará que afinal a técnica é apenas meio para dar forma à sua imaginação criativa. (p. 196)

Segundo Sousa (2003), “ (...) a expressão plástica oferece à criança a criação plástica como modo de estimular a imaginação e desenvolver o seu raciocínio” (p. 170)

É através das atividades de Expressão Plástica que muitas crianças expressam os seus sentimentos, as suas angústias e a sua imaginação.

**Dia: 18 de outubro de 2010**

Para iniciar o dia, a educadora começou por dirigir os alunos até ao ginásio onde contou a história da *Bela Adormecida*, com o objetivo de mais tarde explorar a família com os alunos, fazendo perguntas sobre a família de cada um e sobre quem morava nas suas casas. Iniciou assim um novo tema do conhecimento do mundo, que, viria a ser trabalhado ao longo dos próximos dias.

Na área da Matemática, a educadora recorreu ao material Cuisenaire (figura 6), onde, introduziu, pela primeira vez a peça preta, que representa 7 unidades.

Começou por realizar a escada crescente até a peça verde escura, 6 unidades, e em tom de brincadeira pediu aos alunos para que tentassem adivinhar a cor da peça que viria a seguir; como nenhum conseguiu chegar ao pretendido, pediu para que cada um fosse buscar uma peça preta e colocasse à sua frente. Depois foram buscar peças brancas e puseram-nas por cima da preta, pois a peça branca é a peça padrão e serve de medida a todas as outras peças. Assim conseguiram descobrir quantas unidades representam a peça preta.



**Figura 6 – Escada do Cuisenaire**

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Este material manipulativo é usado desde o bibe amarelo, 3 anos, e ajuda na Iniciação à Matemática, na noção de número, na decomposição de números, mas também desenvolvem a criatividade, nomeadamente quando, no fim da aula, as educadoras deixam brincar com o material.



Segundo Alsina (2004):

As barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental...para introduzir e praticar as operações aritméticas. (p. 34)

De acordo com Palhares, Gomes e Mamede (2002):

A utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado (...) efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação de números (...) (p. 171)

Servem de suporte de imaginação sendo a sua prioridade o manuseamento por parte dos alunos, cabe-lhes descobrir o material e ajudam na realização de operações aritméticas e no cálculo mental.

### **Dia: 19 de outubro de 2010**

A manhã deste dia começou com a aula de Matemática, onde se trabalhou conjuntos, nomeadamente conjunto vazio e conjunto singular. Para a realização desta aula foi utilizado como material as palhinhas; este material facilita o cálculo para os alunos. Antes de iniciar os problemas com as palhinhas, a educadora realizou perguntas aos alunos de forma a desenvolver o cálculo mental.

Após a pausa do recreio a educadora conduziu os alunos até ao exterior, onde leu um livro sobre a família. Com esse livro pretendeu que os alunos notassem a existencialidade de famílias diferentes mas que também elas seriam uma família. Em certas alturas falava sobre alguns casos que existem na turma de famílias ditas diferentes.

Esta aula vem no seguimento da aula do dia anterior, onde falaram pela primeira vez sobre a família. Para finalizar o tema, foi pedido aos alunos que desenhassem a sua própria família. Houve alunos que se preocupavam em desenhar a família tal qual como ela era.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ouvir histórias é um acontecimento que desperta o interesse das pessoas em todas as idades, ainda mais nas crianças, o seu primeiro contato é realizada oralmente, quer sejam pelos pais, avós, ou educadora.

Nicolau (1990) defende que “o pensamento mágico da criança traz recursos inesgotáveis para que se exercite sua imaginação e fantasia, passando o sonho e a realidade, muitas vezes, a se confundirem, o que reforçaria sua espontaneidade criadora”. Segundo Alberton et al (1980) “sonhadora e imaginativa por natureza, a criança aceita sem hesitação o ilogismo das narrativas mágicas presentes nas histórias infantis.”

É importante que o livro seja tocado pela criança de forma a que ela tenha um contato mais íntimo com o objeto do seu interesse e percebam que os livros fazem parte de um mundo fascinante, onde a fantasia e o imaginário se apresentam por meio de palavras e desenhos.

### **Dia: 22 de outubro de 2010**

Ao iniciar este dia a educadora optou por realizar um jogo no tapete da sala com toda a turma e dispôs as peças de puzzles num monte no meio da turma. De seguida pediu a um aluno que fosse buscar uma peça e a colocasse à sua frente, logo depois pediu a outra criança que fosse retirar uma peça ao monte e a dispusesse no seu lado direito, realizou este tipo de exercício com todos alunos da turma de forma a que todos trabalhassem a lateralidade e a coordenação óculo-manual.

Na segunda parte da manhã a atividade escolhida para trabalhar na sala de aula foi mais lúdica e com um maior interesse para os alunos. Foram distribuídas pelos alunos fichas que continham o desenho de um peixe por colorir. Dentro de algumas partes dos peixes continham um número que correspondiam a uma cor previamente escolhida pela educadora.

Alguns dos alunos facilmente associaram o número à cor que este correspondia, demonstrando que o exercício que estavam a realizar era demasiado fácil. Por outro lado algumas das crianças sentiam-se frustradas por não conseguirem realizar o trabalho corretamente.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A atividade de pintar é utilizada com regularidade no pré-escolar. As crianças não possuem a habilidade motora coordenada, mas com a realização de atividades como esta a criança desenvolve as competências necessárias para obter a coordenação dos movimentos, a motricidade fina e a preceção óculo manual.

Como consta nas Orientações Curriculares (1997), “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina (...) (p. 61), também Gonçalves (1991) refere que “ à medida que a mão adquire, o controlo dos movimentos, o gesto torna-se cada vez mais lento e mais dominado.” (p. 7)

Esta atividade está interligada com o Domínio da Matemática, pois a associação cor - número é uma forma de desenvolver o crescimento matemático, para Moreira e Oliveira (2004) “jogar e brincar são atividades cruciais para o crescimento matemático (...) são atividades, que envolvem sentimentos de prazer, contemplação e execução (...)” (p. 65)

Para qualquer atividade é preciso motivar e incentivar as crianças a ultrapassar eventuais dificuldades que lhes apareçam.

### **Dia: 25 de outubro de 2010**

A educadora achou que seria a altura ideal para refletir com a sua turma sobre as regras sobre o bom funcionamento da sala de aula e fora da mesma, por isso mesmo, iniciou o tema com uma conversa sobre quais as melhores atitudes a ter com os colegas e com a educadora.

Na área da Matemática a aula realizou-se com a utilização de um material manipulativo que se chama 3.º dom de Fröbel. Com recurso a uma história, a primeira construção feita foi a do muro alto. Com a utilização desta, a educadora questionou as crianças com situações problemáticas com o objetivo de serem efetuadas mentalmente.

A segunda a ser realizada foi a das cadeiras e da mesa, e com esta a educadora iniciou a divisão com os alunos, recorrendo a imagens de iogurtes móveis que dispôs no quadro.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Neste dia é de salientar a conversa sobre as regras de sala de aula e fora da mesma. A noção de regras faz com que as crianças criem um sentido de responsabilidade, de acordo com Spodek e Saracho (1998) “as crianças aprendem gradualmente o comportamento adequado para o ambiente escolar, (...)” (p. 157)

É essencial que as crianças tenham uma coordenação óculo-manual bastante desenvolvida. O material utilizado pela educadora ajuda a esse desenvolvimento, e o facto de eles terem de conseguir realizar as construções de forma precisa ajuda ao seu crescimento.

A utilização de histórias para a construção do que se pretende é uma forma de envolver as crianças na tarefa de forma mais lúdica, segundo Caldeira (2009) “é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados (...)” (p. 255)

As construções pedidas pela educadora estão relacionadas com o dia-a-dia dos alunos tornando-as mais apelativas e entusiasmantes.

### **Dia: 26 de outubro de 2010**

O Sistema Solar faz parte do programa do bibe encarnado e foi com este tema que se iniciou mais um dia de estágio com a educadora a dirigir-se até a sala da televisão. A conversa começou pelos alunos serem questionados sobre o país em que vivem, quais as cores da bandeira, o continente em que ele se encontra e por fim o planeta.

Com estas perguntas e conversa, os alunos chegaram por eles próprios ao tema da aula. Após esta pequena exposição sobre o Sistema Solar, foram encaminhados para o espaço exterior do jardim-escola para realizarem vários jogos dirigidos.

Já perto de terminar a manhã de atividades foi proposto aos alunos para colorirem uma imagem que estava dividida em seis quadrados que, posteriormente, iriam recortar os mesmos e numa outra folha teriam de voltar a obter a imagem que lhes foi apresentada inicialmente.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Mais uma vez a educadora recorreu às atividades de recorte e colagem. Através delas as crianças desenvolvem capacidades bastantes importantes.

Uma delas é a coordenação motora óculo-manual, que de acordo com Figueiredo (2004), define-se na “capacidade que temos de coordenar os movimentos

de uma ou mais partes do corpo. Ela é importante nas atividades diárias da criança e também na aprendizagem da leitura e de escrita” (p. 60). Este tipo de capacidades vai prevalecer ao longo das suas vidas.

### **Dia: 29 de outubro de 2010**

Esta manhã ficou encarregue à minha colega de estágio, pois foi o seu dia de dar aula. Como principal tema tinha Terra, Sol e Lua.

Iniciou a manhã com os alunos dispostos em semi círculo no tapete da sala prontos para ouvir a história *A que sabe a lua (Michael Grejniec)*. Com uma cartola gigante criou um momento de magia e, ao abri-la, via-se o cenário da história. Após ter contado a história deslocou os alunos até aos seus lugares começando a explicar o planeta Terra, o Sol e a Lua.

Para a área de Matemática a minha colega optou por realizar um itinerário com material alternativo. Utilizando palhinhas tiveram de realizar um caminho que levasse o astronauta até à lua. Com um painel grande foi dando as instruções aos alunos para que estes realizassem o mesmo percurso na ficha trabalho que lhes tinha distribuído

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O momento da leitura da história foi, sem dúvida, o ponto alto desta aula. O facto de a minha colega ter feito inflexões de vozes consoante as personagens da história, captou o interesse e o entusiasmo dos alunos.

De acordo com Spodek e Saracho (1998) “ ler em voz alta (...) enriquece o divertimento e o entusiasmo da literatura, desenvolve o vocabulário oral (receptivo e expressivo), promove o conceito de leitura.” (p. 249) Foi realmente fantástico o momento de leitura e magia que ela proporcionou.

### **Dia: 2 de novembro de 2010**

Foi neste dia que eu dei a minha primeira manhã de aula. O tema indicado foi a diferença entre dia e noite. Comecei por encaminhar os alunos até à sala da televisão onde iria abordar a área de Estimulação à Leitura e o Conhecimento do Mundo. Contei, com ajuda de uns cartões, a história da Lua e do Sol e qual deles tinha maior importância. Esta foi escrita por mim com ajuda de informações que recolhi.

Após a leitura questionei os alunos qual seria a opinião deles em relação à importância que cada uma das personagens tem na nossa vida. Com o continuar da conversa introduzi o tema de Conhecimento do Mundo e expliquei, com ajuda deles, quais as principais diferenças entre o dia e a noite assim como as diversas atividades que se podem efetuar em cada momento.

Para a área da Matemática abordei o tema de teoria de conjunto. Primeiramente executei no quadro quatro conjuntos, em cada um deles, estavam imagens que não pertenciam ao grupo. Com a ajuda das crianças identificámos as imagens intrusas e colocámo-las dentro do conjunto correto. De seguida pedi que eles retirassem a quantidade de imagens correspondentes ao número de palmas que eu batia. Interroguei os alunos com cálculos mentais ao longo de toda a aula.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ao realizar todas as minhas aulas neste dia procurei recorrer ao conhecimento que as crianças já dominavam, com o objetivo de dar continuidade às aprendizagens. Como defendem Moreira e Oliveira (2004) “quer em tarefas propostas quer nas que surgem espontaneamente o educador pode sempre aproveitar o ambiente gerado para ampliar e reforço as ideias matemáticas das crianças” (p. 43)

Recorrendo às Orientações Curriculares do Pré-escolar (1997), “a capacidade do educador de escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo (...) facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar” (p. 67)

É importante aproveitar todos os conhecimentos dos alunos assim como todas as dúvidas.

### **Dia: 5 de novembro de 2010**

Neste dia a minha colega de estágio dirigiu mais uma manhã de aulas com o tema o ciclo da água. Para iniciar este dia ela recorreu ao computador para ler a história da gota de água. De seguida, com um placar grande e com uma gota de água de pano, explicou o funcionamento do ciclo da água.

Para a segunda parte da sua manhã sentou os alunos no tapete da sala em forma de U, com peças de formas geométricas que continham imagens de sóis, gotas e nuvens efetuou diversas sequências. Antes de cada aluno observar a imagem que lhe calhara, tinha de identificar a forma geométrica que a figura tinha. Depois de fazer

uma sequência com apenas duas variantes foi dificultando as mesmas ao longo da aula.

### **Dia: 8 de novembro de 2010**

Quando chegámos ao estágio já sabíamos que íamos ter a visita do escritor António Torrado e que as turmas iam ter o privilégio de ouvir as suas histórias contadas por ele. Assim, a educadora começou por dirigir as crianças até à sala de televisão e aí informou a minha colega que hoje iria dar uma aula surpresa de Estimulação à Leitura, poderia então escolher a história que pretendia ler.

O livro escolhido foi *O nabo gigante* (Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey). Após a leitura, a minha colega ia explorar a mesma, mas acabou por não se realizar pois tivemos de nos deslocar até ao ginásio do jardim-escola para ouvirmos as histórias contadas pelo escritor.

Chegado ao ginásio os bibes amarelos, encarnados e azuis ouviram algumas histórias. Foi notória a atenção e o fascínio das crianças a ouvirem verdadeiramente deliciosas a entoação que o autor dava as suas personagens, como se elas estivessem vivas num pequeno fantoche.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

As histórias são algo que acompanha o ser humano desde muito cedo, ouvir histórias faz parte do imaginário das crianças, elas tem a capacidade de absorver qualquer história que lhes seja contada, seja por quem for.

Para que a criança sinta interesse pela leitura e pelo contato com os livros é necessário estimulá-la nesta área, como Sim-Sim (2006) afirma “É do contacto entre os dois, leitor e texto, que nasce o sabor da leitura” (p. 8), em qualquer idade que seja é necessário provocar o interesse dos alunos para a leitura e estimular o contato com autores experientes e com uma grande capacidade de contar histórias, é sem dúvida uma mais-valia para as crianças Lima (2001) indica que “devemos promover atividades e experiências que estimulem naturalmente a necessidade da criança de aprender a ler” (p. 65).

Criou-se um ambiente não só de aprendizagem, mas também lúdico e divertido. Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), é necessário “proporcionar no jardim-de-infância, ambientes linguisticamente estimulantes e interagir verbalmente

com cada criança são duas vias complementares que podem ajudar a combater assimetrias que afectam o desenvolvimento da linguagem das crianças” (p. 12)

O facto de António Torrado recorrer a uma linguagem simples, inflexões de voz e ter contado a história com grande dinâmica cativou todos os presentes no ginásio, não só as crianças, mas também os adultos. Foi um momento delicioso e de pura magia.

### **Dia: 9 de novembro de 2010**

Foi neste dia que eu realizei a minha segunda manhã de aula, como principal tema tinha a importância da água, na área do Conhecimento do Mundo, e deste tema surgiram as atividades para as restantes áreas de conhecimento.

Comecei pela unidade curricular de Matemática, onde abordei as noções espaciais com ajuda de um material alternativo. Distribui pelos alunos uma placa com seis quadrados de diversas cores e um saquinho com figuras geométricas e com alguns marcadores, neste caso, umas molas. Comecei por trabalhar a lateralidade, pedindo que com a mão direita escolhessem uma figura geométrica com três lados e colocassem no quadrado azul. Assim fui continuando a minha aula criando situações problemáticas, à medida que lhes propunha ir buscar mais elementos para colocarem no placar. Ao longo da aula o grau de dificuldade foi aumentando.

Para realizar a segunda parte da manhã dirigi-me para a sala de música para com eles ler um poema e dramatizá-lo. Esse poema falava dos gestos que fazemos ao acordar. Na área do Conhecimento do Mundo trabalhei a importância da água na nossa vida.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Para cativar a atenção dos alunos para a área de Domínio da Matemática optei por utilizar um material manipulável elaborado por mim. Pretendia não só estimulá-los para situações problemáticas, mas também desenvolver a noção de lateralidade e noção espacial. Serrazina (2002) indica que “o recurso aos materiais manipuláveis e os instrumentos tecnológicos é imprescindível mas estes devem constituir um meio e não um fim” (p. 9). Tentei ter isto em atenção, pois procurei dar-lhes indicações nas restantes aulas, principalmente na questão da lateralidade, para continuar a desenvolver esta capacidade ao longo da manhã.



Na área do Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita planeei algo diferente e ao mesmo tempo mais lúdico. Em vez de contar uma história escolhi um poema de um autor desconhecido que permitia realizar a dramatização do mesmo. Segundo Magalhães (2008) “as crianças mais pequenas são facilmente despertas para a audição (...). Ao nível das percepções, elas conseguem captar e mimetizar alguns conhecimentos narrados.” (p. 59).

Assim após ter realizado por três vezes a leitura modelo, comecei por pedir aos alunos para tentarem dizer o poema comigo. Em coro conseguimos produzir um momento de memorização. A mesma autora sustenta a ideia de que “(...) a utilização de rimas (...) converte-se num precioso trabalho de treino das competências fonéticas (trava línguas), da concentração (lengalengas), tornando-se um instrumento eficaz para um imprescindível trabalho de memorização” (p. 63).

De seguida pedi para o fazerem num tom de voz muito baixinho, brincando com as crianças. Posteriormente sugeri que os alunos fossem dizendo o poema e ao mesmo tempo fazendo gestos. Finalmente, pedi a uma criança para que fizesse os gestos para a turma e esta a acompanhasse. Senti que ao início a criança estava um pouco retraída, porém com algum entusiasmo que lhe transmiti, ao brincar com ela, acabou por se divertir ao fazer os gestos para a turma.

### **Dia: 12 de novembro de 2010**

Como todos os dias, após as crianças cantarem no ginásio da escola a educadora encaminhou-os para a sala do bibe encarnado, onde iniciou uma conversa com as duas turmas e realizou o jogo “cuquinha,”. Após a outra educadora ter levado os seus alunos para outra sala, fui informada pela educadora cooperante que iria dar a minha aula surpresa e esta seria na área da Matemática. Teria então que abordar a teoria de conjuntos com o material alternativo que seria as palhinhas.

Comecei por lhes pedir que representassem um conjunto singular, ao qual a maioria dos alunos soube representar com grande facilidade. Utilizei o quadro como ferramenta para construir os meus próprios conjuntos e poder questionar os alunos em qualquer momento. À medida que a aula foi avançando, tentei complicar os exercícios de forma a desenvolver nas crianças, um raciocínio lógico e cálculo mental. Realizei com eles algumas situações problemáticas recorrendo a pequenas histórias inventadas no momento.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ao trabalhar este material manipulativo, as palhinhas, consegui trabalhar o cálculo mental. Segundo Caldeira (2009) este material é propício para a realização de cálculo mental, execução de diversas operações aritméticas, efectuar situações problemáticas e ainda para trabalhar a teoria de conjuntos.

Neste caso comecei por trabalhar apenas o mais básico pois eram os conhecimentos que eles já tinham adquirido. De acordo com Moreira e Oliveira (2003) “(...) o educador na preparação das actividades diárias do jardim de infância, deve partir do que a criança já conhece e ampliar esse conhecimento.” (p. 20)

Ao fazer a comparação entre conjuntos, dei a oportunidade às crianças para desenvolver a noção de quantidade, como referem Moreira e Oliveira (2003) “As crianças têm noção de quantidade, reconhecendo facilmente quando há muitos ou poucos objectos numa colecção.” (p. 119), Caldeira (2009) salienta ainda que “Devemos encorajar, as crianças a pensarem sobre quantidade, e é na fase entre os 4 e os 6 anos de idade, que elas demonstram interesse em contar objectos e comparar quantidades.” (p. 67)

## **2.2 - Estágio no Bibe Azul**

**Secção 2:** Período de estágio de 16/11/2010 a 07/01/2011

**Faixa Etária:** Bibe Azul (5 anos)

**Local de Estágio:** Jardim-Escola João de Deus de Albarraque

### **2.2.1 - Caracterização da turma**

A turma do bibe azul A é composta por vinte oito crianças maioritariamente com cinco anos, doze delas são do género feminino sendo os restantes dezasseis do género masculino.

É uma turma que está completamente inserida na dinâmica do jardim-escola. É um grupo que, devido à educadora, tem uma grande vontade de aprender e muito dinâmico, são empenhados e esforçados em qualquer área.

### **2.2.2 - Caracterização do espaço**

Como todas as outras valências do jardim-escola também o bibe azul A divide uma sala com a outra turma. A principal diferença deste bibe é que ambos funcionam ao mesmo tempo dentro da sala.

Cada educadora organiza o seu espaço de sala de aula, sendo que existem cantos comuns às duas turmas como o canto da casinha das bonecas ou ainda como um outro espaço que não tem um nome designado mas que é utilizado por qualquer educadora logo de manhã quando as duas turmas ainda se encontram juntas.

A educadora em questão continha espaços diferenciados por cada área curricular onde expunha os trabalhos realizados pelos alunos, para que os encarregados de educação os possam ver.

### **2.2.3 - Horário**

Como foi referido no momento de estágio anterior, todas as turmas elaboram um horário semanal onde indicam as atividades que pretendem realizar durante aquela semana.

Os horários (figura 7) são realizados segundo as normas da escola mas também de acordo com as maiores necessidades cognitivas das crianças. Estão normalmente expostos à entrada da sala para que os encarregados de educação tenham acesso a eles.



# HORÁRIO 2010/2011



Segunda		Terça		Quarta		Quinta		Sexta	
9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções
9.30	Iniciação à leitura e escrita	9.30	Iniciação à escrita matemática	9.30	Iniciação à leitura e escrita	9.30	Iniciação à escrita matemática	9.30	Iniciação à leitura e escrita
		10.00	Iniciação à matemática			10.00	Iniciação à matemática		
10.30	Atividades de ar livre								
11.00	Iniciação à matemática	11.00	Educação pelo movimento	11.00	Iniciação à matemática	11.00	Iniciação à leitura e escrita	11.00	Iniciação à matemática
11.30	Iniciação à escrita matemática	11.45	Iniciação à leitura e escrita	11.30	Iniciação à escrita matemática			11.30	Iniciação à escrita matemática
12.30	Jogos livres e orientados	12.30	Biblioteca de turma Cantinhos da sala de aula	12.30	Jogos livres e orientados	12.30	Biblioteca de turma Cantinhos da sala de aula	12.30	Jogos livres e orientados
13.00	Almoço								
13.30	Atividades de ar livre								
14.00	Informática	14.30	Educação para a cidadania/ experiências/ área projeto *	14.30	Conhecimento do mundo	14.30	Conhecimento do mundo	14.30	Ditados gráficos/ Desenhos de série*
14.30	Informática/ Expressão plástica								
15.00	Conhecimento do mundo	15.00	Expressão plástica	15.00	Música	15.00	Expressão plástica	15.00	Terminar e arrumar trabalhos
15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	15.30	Inglês
16.20	Lanche								
16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados

## Bibe azul A

## Educadora Guida

\* Estas atividades alternam semanalmente

Figura 7 – Horário do bibe azul A

### 2.2.4 - Rotinas

As rotinas dos alunos do bibe azul são em todo iguais ao bibe anteriormente descrito, diferenciam apenas na hora do almoço. Como tal não serão descritas nesta secção.

### **2.2.5 - Relatos - Bibe Azul**

**Dia: 16 de novembro de 2010**

Este foi o primeiro dia de estágio no bibe azul. Tal como o bibe anterior, o dia começa na roda de cantigas. Ao chegarem a sala de aula a educadora distribuiu pelos alunos os seus cadernos de escrita, enquanto a maior parte da turma treinava a caligrafia, um pequeno grupo era encaminhado para a lição da Cartilha. Esta lição depende de grupo para grupo.

Os cadernos de escrita ajudam no desenvolvimento intelectual, pois para escreverem tem de, primeiramente, ler a frase ou palavra, também estas palavras/frases dependem do nível em que se encontram na Cartilha. Nenhuma criança pode ir mais a frente no caderno de escrita em relação às aulas de Cartilha que tem.

Com o Natal à porta é altura dos preparativos para a festa que os alunos vão apresentar para esta data festiva, sendo assim durante esta manhã assisti aos ensaios do bibe azul. Com as turmas juntas dividiram os alunos e cada grupo ficava responsável por tocar um instrumento musical.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

É no Bibe Azul que as crianças têm o verdadeiro contato com a leitura, pois é aqui que eles começam a aprender a ler com o método da Cartilha Maternal João de Deus. Este contato com a leitura é extremamente apelativo para as crianças, pois sentem um interesse enorme por descobrirem coisas novas.

A Cartilha está dividida por lições e em cada uma delas encontram-se palavras que se tornam possíveis para aprendizagem e para a sua leitura. É representada em sala de aula por um livro grande que permite uma maior visibilidade mas também uma maior motivação, pois de acordo com Viana (2001) (citado por Ruivo, 2009) “A utilização de um livro grande, cuja leitura facilita o apontar com o dedo, permite que a criança facilmente se dê conta da direccionalidade da escrita e da leitura.” (p. 119)

Todos os dias os alunos se dirigem, em pequenos grupos, à Cartilha para mais uma lição, num diálogo entre educadora e crianças, elas tem conhecimento da letra, do seu som e da sua regra. É sabido que as crianças não aprendem a ler

espontaneamente, é necessário haver um trabalho diário para tal acontecer, Sim-Sim (2006) refere que:

aprender a ler é uma tarefa para a vida e ensinar a ler deve ser uma das prioridades não só dos professores da língua materna, mas de todos docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai sempre estar presente. (p. 99).

Daqui podemos tirar uma ideia da importância da leitura nas nossas vidas, pois é necessário que esta seja desenvolvida nas melhores formas.

### **Dia: 19 de novembro de 2010**

Para começar o dia de uma forma diferente a educadora cooperante perguntou se tínhamos algum material matemático que quiséssemos ver leccionar, ao qual eu e a minha colega de estágio respondemos que gostaríamos de ver o máximo de materiais possíveis. A educadora optou por utilizar as Calculadoras Papy. Começou por explorar o material com os alunos fazendo exercícios básicos, como a representação de um número, ao longo da aula foi aumentando a complexidade para perceber as dificuldades existentes no grupo.

Na segunda parte da manhã alguns grupos foram chamados à Cartilha, enquanto os outros realizavam tarefas nos cadernos de escrita. Antes de passarem a palavra definitiva para o caderno de escrita têm de treinar em folhas, sendo que alguns se deslocam até ao quadro para escreverem a letra em que vão.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

As Calculadoras Papy consistem em placas com quatro cores distintas, sendo branco que representa uma unidade, azul representa duas unidades, rosa quatro unidades e por fim a verde que representa oito unidades. Como todos os outros materiais manipuláveis já referidos estas têm regras de utilização e servem para representarmos números naturais, decimais e ainda realizar operações.

Caldeira (2009) refere que:

(...) com este material a criança:

- a) aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema;
- b) realiza a compreensão dos números e da numeração;
- c) reconhece a compreensão do sentido do número e das operações;
- d) efectua o cálculo com números realizando operações;
- e) desenvolve o cálculo;
- f) resolve situações problemáticas. (p. 347)

## **Dia: 22 de novembro de 2010**

Como é hábito, e faz parte dos dias do bibe azul, a manhã começou com a ida dos grupos à Cartilha, para mais uma lição do dia. Mais uma vez, enquanto uns estão com a educadora a ter a lição, os outros encontram-se nas suas mesas a trabalhar nos seus cadernos de escrita previamente distribuídos.

Após a hora de descanso e brincadeiras no exterior da escola, os alunos regressam para mais uma aula de Iniciação à Matemática, esta com apoio do material didático, Calculadores Multibásicos.

Para realizar esta aula a educadora recorreu a uma história inventada com o intuito de introduzir algumas operações aritméticas, como a adição. Trabalhou a mesma, recorrendo ao jogo das bases, indo dificultando o exercício à medida que ia avançando a aula.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A Cartilha é lecionada em pequenos grupos, normalmente equilibrados, como Ruivo (2009) faz referência “os mais activos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes” (p. 133). Os grupos têm de ser contrabalançados e vão sofrendo alterações, ou seja o grupo que inicia a primeira lição da Cartilha pode não ir em conjunto até à última.

Apesar dos alunos irem à Cartilha em grupos, cada criança terá o seu momento, ou seja, o ensino é focado numa criança de cada vez, assim sendo não respondem em coro nem lêem a mesma palavra, Ruivo (2009) afirma isso mesmo “Nunca devem responder em coro, cada um fala na sua vez, mas estão todos empenhados numa mesma tarefa.” (p. 133)

A educadora, em qualquer tarefa diária, não se deve esquecer do reforço positivo. A Cartilha não é exceção. As crianças tem de ser estimuladas nas conquistas que vão tendo ao longo do seu percurso académico. Todo o ser humano gosta de ser reconhecido pelo trabalho que desempenha, tenha ele a idade que tiver. Mais uma vez Ruivo (2009) sublinha esta ideia “É importante não esquecer a necessidade de estimular e reforçar as pequenas conquistas que a criança vai fazendo, porque aprender a ler requer disponibilidade afectiva, atenção e também esforço.” (p. 133)

### **Dia: 23 de novembro de 2010**

Nesta manhã durante a ida de um grupo à Cartilha, após a leitura preparatória que a educadora realizou com uma criança, pediu à mesma para utilizar a palavra que tinha lido numa frase à sua escolha. Reparei que a criança não correspondia ao pedido da educadora e, apesar da sua insistência, esta não conseguia formar a frase.

A professora perguntou à criança se esta sabia o que queria dizer a palavra que acabara de ler, ao que ela respondeu negativamente. Após ter sido explicada, o aluno conseguiu realizar a frase inicialmente pedida.

Mais uma vez a segunda parte da manhã foi dedicada aos ensaios da festa de Natal, desta vez apenas uma turma do bibe azul A se encontrava a ensaiar, pois tratava-se de uma pequena dramatização sobre o Natal.

Foi com entusiasmo que eles fizeram o ensaio, sendo que houve momentos de alguma agitação, principalmente junto dos alunos que não estavam a participar ativamente no momento.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Os momentos de maior diversão também são necessários, e os ensaios para a festa de Natal representam isso mesmo, dá-lhes prazer trabalhar em algo diferente. O facto de ser distribuído pelas crianças um papel que terão de desempenhar aumenta-lhes a auto estima, pois sentem que as atenções estão focadas nelas, nem que seja por meros instantes, sentem-se importantes por terem um papel ativo numa festa tão importante.

Apesar de ser uma tarefa que os alunos sentem interesse em realizar não se pode esquecer o papel do educador/professor, pois cabe a ele motivar os alunos para



a atividade; assim, as crianças ao sentirem a motivação da própria educadora, realizam as tarefas com uma pré disposição diferente.

É de salientar, que a festa de Natal é um trabalho em grupo que as crianças realizam, “quando os alunos trabalham juntos com o mesmo objectivo de aprendizagem e produzem um produto ou solução final comum, estão a aprender cooperativamente”<sup>1</sup>. A verdade é que as crianças aprendem umas com as outras e o facto de trabalharem em conjunto e para o mesmo objetivo aumenta-lhes a criatividade e auto estima, Morgado (1999) defende que o trabalho em conjunto “estimula a auto estima dos alunos, na medida em que todos os alunos contribuem para o sucesso da tarefa do grupo” (p. 54)

### **Dia: 26 de novembro de 2010**

A manhã começou com a utilização das Calculadoras Papy, onde a educadora pretendeu desenvolver nos alunos a compreensão do sentido de número e das operações. Realizou com eles pequenos exercícios, iniciando a aula com a representação do número 7. Seguindo esta linha de pensamento, foi sugerindo aos alunos diversos números para os mesmos representarem nas suas calculadoras. Por fim colocou o número 18 no quadro, com o objetivo das crianças descobrirem várias maneiras de o representar.

Para completar a manhã de atividades, a educadora lecionou mais uma aula de Cartilha, assim enquanto uns realizavam os trabalhos nos cadernos de escrita, um grupo dirigia-se até à Cartilha maternal para mais uma lição do dia.

Por fim o bibe azul foi encaminhado até ao ginásio da escola para mais um ensaio da dramatização que vão realizar no dia da festa de Natal.

### **Dia: 29 de novembro de 2010**

Com a festa de Natal a aproximar-se é necessário apostar nos ensaios para que tudo fique como desejado e projetado. Posto isto, este dia foi dedicado quase por inteiro aos ensaios para a festa.

Após o acolhimento habitual no ginásio, os alunos foram conduzidos até à sala do bibe azul. Depois de uma conversa com os alunos, estes foram sentados nos seus

---

<sup>1</sup> <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v15n4/v15n4a04.pdf>

lugares habituais, visto que, no ginásio, se encontrava outro bibe a ensaiar; assim os alunos realizaram alguns trabalhos nos seus cadernos de escrita e tiveram a aula de Cartilha.

Logo que o ginásio ficou livre a educadora levou-os até o recinto, onde estiveram o resto da manhã a ensaiar a peça de teatro sobre o Natal.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

É importante fazer referência aos cadernos de escrita que são distribuídos diariamente pela educadora aos alunos. Neles estão contidas pequenas tarefas de escrita, daí o seu nome, para os alunos irem praticando a caligrafia.

Nenhuma criança, na escrita, se encontra na mesma letra da leitura, pois é um processo mais lento que deve ser treinado. Para isso a educadora necessita de estruturar bem as tarefas que pede aos alunos, como assinala, Curto et al. (2000), (citado por Ruivo, 2009) “uma tarefa demasiado fácil torna-se monótona. Uma tarefa demasiado difícil assusta e inibe. As crianças devem sentir-se capazes de abordar com sucesso a tarefa que lhes propomos.” (p. 135)

O processo dos cadernos de escrita tem um “ritual”. A criança começa em primeiro lugar por escrever a letra, sendo primeiramente escrita no quadro e só depois passa para uma folha de rascunho, onde escreve a lápis e, após corrigida, passa a escrever nessa mesma folha a caneta e só de seguida é que passa para o caderno. Este processo realiza-se para uma letra, posteriormente para uma palavra e finalmente para uma frase.

### **Dia: 30 de novembro de 2010**

Como eu e a minha colega de estágio tivemos conhecimento que iríamos dar uma aula programada neste bibe, pedimos à educadora se seria possível dar uma aula a mais, mesmo que fosse em conjunto. Depois de ter sido aceite o nosso pedido eu e a minha colega idealizámos uma aula em conjunto que decorreu neste mesmo dia.

Começamos, então, por contar uma história em conjunto com o *nome O patinho Barnabé e o meio ambiente: A gota Barriguda*. Pegando nesta história a minha colega introduziu o tema do ciclo da água, utilizando um cartaz elaborado por ela, para explicar o percurso que a gota Barriguda tinha feito.

A aula de Iniciação à Matemática ficou sob minha responsabilidade. Realizei então, em musgami, as peças do material Blocos Lógicos e realizei com a turma um jogo, que consistia num aluno adivinhar a peça que o colega lhe tinha dado. Ao longo do jogo fui variando as estratégias de adivinharem a peça e os atributos da mesma.

### **Dia: 3 de dezembro de 2010**

Este foi o dia das aulas programadas, no qual eu e a minha colega de estágio seríamos avaliadas pelas coordenadoras da Prática Pedagógica. Depois de planearmos as nossas aulas, decidimos que a minha colega seria a primeira a começar. Tendo como tema principal o sal.

Começou pela aula de Iniciação à Matemática e com ajuda do Geoplano criou o percurso que se tinha de realizar para se chegar à praia. De seguida leu uma história intitulada como *O Vítor vai à praia*, com objetivo de integrar os alunos no tema seguinte sobre o sal.

Após a leitura da mesma, a minha colega introduziu o tema do Conhecimento do Mundo, recorrendo ao que eles já sabiam e explorando o cenário da praia que estava presente.

De seguida, eu iria iniciar a minha aula, comecei por lhes contar a história *A bruxa Mimi vai à praia* de Korky Paul e Valerie Thomas. Com a mesma procurei introduzir o tema de Conhecimento do Mundo, que seria a areia. Explorei as sensações que a areia lhes provocava, recorrendo ao que eles fazem quando vão à praia. Realizei também uma atividade que consistia em transformar a areia da praia em areia colorida.

Para finalizar lecionei a aula de Iniciação à Matemática através dos Calculadores Multibásicos. Efetuei algumas situações problemáticas em diversas bases, terminando na base 10, para que o aluno pudesse fazer a leitura por classes e ordens.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Apesar de se tratar de uma aula pensada e planeada com muito cuidado, não foi de todo a melhor, pois as estratégias escolhidas não foram as ideais. Ao realizar a leitura da história, fi-lo de forma entusiasta, provocando interesse nos alunos. De acordo com Agüera (2008):

As crianças acreditam em tudo (...) se eu disser que a minha mão fala, para elas é assim (...) um bom recurso para que o educador acompanhe a narração são os gestos, as encenações, as entoações diante das crianças durante a narração. (p. 35)

Na área do Conhecimento do Mundo, desperdicei bastante tempo numa atividade mais lúdica que consistia em colorir a areia, havendo assim uma má gestão de tempo. Na aula do Domínio da Matemática a utilização dos Calculadores Multibásicos foi uma mais-valia para mim, pois apesar de ter ainda pouco conhecimento dos mesmos, visto que foi apenas no mestrado que tivemos a disciplina sobre os materiais manipulativos, a aula decorreu de forma simples mas bem estruturada.

No último exercício realizado nos Calculadores Multibásicos, foi efetuado na base 10, tendo como objetivo as crianças fazerem a leitura de números na base 10. Para que a leitura decorra na perfeição os alunos tem de ter um bom sentido de número, segundo as Normas (1991) (citado por Caldeira, 2009) “Para perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam de compreender os números...” (p. 203)

Este material permite a aquisição do sentido do número com uma maior facilidade. A mesma autora refere “Os calculadores multibásicos permitem aprofundar a compreensão da essência do número e das quatro operações aritméticas.” (p. 208)

### **Dia: 6 de dezembro de 2010**

Neste dia, outras duas colegas do mestrado deram a aula programada, ambas na sala do Bibe Azul B. A primeira abordou o tema sobre o arco-íris, fazendo relação entre as cores do mesmo com os sentimentos que estas provocavam nas crianças, apelando assim às emoções. Na área do Domínio da Matemática a colega trabalhou o 3º dom, recorrendo a uma réplica em tamanho gigante, de forma que as crianças pudessem visualizar melhor.

A outra colega trabalhou o tema: O carvão e a sua exploração. Usou para o efeito uma maquete de uma mina, que ajudou a cativar os alunos. Já na área da Matemática, utilizou o Cuisenaire. É de enaltecer que as duas dinamizaram atividades para o grupo, enquanto apresentaram uma lição de Cartilha a um pequeno grupo de alunos.

### **Dia: 10 de dezembro de 2010**

A grande festa de Natal iria realizar-se já no dia 12 de dezembro, sendo então necessário haver ensaios gerais, e este dia foi escolhido para isso. Durante a manhã, os alunos e educadoras andavam dedicados à festa que estava para acontecer.

O bibe azul, enquanto esperava pela sua hora de ensaio, pois todos os bibes estavam a ensaiar no ginásio, realizaram um exercício de picotagem de um boneco de neve. Depois de algum tempo de espera, os alunos foram até ao ginásio ensaiar. Eu e a minha colega ficámos na sala a preparar alguns fatos e adereços que iam ser utilizados na festa.

Como o trabalho a ser feito era bastante, eu e as minhas colegas de estágio ficámos durante algum tempo, na parte da tarde de estágio, para podermos ajudar o mais possível, a fazer fatos e adereços.

### **Dia: 13 de dezembro de 2010**

A festa de Natal tinha sido um sucesso no dia anterior, e como recompensa para os alunos que se esforçaram o máximo para que tudo corresse da melhor maneira, o dia de hoje foi de brincadeira.

Começaram por ficar mais tempo na roda do que o habitual, cantando e jogando. De seguida todos alunos do jardim-escola foram encaminhados para o exterior onde os alunos tiveram toda a manhã a brincar livremente, para poderem descansar de um dia anterior cheio de emoções e trabalho.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Todas as crianças gostam de brincar/jogar e este dia não só foi de brincadeira, mas também se traduziu num reforço positivo, dado que a festa tinha sido um sucesso. O ato de brincar pode ser utilizado como recompensa de algo, Cousinet (citado por Santos, 1991) reforça a ideia de que “o jogo é uma actividade agradável que se opõe ao trabalho”, o mesmo autor refere ainda Spencer que defende “o jogo é a actividade destinada a utilizar o resto da energia dispensada a executar o trabalho” (p. 19-20)

O jogo/brincadeira deve ser encarado pelos educadores/professores como uma forma lúdica e não como um meio para atingir um fim. Apesar de ter um carácter

educativo, deve ser livre para a criança expressar as suas vontades, as suas opiniões e as suas concepções alternativas. Brougère (1995) afirma que “o jogo pressupõe o reencontro entre uma situação lúdica e uma atitude lúdica, um jogo e um jogador.” (p. 257)

É necessário que as crianças tenham contato com os jogos dirigidos e aplicados pelo professor, mas é de salientar a extrema importância dos jogos/brincadeiras livres escolhidos e dirigidos pelas crianças, sem qualquer intervenção do adulto. Pretende-se que estas tenham a capacidade de se organizarem da melhor forma possível, pois é do seu total interesse que o façam, caso contrário não conseguiriam jogar/brincar. O mesmo autor citando Bruner escreve que “o jogo livre dá à criança uma primeira possibilidade absolutamente determinante de ter coragem de pensar, de falar e talvez de ser ela própria.” (p. 257)

#### **Dia: 14 de dezembro de 2010**

Esta manhã de estágio ficou marcada pela aula da minha colega de estágio. Como estávamos perto do Natal o tema principal da aula seria o Natal em Portugal. Assim, começou por realizar um ditado gráfico sobre o Natal e o presépio.

Seguido de uma pausa para brincadeira, veio o resto da manhã de aulas, com um cenário muito tranquilo, a minha colega contou a história *O meu primeiro Natal*, pedindo a colaboração dos alunos durante a leitura sempre que possível e indicado. Para abordar o tema sobre o Natal em Portugal, a minha colega recorreu a imagens e abordou o seu próprio Natal, para que depois as crianças pudessem falar desta época festiva em suas casas, havendo uma troca de experiências e conhecimentos entre eles.

#### **Dia: 17 de dezembro de 2010**

Neste dia eu tinha a minha manhã de aula e o tema seria o Natal nos outros países. Optei por falar do Natal na Espanha, no Brasil e na África do Sul, relacionando o que de diferente tinham entre eles e com a nossa tradição, mostrando um pouco da tradição nos diferentes países.

Entendi que, desta vez, a hora de estimulação à leitura não iria ter seguimento com o resto da aula, para tal escolhi trabalhar com os alunos a leitura de alguns provérbios e destrava línguas.

Para a aula do Domínio da Matemática, realizei um jogo em equipas, onde abrangia diversos materiais didáticos. Este consistia em cada equipa descobrir cartões iguais aos seus símbolos de identificação e, posteriormente, teriam de resolver uma situação problemática, a representação de um número.

#### **Dia: 4 de janeiro de 2011**

Ao iniciar este dia a educadora do bibe azul pediu à minha colega de estágio para iniciar a aula de Estimulação à Leitura conduzindo um grupo na Cartilha. A lição escolhida foi o “netil”, começou por apresentar a letra e explicando os valores e funções, após a explicação cada criança leu uma palavra com a sua ajuda.

De seguida a educadora pediu-me para apresentar uma nova letra a outro grupo. A letra escolhida foi o “metil”, comecei por fazer revisão da lição anterior, para depois explicar que esta letra ia ter a função de letra e de “til”. Por fim, cada aluno leu uma palavra e realizou uma frase com a mesma.

#### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Estas aulas surpresa contribuem para uma aprendizagem enquanto futuros docentes. Ao longo da nossa vida iremos ser confrontados com diversas aulas inesperadas, pois as crianças são imprevisíveis nas suas dúvidas e questões, sendo necessário a capacidade de resposta por parte do docente.

As aulas surpresa, seja por parte da educadora/professora cooperante ou por parte das professoras da Prática Pedagógica, são uma forma de avaliar, orientar e preparar os estagiários para a futura profissão. De acordo com Alarcão e Tavares (2003) “depreende-se desta noção que a supervisão tem um lugar num tempo continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo. Tem um objectivo: o desenvolvimento profissional do professor.” (p. 197)

#### **Dia: 7 de janeiro de 2011**

O meu último dia no bibe azul foi também a minha segunda manhã de aulas que lecionei. Como o Dia de Reis tinha sido no dia anterior, o tema da aula foi esse mesmo. Comecei por dramatizar com os alunos a história da viagem dos reis magos. Logo de seguida iniciei a aula na área do Domínio da Matemática, onde com auxílio do 3º e 4º dom, contei uma história de dois irmãos, trabalhando cálculo mental e situações problemáticas com dados desnecessários.

Na área do Conhecimento do Mundo abordei os Reis Magos, mostrando diversas imagens, com recurso ao *PowerPoint*, expliquei também o significado do dia de reis e o porquê do seu nome.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A aula do Domínio da Matemática foi sem dúvida o momento mais empolgante para mim nesta manhã, pois através de uma história, com bonecos e com o material manipulativo, consegui criar um momento de boa disposição e, principalmente, um momento de aprendizagem.

Este material é eficaz para o desenvolvimento da motricidade fina, pois com as regras que ele possui exige uma destreza manual. Caldeira (2009) afirma que “(...) requerem maior destreza manual, mais equilíbrio, assim como uma maior “ginástica” mental.” (p. 260). Ao trabalhar este material com recurso a uma história consegui entusiasmar os alunos para as situações problemáticas que foram surgindo. Caldeira (2009) escreve que:

é mais apelativo para as crianças estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p. 255)

As imagens que usei para esta mesma aula, facilitaram a compreensão dos alunos para a aprendizagem.



## **2.3 - Estágio no Bibe Amarelo**

**Secção 3:** Período de estágio de 10/01/11 a 18/02/2011

**Faixa Etária:** Bibe Amarelo (3 anos)

**Local de Estágio:** Jardim-Escola João de Deus de Albarraque

### **2.3.1 - Caracterização da turma**

A turma do bibe amarelo A é formada por vinte cinco crianças, sendo catorze do género feminino e onze do género masculino; devido ao período que nos encontramos muitas das idades já sofreram alterações, por isso estas crianças têm entre 3 a 4 anos de idade.

Grande parte das famílias destas crianças pertencem ao nível socioeconómico médio/baixo.

É um grupo estável e que se encontra em plena harmonia com a dinâmica deste jardim-escola. A relação entre a educadora e os alunos é bastante boa, nota-se um carinho muito grande entre o grupo. São crianças motivadas, interessadas, criativas e com grande autonomia.

É de salientar que este grupo é bastante desenvolvido a nível cognitivo, apresenta bons conhecimentos em qualquer área. É uma turma um pouco barulhenta e distraída, devido, também, ao facto de existir uma criança, que apesar de ter um conhecimento extremo, necessita da atenção permanente por parte da educadora, pois tem grandes dificuldades de concentração.

### **2.3.2 - Caracterização do espaço**

O bibe amarelo possui uma sala de grandes dimensões que é partilhada pelas duas turmas, sendo que estas nunca funcionam em simultâneo dentro da mesma. A sala está dividida em secções, havendo o tapete, onde muitas vezes se trabalham histórias, as mesas e a varanda, que é o espaço de brincadeira.

Possuem também uma sala de apoio, é uma sala de pequenas dimensões e com pouca iluminação. É uma sala utilizada maioritariamente para as aulas de Iniciação à Estimulação à Leitura e para as de Conhecimento do Mundo. As turmas

vão alternando de sala em sala consoante as necessidades das educadoras. Para tal é necessário haver uma grande comunicação e trabalho de equipa entre as mesmas.

### 2.3.3 - Horário

Mais uma vez refere-se que todas as turmas elaboram um horário semanal onde indicam as atividades que pretendem realizar durante aquela semana.

Os horários são realizados segundo as normas da escola, mas também de acordo com as maiores necessidades cognitivas das crianças. Na figura que se segue está representado o horário deste bibe.



Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento - Canções de roda, jogos e higiene				
9:45	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
10:30	Recreio				
11:10	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Movimento	Iniciação à Matemática
11:45	Expressão Plástica	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica
12:30	Higiene e Almoço				
13:00	Sesta, Levantar e Higiene				
15:00	Estimulação à Leitura	Música	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Estimulação à Leitura
15:30	Lanche				
16:00	Jogos Orientados				
16:30	Brincadeiras nos cantinhos				
Educadora Cátia Tomás					

**Figura 8 – Horário do bibe amarelo A**

### 2.3.4 - Rotinas

As rotinas dos alunos do bibe amarelo são em todo iguais ao bibe anteriormente descrito, diferenciam-se apenas na hora do almoço, e no facto de estes alunos ainda fazerem a hora da sesta, que a partir do início do mês de janeiro deixou de ser realizada.

### **2.3.5 - Relatos - Bibe Amarelo**

**Dia: 10 de janeiro de 2011**

No primeiro dia de estágio no bibe amarelo tivemos o contato com as crianças e o ato de leitura; a educadora encaminhou-as até à sala da televisão onde, com o apoio do *PowerPoint*, criou um momento de magia contando uma história sobre a semente de uma flor.

Partindo da história, falou com os alunos sobre o crescimento de uma planta e quais os cuidados a ter para que esta crescesse de forma apropriada. Para consolidar esta informação a educadora encaminhou os alunos até à sala de apoio, onde cada um pode plantar a sua semente de feijão.

Para terminar a manhã de aulas a educadora levou as crianças até a sua sala, com o material Cuisenaire deu a aula na área do Domínio da Matemática.

#### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Por este material ser fácil de manusear provoca entusiasmo, motivação para a aprendizagem. De acordo com Caldeira (2009) “As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação.” (p. 126)

É um material que pode ser explorado desde a infantil até ao ensino básico, devido à diversidade de temas que podem ser abordados, como refere Palhares e Gomes (citado por Caldeira, 2009):

a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar fracções e decimais estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação de números e comparar “partes de” e resolver problemas (p. 129)

A utilização de materiais manipulativos têm uma razão, é necessário a sua manipulação por parte do aluno e com isso retirar ideias matemáticas, como Caldeira (2009) escreve “o princípio básico referente ao uso dos materiais, consiste em manipular objectos e “extrair” princípios matemáticos. Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstractas.” (p. 15). A mesma autora salienta ainda que “O material Cuisenaire pode

ser utilizado em “demonstrações” feitas pelo professor, mas não será demais lembrar que ele foi concebido principalmente como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos.” (p. 127)

### **Dia: 11 de janeiro de 2011**

Logo de manhã a educadora encaminhou os meninos até à sala mais pequena. Começaram por observar as suas sementes, que tinham plantado no dia anterior, como elas se apresentavam e qual a sua evolução.

Como tinham faltado alguns meninos no dia em que semearam-se os feijões, a educadora pediu a algumas crianças para explicarem a tarefa que realizaram no dia anterior por forma a que estes pudessem realizar também a atividade em questão.

Após a hora de intervalo e da brincadeira a educadora introduziu, com ajuda do material Cuisenaire, a peça que representa cinco unidades, efetuaram a escada crescente até a peça rosa (4 unidades). A educadora deixou que os alunos procurassem a peça que poderia surgir a seguir. De forma a confirmar que a peça amarela representava cinco unidades, pediu aos meninos para colocarem por cima, da mesma, peças brancas até corresponder ao comprimento da peça.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Involuntariamente as crianças têm acesso à ciência e à tecnologia, criam conceitos e ideias através do que observam e com o que manipulam, segundo Martins et al (2009) “a sociedade actual é eminentemente científica e tecnológica, e as crianças desde cedo contactam, de forma mais ou menos directa, com diversos equipamentos/brinquedos (...)” (p. 11)

É no jardim-escola que muitas vezes estas concepções alternativas se vão “desmontando” e dando lugar a um conhecimento científico, cabendo ao educador sensibilizar os alunos para as atividades científicas, proporcionando experiências e deixando-os manipular distintos objetos. De acordo com as Orientações Curriculares do Pré-Escolar (1997) “a sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais.” (p. 82)

Martins et al (2009) reforça ainda que “uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde,

no ensino básico” (p. 13), sendo então necessário criar as bases para mais tarde a aprendizagem ocorrer na totalidade.

### **Dia: 14 de janeiro de 2011**

No seguimento das aulas anteriores, a educadora proporcionou uma aula diferente e mais lúdica. Iniciou a manhã realizando uma visita de estudo ao jardim da própria escola, para poderem observar as árvores e os seus constituintes, como ramos, folhas, flor, entre outras características. Foram também visitar a horta que a escola possui, com o objetivo de descobrirem as diferenças entre os diversos legumes e frutos nela presentes.

Na área do Domínio da Matemática, a educadora deu uma aula sobre os atributos das figuras geométricas, recorrendo ao material manipulativo Blocos Lógicos (figura 9).



**Figura 9 – Blocos Lógicos**

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Este material é utilizado com uma maior frequência no bibe amarelo, e trata-se de quatro figuras com formas diferentes entre si, quadrangular, retangular, triangular e circular. Possuem três cores diferentes, encarnada, azul e amarela e apresentam, também, tamanhos e espessuras diferenciadas.

Caldeira (2009) refere que “Interessa que os objectos que ela observa e manipula se distingam uns dos outros por critérios facilmente detectáveis e não, que entre uns e outros, haja possibilidade de confusão ou distinção imprecisa.” (p. 364)

Ao contactar com este material pela primeira vez, a criança tem o instinto de construir coisas ao qual tem conhecimento, muitas vezes associadas, involuntariamente, à Matemática, de acordo com Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) “Ao entrar na escola, têm já conhecimentos informais de Matemática que não podem ser ignorados” (p. 24).

Cabe ao professor/educador, partir desses mesmos conhecimentos, para construir um novo pensamento lógico, os mesmos autores ilustram que “(...) o professor não deve ignorar as experiências e os conhecimentos prévios que os seus alunos possuem (...) precisa de estar atento e construir as situações de aprendizagem (...) sobre essas experiências e esses conhecimentos (...)” (p. 29)

A educadora, ao trabalhar os atributos das peças deste material, desenvolve o raciocínio lógico-matemático. Caldeira (2009) salienta que este “inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar (...)” (p. 364)

### **Dia: 18 de janeiro de 2011**

Num dia em que tudo parecia normal, fui surpreendida por uma professora da Prática Pedagógica, que me propôs realizar uma aula na área do Domínio da Matemática com os Blocos Lógicos.

Dei então uma aula sobre os atributos deste material manipulativo onde permiti a manuseio do material assim como a comparação de cores, tamanhos e formas, não só entre as figuras geométricas do material, mas com outros objetos presentes em sala de aula.

Estava com esta turma há apenas quatro dias, o que me causou algum receio, pois nunca tinha lecionado uma aula a estes meninos. Fiquei bastante apreensiva pois sabia que algumas crianças tinham por vezes um comportamento desadequado.

Comecei por pedir a uma criança para retirar uma peça, não deixando que o restante da turma o fizesse; logo aí a turma ficou agitada pois sendo eles pequeninos o que querem é manipular o material que se encontra em cima da mesa.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Durante toda a aula os alunos demonstraram grande conhecimento acerca deste material e os seus atributos, sendo a cor e a forma os mais fáceis de detetar, notei que grande parte dos alunos, apesar de saberem, tinham de ser estimulados, ou melhor lembrados, para os outros dois atributos. Segundo Picard (citado por Caldeira, 2009) :

(...) a classificação mais fácil para a criança é a **forma** (...). A seguir o atributo mais perceptível é a **cor**. Os dois restantes atributos, **tamanho** e **espessura**, só se identificam abstraindo-se da cor e da forma, e dificilmente são referidos espontaneamente, pela criança, tendo que ser, normalmente, estimulados para o fazerem. (p. 365)

Ao comparar as peças deste material com alguns elementos presentes na sala de aula provocou uma maior atenção aos alunos, pois todos queriam ser os primeiros a descobrir um elemento que tivesse algo em comum com a peça em questão.

### **Dia: 21 de janeiro de 2011**

Ainda no tema do Conhecimento do Mundo, as plantas. A educadora proporcionou uma atividade experimental, com o objetivo das crianças perceberem como as plantas se alimentam.

Assim sendo, com ajuda de um cravo branco, água, um copo transparente e um corante alimentar, demonstrou que ao colocar no copo a água, o corante de cor e por fim o cravo, a planta ao absorver a água misturada com o corante, vai começar a ficar com as pétalas pigmentadas com a respetiva cor do corante, fazendo os meninos perceberem que a planta necessita da água e consegue absorve-la até às partes mais altas.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Mais uma vez a educadora recorreu a uma atividade para estimular os alunos para a ciência. De acordo com Martins et al (2009) “As aprendizagens que a criança realiza (...) decorrem principalmente da acção, da manipulação que faz dos objectos que tem à sua disposição sendo, por isso, do tipo causa/efeito” (p. 12)

Nestas idades as crianças têm uma maior disposição para adquirirem novos conhecimentos. Relativamente às ciências deve ser o educador a criar o elo de ligação

entre os alunos e a ciência, de acordo com Zabala e Arnou (2007) (citados por Martins et al, 2009):

(...) em idade pré-escolar, as crianças estão predispostas para aprendizagens de ciência, cabe aos (às) educadores (as) conceber e dinamizar actividades promotoras de literacia científica, com vista ao desenvolvimento de cidadãos mais competentes nas suas dimensões pessoal, interpessoal, social e profissional. (p. 15)

É com pequenas experiências como a que a educadora fez, que eles encaram a aprendizagem de uma forma mais divertida, simples e consequentemente mais eficaz. Tal como na Matemática, em que vários autores defendem que a criança tem de manipular para adquirir os conhecimentos, também para aumentar a literacia científica os alunos necessitam de experimentar e visualizar os acontecimentos.

Martins et al (2009) reforça a ideia que “(...) é importante que a criança tenha oportunidade de experimentar situações diversificadas e estimulantes, que lhes permitam desenvolver essas competências de forma integrada.” (p. 97)

### **Dia: 24 de janeiro de 2011**

A manhã começou com a observação das sementes plantadas há dias pelos próprios alunos, cujo objetivo foi discutir o seu desenvolvimento; com este diálogo a educadora partiu para uma revisão sobre o crescimento das plantas, consolidando a matéria, no fim, com uma proposta de trabalho que consistia em sequenciar imagens que representavam o desenvolvimento completo de uma planta.

Para trabalhar a área de Matemática, os alunos foram acompanhados até à sala de apoio e, com os meninos sentados em volta dos Blocos Lógicos, a educadora começou por lhes contar uma história sobre um pirata que procurava um tesouro. À medida que ia contando a história ia realizando exercícios sobre os atributos das peças e sobre a orientação espacial.

### **Dia: 25 de janeiro de 2011**

A minha primeira manhã de aulas no bibe amarelo começou com a leitura de uma história com o nome de *O Nabo gigante* escrito por Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey. Utilizei um fantoche que me acompanhou em todas as áreas lecionadas ao longo da manhã.



De seguida os alunos foram até às suas mesas para realizarmos as atividades no Domínio da Matemática; com a imagem de um animal realizei a teoria de conjuntos, trabalhando quantidades pequenas, explorando os conhecimentos por eles já adquiridos.

Como tema para o Conhecimento do Mundo tinha as raízes comestíveis. Comecei por lhes mostrar dois vasos com duas plantas diferentes, e sem explicar do que se tratava deixei-os explorar o que estavam a observar. Após a conversa e a partilha de opiniões pedi a uma criança para vir desenterrar uma das plantas, criando um momento de magia e de entusiasmo para descobrirem o que estaria dentro da terra.

Por fim todos os alunos identificaram as raízes comestíveis, nabo e a cenoura, e falaram das suas experiências, identificando quando comiam estes alimentos e qual o seu preferido, por fim cada um deles provou um pouco de cenoura para falarem sobre o seu paladar.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ao adotar a estratégia de ler a história, e seguir toda a aula com um fantoche, foi uma mais-valia para manter os alunos focados no que pretendia ao longo da manhã.

Ler, contar ou recontar uma história não deve ser apenas um ato simples, deve cativar e entusiasmar as crianças, sejam eles alunos, filhos ou sobrinhos. A criança tem necessidade de ouvir algo que a estimule, principalmente quando são pequenas, pois este é o primeiro contato com a leitura e a escrita, e desta forma é assim que elas criam e aumentam interesse pelas letras. De acordo com as Orientações Curriculares do Pré-Escolar (1997) “As histórias lidas ou contadas pelo educador (...) suscitam o desejo de aprender a ler.” (p. 70)

Faz parte do papel do educador criar estratégias que agrade aos alunos e que os cativem. Justamente por isso, e por saber que eram crianças que exigem algo que as motive tive a ideia do fantoche que auxiliou-me a criar um momento de leitura, mas também de Expressão Dramática.

Aliado ao facto de todas as crianças terem um gosto enorme por descobrir o mundo, ideia de ter dois vasos com duas plantas, que eles não imaginavam do que se

tratava. Este facto criou um momento de ansiedade e principalmente de descoberta, citando novamente as Orientações Curriculares (1997):

A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descobertas e de exploração do mundo. (p. 79)

Esta aula prendeu-se pela descoberta e aquisição de conhecimento, mas a verdade é que não promovi um saber excessivo, pois as crianças com esta idade não adquirem os conteúdos por completo, criam sim uma inspiração e uma curiosidade para o desejo de aprender mais sobre o assunto.

### **Dia: 28 de janeiro de 2011**

A aula da minha colega começou com uma história, num ambiente de total descontração e propício para um momento de relaxamento. Ela contou a história da *Sementinha*, de seguida propôs às crianças para que com a ajuda dela, dramatizassem a história.

Logo a seguir passou para a área do Conhecimento do Mundo onde ia falar da papaia. Deu o fruto aos alunos para que estes o pudessem observar, utilizando o tato, a visão e o olfato, depois de questionar os alunos sobre a cor, o tamanho, o peso, entre outras características, deu a provar o fruto a cada menino. Houve reações variadas, pois nem todos conheciam este fruto tropical.

Para ajudar os alunos na aquisição de conhecimentos na área de Matemática, a minha colega desenvolveu a teoria de conjuntos, associação de quantidades com algarismo, tudo através de um jogo com árvores e maçãs.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A salientar em primeiro lugar é, sem dúvida, o ambiente que a minha colega proporcionou para a leitura da história. Criar um ambiente propício para a estimulação dos alunos é essencial, principalmente no que diz respeito à leitura. De acordo com Magalhães (2008) “o leitor necessita de predisposição física e de tempo disponível (...) é ainda necessário a existência quer de um espaço apropriado quer, evidentemente, de recursos materiais.” (p. 58)

A escolha em abordar a teoria de conjuntos para a aula de Matemática foi deveras interessante e seria possível de trabalhar com crianças de 3 anos. O facto da minha colega ter usado uma estratégia em que cada mesa ia ter atividades diferentes e não a realizavam ao mesmo tempo, isto porque crianças, sejam elas de que idade forem, querem é manipular principalmente quando têm à sua frente material apelativo e que não conhecem, como era o caso.

### **Dia: 31 de janeiro de 2011**

Este dia ficou marcado pela visita à horta, foram ver todos os alimentos que haviam plantado na escola. Fizeram uma paragem mais prolongada no canteiro dos morangueiros, onde a educadora deu uma aula de Conhecimento do Mundo sobre o morango e a sua planta.

Surgiu muita curiosidade aos alunos, a galinha e o galo que se encontravam numa cerca perto da horta; assim sendo, a educadora fez uma pausa junto dos animais e explorou algumas das suas características, fazendo perguntas aos alunos sobre o que estavam a ver.

Já em sala de aula, aprofundaram os seus conhecimentos na área da Matemática explorando a ordem crescente e decrescente através de uma pequena história. Para finalizar foi proposto às crianças para realizarem, com as peças do Cuisenaire, um morangueiro, mais tarde representaram-no com lápis de cor.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O contato real com a matéria que se pretende dar é fundamental, principalmente com as crianças mais pequenas, pois adquirem os conhecimentos com maior facilidade, observando e manipulando.

Todo o contexto da aula do Conhecimento do Mundo foi de extrema importância, a educadora aproveitou o facto de existir morangueiros no jardim-escola para lecionar a aula. O que me impressionou nesta aula foi sem dúvida quando a educadora reparou que os alunos estavam interessados nos dois animais e ter dado noções sobre as aves.

Uma das razões para o ensino das Ciências segundo Martins et al (2009) é “responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência e pela actividade dos cientistas” (p. 17). Foi precisamente o que tive oportunidade de observar neste dia, a educadora estimulou-os para a Ciência mas também respondeu às curiosidades dos alunos sobre a mesma.

### **Dia: 1 de fevereiro de 2011**

Neste dia de estágio não éramos as únicas alunas que estavam a estagiar na sala do bibe amarelo, encontravam-se também duas alunas do 2.º ano do curso de Educação Básica.

Coube às minhas colegas de 2.º ano lecionarem a aula de Conhecimento do Mundo deste dia, a primeira deu a manga, começando por explorar o aspeto exterior do fruto, perguntando aos meninos a cor, o cheiro entre outros atributos. Após a conversa, a estagiária descascou e cortou a manga para que todos a provassem.

A segunda estagiária explorou a melancia, fê-lo através de um cartaz de uma quinta, contando uma história envolveu os alunos na dinâmica da vida na quinta, utilizou imagens de melancias para fazer interdisciplinaridade com Matemática.

### **Dia: 4 de fevereiro de 2011**

Este ano o bibe amarelo tinha um projeto que os alunos iriam fazer em casa com ajuda dos seus encarregados de educação. Esse projeto tinha o nome de “A minha rua”. Cada aluno teria de inventar uma maneira de mostrar aos amigos onde é que ele vivia e quais os sítios que ele costumava frequentar quando se encontra em casa.

Neste dia a educadora decidiu mostrar alguns dos projetos aos alunos; a participação dos alunos foi muito interessante, não só os que estavam a mostrar o seu projeto mas como os amigos que estavam a ver, pois colocavam perguntas sobre o que ele fazia em cada espaço que mostrava do seu bairro.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Em primeiro lugar o que gostaria de mencionar é o projeto em si, não só tinha sido de uma criatividade enorme por parte das educadoras como também mostrava o interesse da escola para trabalhar em conjunto com os encarregados de educação.

Este projeto ajudou na descoberta entre alunos e no sentido da importância que eles sentiam ao apresentá-lo, pois isso implicava explicar aos colegas cada foto, cada desenho.

É um projeto onde a família e a escola necessitam de trabalhar em conjunto, logo melhora a cooperação entre estas duas instituições, em que ambas trabalham para um único objetivo, a criança.

Numa breve história pode-se dizer que nem sempre a escola e a família cooperaram diretamente, tal como Pereira (2008) afirma “A Escola foi durante muitos anos um espaço físico fechado e isolado da comunidade” (p. 58). Com o passar dos anos esta comunicação tem vindo a melhorar e a ser feita sempre a pensar no principal motivo, mas para que esta relação resulte para o bem-estar de cada criança é necessário cada instituição saber qual o seu principal papel. Referindo mais uma vez a mesma autora “(...) o papel mais importante dos pais é o que é realizado em casa (...) e que o papel mais importante da escola é o pedagógico (...)” (p. 60).

As aulas que eram escolhidas para os alunos mostrarem os seus planos eram “deliciosas”, pelo entusiasmo deles, quer os que apresentavam o projeto como aqueles que ouviam. Como futura educadora/professora sei que é importante conhecer cada aluno e até mesmo a família que está por detrás dele, e esta era sem dúvida uma das maneiras desse conhecimento surgir.

### **Dia: 7 de fevereiro de 2011**

O dia de 7 de Fevereiro foi dedicado a uma atividade lúdica, a educadora levou as crianças até à casa de banho para lavarem e desinfetarem as mãos. De seguida foram todos para o refeitório do jardim-escola onde, após uma breve explicação sobre a maçã, distribuiu aos alunos alguns pedaços desta fruta para cortarem pois iam fazer doce de maçã.

Os alunos entusiasmaram-se com a ideia de estarem a fazer algo que mais tarde iriam provar, havia alunos que cortavam rapidamente o pedaço que tinham para poderem cortar mais e contribuir para o produto final.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Todas as propostas que servem para ajudar na autonomia das crianças devem ser implementadas nos jardins-escola; a atividade realizada neste dia ajuda a desenvolver essa mesma autonomia.

Certas crianças apresentavam algumas dificuldades em realizar a tarefa, essas crianças tinham uma atenção especial por parte da educadora, pois tentava encorajá-las para que não desistissem da tarefa. Cabe ao educador proporcionar aos alunos atividades que os entusiasmem e que lhes provoquem estímulos para as realizarem. De acordo com Brickman e Taylor (1996),

o educador deve encorajar as crianças com experiências em que possam ter êxito. Os adultos promovem actividades que não são nem demasiado difíceis, dando, assim, a possibilidade à criança de ter êxito nas experiências que realiza, mas colocando alguns obstáculos e desafios a vencer. (p. 32)

Assim sendo, a educadora deve ter sempre cuidado com as atividades que propõe. Esta educadora tem sempre isso em conta e, mesmo sabendo que algumas atividades são mais complicadas para certos alunos, ela motiva-os constantemente, mostrando a preocupação que tem por cada aluno.

### **Dia: 8 de fevereiro 2011**

Neste dia é de salientar os exercícios de memória que a educadora proporcionou aos seus alunos. Recorrendo ao material manipulável, Blocos Lógicos, para dar uma aula lúdica, mas de extrema importância.

Com os alunos dispostos nas suas mesas, começou por retirar diversas peças formando assim, uma sequência. De seguida pediu para que todos fechassem os olhos e, num momento de “suspense”, modificou duas peças.

Questionou um aluno para que este observasse com atenção a sequência e verificasse o que se tinha sido alterado, A aula teve então uma sequência lógica onde o grau de dificuldade ia aumentando.

## **Dia: 11 de fevereiro 2011**

O dia iniciou-se com uma expedição até ao exterior do jardim-escola, depois de terem os casacos vestidos e bem apertadinhos, foram num comboio alegre, sempre a cantar, até à rua. Começaram por enumerar o que estavam a ver, nomeadamente quantas árvores existiam, se tinham folhas, de que cor é que estas seriam e assim sucessivamente.

Chegados perto de uma grande árvore, a educadora pediu a um menino para se abraçar à mesma e explicar aos colegas se o tronco era liso ou rugoso e enumerar algumas das características da mesma. Foram observando diversas árvores ao longo do recreio, até que chegaram a uma sala do APTL e aí realizaram uma atividade de expressão plástica.

Com plasticina de diversas cores teriam de recriar diversas árvores, uma com o tronco fino, outra com um tronco grosso, uma com uma copa enorme, outra com apenas ramos.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A Expressão Plástica, assim como qualquer outro tipo de Expressões, tem tanta importância como as outras áreas, esta também ajuda no desenvolvimento cognitivo, social, motor, entre outros.

A criança pode mesmo comunicar através dos vários tipos de expressões, pois como se pode ler nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997) “são também meios de comunicação que apelam para uma sensibilização estética e exigem o progressivo domínio de instrumentos e técnicas.” (p. 57)

A educadora, neste caso, ao incentivar os alunos para a manipulação da plasticina, estimula, sem dúvida, a motricidade fina dos seus alunos como se trata de crianças pequenas e muitas delas nunca tiveram contato com este material e por isso há que proporcionar momentos de experimentação.

Estas atividades são educativas e ao mesmo tempo estimulantes, verifiquei mesmo que estes alunos estavam a retirar um prazer enorme ao realizarem esta tarefa. Citando, mais uma vez, as Orientações Curriculares (1997) “Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz

pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado.” (p. 61)

### **Dia: 14 de fevereiro 2011**

A minha colega de estágio deu a sua segunda manhã de aulas. Após encaminhar o bibe amarelo até a salinha de apoio, iniciou a história da *A galinha Ruiva*, de António Torrado, recorrendo a imagem de grandes dimensões foi contando a história e fazendo a sequência das imagens.

Para o Conhecimento do Mundo, ela tinha como tema o pão e o seu fabrico, depois de uma paragem pela casa de banho para lavarem e desinfetarem as mãos, os meninos foram até ao refeitório equipados de padeiros para com ela fabricarem o pão para o lanche.

Na área de Matemática a minha colega optou por realizar sequências, utilizando os alunos como parte integrante da sequência, na sala do bibe amarelo dispôs as crianças em fila e distribuiu por cada aluno um colar que continha imagens das personagens da história; foi realizando, então, as sequências elevando sempre o grau de dificuldade

### **Dia: 15 de fevereiro 2011**

Na minha segunda manhã de aula comecei por lecionar o Domínio à Matemática, com ajuda de material não estruturado e com o Cuisenaire iniciei com o jogo do Kim Visual; questionando as crianças individualmente fui explorando a sua memória visual. De seguida elaborei atividades para que os alunos associassem uma quantidade ao seu número e a peça correspondente do Cuisenaire.

Como tema do Conhecimento do Mundo tinha a azeitona, encaminhei os alunos até à sala de música, em primeiro lugar mostrei aos alunos um ramo de oliveira e deixei-os explorar o mesmo, desde a cor das folhas à grossura dos ramos, e coloquei a questão se sabiam a que árvore pertencia aquele ramo; após ouvir algumas opiniões, pedi a uma criança que viesse provar uma azeitona sem que os colegas vissem, pedi para ele descrever o sabor da mesma.

Após descobrirem do que se tratava, dei a cada menino a provar diversos tipos de azeitona, para descreverem os seus sabores e qual gostavam mais. Por fim, na aula de Iniciação e Estimulação à Leitura, contei uma história criada por mim com o



título *A avó Josefina e a apanha da azeitona*, em que falava de uma aventura na apanha da azeitona e como esta se processava.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ao escolher esta atividade na área da Matemática pretendi desenvolver o sentido do número, algo que é necessário para as crianças, pois segundo Caldeira (2009) “As crianças precisam ter o sentido do número, para o poder utilizar de forma diferente no mundo que as rodeia” (p. 129)

Ao utilizar também material não estruturado, nomeadamente imagens de esquilos, ajuda à contagem de objetos que, gradualmente, vão desenvolvendo o sentido do número deixando de ter necessidade de recorrer a objetos para realizarem contagens. Consoante Castro e Rodrigues (2008) afirmam que “(...) as primeiras experiências de contagem têm que estar associadas a objectos concretos, à medida que vão desenvolvendo o sentido do número, as crianças vão sendo capazes de pensar nos números sem contactarem com os objectos.” (p. 13)

Na mesma linha de pensamento estes mesmos autores referem que “à medida que vai construindo o sentido do número, a criança vai desenvolvendo capacidades de contagem progressivamente mais elaboradas” (p. 21). Para tal acontecer é necessário que haja um trabalho a longo prazo, começado nas idades mais pequenas, pois só assim criam bases para, futuramente, a nível académico consigam avançar.

Apesar de ter adorado a aula de Iniciação e Estimulação à Leitura, penso que a história estava um pouco confusa para as crianças, não estava relativamente simples e acabou por não ter o efeito desejado. As crianças cooperaram bastante e durante todo o tempo estiveram a ouvir e a questionar sobre a história. Como já referi todas as crianças gostam de histórias, contos, algo que as faça sonhar. Como Agüera (2008) faz referência, “Contos, pequenos poemas e encenações são recursos de muito alto nível de significado para todos, mas especialmente para os mais pequenos” (p. 5).

Durante a história apercebi-me de que eles perguntavam-me factos sobre a minha família, pois a história era sobre a minha avó; senti a necessidade de fugir um pouco à minha ideia inicial de forma a conseguir mantê-los perto de mim, adaptando a história para algo que eles sentiam mais à vontade e mais curiosidade, a mesma autora afirma, ainda que “(...) conseguir que contactem com a magia do quotidiano, do

jogo, de pequenas e até simples coisas que lhes são familiares e com as quais se vão identificar em maior ou menor grau” (p. 5)

### **Dia: 18 de fevereiro 2011**

Este iria ser o último dia de estágio neste jardim-escola, como tal a diretora pediu a todas as estagiárias para realizarem uma peça de teatro para a escola assistir. Assim, com grande entusiasmo realizámos a dita peça infantil da história *Os três ursos e a menina Caracolinhas de Ouro*.

Entre todas dividimos tarefas e proporcionámos aos bibes daquele jardim-escola um momento divertido.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Não posso dizer que este foi o dia que mais gostei, pois este semestre foi repleto de aprendizagens e momentos únicos, mas posso afirmar que foi um dia que me encheu o coração de alegria, não só pelo momento que proporcionámos a todas as crianças e docentes, mas também porque o teatro faz parte da minha vida enquanto pessoa, foi ele que durante algum tempo me deu forças para continuar este projeto académico.

Proporcionar momentos lúdicos às pessoas faz com que também nós nos divertamos e sintamos prazer por aquilo que fazemos, nada melhor para uma pessoa, tenha a profissão que tiver, do que ser reconhecida pelo bom trabalho, e isso de facto aconteceu-me após terminar a peça de teatro.

## **2.4 - Semana Intensiva de Estágio**

A semana de contato com a realidade educativa ocorre durante uma semana inteira de fevereiro com o horário das 9h até as 17h. Temos oportunidade de escolher qualquer jardim-escola da Associação de Jardins-Escola da João de Deus e até mesmo fora desta instituição. Escolhemos ainda em que bibe ou ano gostaríamos de realizar esta semana intensiva.

Escolhi como local de estágio o mesmo jardim-escola onde realizei o primeiro semestre do mestrado, e como bibe pretendi ficar com o bibe amarelo A.

### **Dia: 28 de fevereiro 2011**

Logo de manhã a educadora conduziu os alunos até ao exterior do jardim-escola para dar a conhecer aos seus alunos os novos elementos que residentes na escola; esses elementos eram quatro piriquitos.

A meio da manhã a educadora encaminhou os seus alunos até à salinha de apoio do bibe amarelo; com eles dispostos no tapete, começou por perguntar um a um o que para eles significa o Carnaval. Com esta atividade a educadora recebeu numerosas respostas divertidas.

Na área da Matemática a educadora realizou uma aula bastante simples, pois recorreu ao 3º dom de Fröebel. Este material não é utilizado com grande regularidade nos três anos, sendo uma introdução ao material, recorreu a uma história para explicar as regras de manusear o mesmo. De seguida criou uma nova história para começar a realizar as construções sendo o muro alto a primeira a ser construída, seguido da cama e por fim as duas colunas.

Visto que era a primeira vez que tinham contato com este material, a educadora deixou-os manipular o mesmo livremente. Cada aluno criou construções chegando alguns a fazer construções específicas deste material.

Como o Carnaval se aproximava, a educadora, na parte da tarde, elaborou com a turma uma atividade de expressão plástica que consistia na elaboração de máscaras de carnaval com o formato das mãos dos alunos. Chegados ao ginásio, onde iam realizar a atividade, tinham que escolher uma cor entre três possibilidades. A educadora, eu e a minha colega de estágio ficámos responsáveis por pintar as mãos aos alunos e por calcá-las numa folha de papel.

## **Dia: 1 de março 2011**

O dia começou com a aula do Domínio da Matemática onde a educadora recorrendo ao Cuisenaire, lecionou uma aula sobre a contagem crescente e decrescente. Com auxílio de uma história pediu aos alunos para realizarem a escada até à peça amarela, de seguida foi pedindo aos alunos para subirem e descerem as peças como se tratassem de degraus.

No decorrer desta aula gerou-se muita confusão, havendo casos de indisciplina, ao que a educadora decidiu parar a aula para um momento de reflexão junto das crianças de forma a elas pensarem um pouco sobre o comportamento geral da turma e chegarem à conclusão, por eles, sobre qual devia ser o comportamento deles.

Após o regresso do recreio, a educadora encaminhou-os até à sala da televisão, na qual introduziu o conceito de rima, ensinando uma bastante simples. De forma a conciliar a rima aprendida durante a manhã, a educadora pediu aos alunos para elaborarem um desenho que ilustrassem a rima. A rima escolhida para aprenderem foi:

Tão Balalão,  
Cabeça de cão,  
Orelhas de gato,  
Não tem coração.

Durante a tarde deste dia ainda pudemos assistir à aula de música, lecionada por uma professora do jardim-escola, foi um momento de aprendizagem mas ao mesmo tempo de divertimento.

Para finalizar o dia, os alunos foram encaminhados para a salinha de apoio, onde brincaram livremente até o dia acabar.

## **Dia: 2 de março 2011**

Para começar o dia os alunos acompanharam a educadora até à sala de música para iniciarem uma aula de Conhecimento do Mundo. Informou-os que hoje ela tinha uma surpresa para eles, mas que seriam os próprios a tentar descobrir o que continha a gaiola que ela trouxe. Após uma breve explicação sobre o que este animal comia e fazia durante o dia, eles tiveram o privilégio de destapar a gaiola e verem que lá dentro estava um pequeno hamster.

Apesar da educadora enunciar algumas características deste animal, nunca referiu que ele pertencia aos mamíferos, pois não quis introduzir, para já, este tema.

Para a aula do Domínio da Matemática a educadora trabalhou uma tabela de dupla entrada com os Blocos Lógicos.

Ao início da tarde pudemos observar mais um projeto “A minha rua”, eu e a minha colega iniciamos a prenda para o dia do pai e, no final do dia, as crianças elaboraram uma ficha de grafismos.

## **Dia: 3 de março 2011**

De salientar neste dia foi sem dúvida a aula de Matemática, pois conteve vários conteúdos inseridos e os alunos nem notaram. Com algarismos móveis e lápis a educadora começou por fazer correspondência entre o número e a quantidade de lápis.

Realizou cálculo mental durante todos os exercícios, o que tornou a aula mais rica em conhecimentos. Para efetuarem a correspondência anteriormente descrita tinham de efetuar contagens. Elaborou ainda, em conjunto com os alunos, o jogo do Kim Visual, juntamente com os lápis.

Passada a hora do almoço, e visto que já não faziam a hora da sesta, os alunos do bibe amarelo tiveram com a educadora da sala uma aula de expressão motora, realizaram vários exercícios onde exploraram os movimentos do corpo.

Para finalizar o dia os alunos elaboraram entrelaçamentos, ao qual deram o nome de concertina, para depois colarem num desenho de um palhaço que iriam pintar.

## **Dia: 4 de março 2011**

Este foi um dia muito especial no jardim-escola, pois este estava em festa, era altura para comemorar o Carnaval.

Toda a comunidade do jardim-escola, inclusive nós estagiárias, estava vestida a preceito para este dia, muitos alunos também estavam mascarados. Grande parte do dia foi passado no exterior da escola a brincar e a conviver com os amigos.

Houve muita brincadeira e muita alegria entre os alunos e entre todas as educadoras. Após a hora de almoço foram até à sala, de aula onde cantaram algumas músicas e onde brincaram a sua vontade. Já no final do dia pintaram alguns desenhos com o tema de Carnaval.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Pelo facto desta secção ser de uma semana inteira de estágio em que as observações foram variadas, irei fazer as inferências e fundamentações num modo geral com o intuito de abranger, um pouco, tudo o que foi observado.

Durante esta semana no Domínio da Matemática pude observar diversas estratégias e variados materiais manipulativos. A utilização de materiais nas idades mais pequenas é de extrema importância. O Ministério da Educação (citado por Caldeira, 2009) afirma que “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão normalmente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar necessidade de exploração, experimentação e manipulação” (p. 17)

A educadora em questão, realizava as aulas de Matemática em grande parte com materiais manipuláveis, fossem estruturados ou não. Deixava que as crianças explorassem o material por eles, levando-os a perceber o seu intuito e onde a educadora gostava de chegar a nível da aprendizagem.

Ao longo do estágio nesta sala, constatei que a educadora nunca deixava de dar respostas às questões dos alunos, deixando-os sempre esclarecidos. Moreira e Oliveira (2003) referem que “O princípio de que é fundamental dar respostas a todas as crianças, pressupõe uma educação pré-escolar disponível para todas, não deixando de considerar cada criança em si” (p. 20)

Ainda na área da Matemática pude constatar que esta educadora criava momentos de aprendizagem diversificados tanto em estratégias bem como em conteúdos, o que produz um crescimento, a nível desta unidade curricular, bastante sólido. Mais uma vez Moreira e Oliveira (2003) salientam que “As experiências matemáticas que se proporcionam às crianças na Educação pré-escolar são fundamentais para o seu crescimento matemático.” (p. 57)

A área do Conhecimento do Mundo era também uma área muito desenvolvida por esta educadora, criando um gosto por ciências nas crianças. Segundo as Orientações Curriculares (1997) “A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê.” (p. 79)

As crianças quando se apercebiam de que iam ter uma aula dedicada, a descobrir algo entusiasmavam-se, pois tinham uma curiosidade enorme para desvendar o porquê das coisas. A mesma instituição continua dizendo que a curiosidade “(...) é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.” (p. 79)

Tudo o que proporciona descoberta é recebido pelos alunos, principalmente pelos mais novos, com grande entusiasmo. As crianças são curiosas por natureza, e sempre que são estimuladas para algo que lhes desperte curiosidade a aprendizagem ocorre de forma mais agradável.

As Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997) reafirmam que “O tratamento da área do Conhecimento do Mundo não visa promover um saber enciclopédico, mas proporcionar aprendizagens pertinentes com significado para as crianças (...)” (p. 85)

Pretende-se assim, que as crianças ganhem uma maior capacidade de observar, de experimentar, de saber e que ganhem espírito de crítica.

## **2.5 - Estágio no 3º Ano -A**

**Secção 4:** Período de estágio de 14/03/11 a 10/05/11

**Faixa Etária:** Bata Azul Clara (3.º ano)

**Local de Estágio:** Jardim-Escola João de Deus – Estrela

### **2.5.1 - Caracterização da turma**

Esta turma do 3.º ano A é composta por 26 alunos, sendo que 14 eram do género masculino e os restantes do género feminino. Esta turma tinha a particularidade de estar dividida em 4 grupos e trabalhavam para o sucesso do grupo.

Estão inseridas num contexto familiar dito normal, com um estatuto socioeconómico médio/alto. Uma das crianças apresenta ter necessidades educativas especiais, pois sofre de hiperatividade e défice de atenção, sendo acompanhado por uma especialista que se desloca à escola com frequência.

É uma turma com os seus altos e baixos, a nível de comportamento, sendo bastante respeitadora e amiga. Estão completamente integrados nas rotinas da escola como da própria turma, muitos deles estão juntos desde o bibe amarelo, o que fortalece os laços entre eles.

São interessados e participativos, sendo que adoram ser surpreendidos nas aulas, estão prontos para acatar um desafio por mais complicado que possa parecer.

### **2.5.2 - Caracterização do espaço**

Esta turma encontra-se numa sala de aula com dimensões reduzidas para o tamanho da mesma, o que faz com que o espaço seja reduzido e limitado. No meu ponto de vista tem outra grande desvantagem, que se assinala por se encontrar na passagem para uma outra sala, ainda de menores dimensões, que é designada pela sala dos professores.

Nesta sala dos professores ocorria as aulas de apoio o que significava que durante o dia havia sempre pessoas e alunos a entrar e sair, e por muito que a professora trabalhe para ter a turma “presa” a si, ocorrem sempre distrações por parte dos alunos para observarem quem entra e quem sai.



### **2.5.3 - Horário**

Como realizava estágio da parte da manhã, as únicas disciplinas a que assistia era de Língua Portuguesa e de Matemática, sendo que elas alteravam de dia para dia, ou seja, às segundas-feiras o dia começava com Língua Portuguesa e de seguida Matemática, na terça-feira a ordem seria alterada, começava com Matemática seguida de Língua Portuguesa e assim ocorria toda a semana.

É importante referir que todas as turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico continham nos seus horários uma hora semanal de “Clube de Ciências”. Sendo que em nenhum momento de estágio tive a oportunidade de observar, dado que ocorria sempre no período da tarde.

### **2.5.4 - Rotinas**

Por as rotinas serem todas idênticas aos 4 anos de escolaridade que preenchem o 1.º ciclo, só nesta secção é que serão apresentadas.

Iniciam o seu dia da mesma maneira que o pré-escolar, realizando uma roda de cantigas, onde todo o elemento escolar se encontra presente, alunos, professoras e nós, estagiárias.

Após este momento lúdico as crianças são encaminhadas pelas suas professoras até às casas de banho, logo de seguida são encaminhadas para sala onde começam mais um dia de aulas.

A meio da manhã têm uma pausa; esta hora de recreio é comum a todos os anos, onde brincam livremente durante um período de tempo. Assim que são chamados pelas professoras, vão novamente à casa de banho, e mais tarde para a sala onde permanecem até à hora do almoço.

### **2.5.5 - Relatos – 3º Ano - A**

**Dia: 14 de março de 2011**

O primeiro dia de estágio neste jardim-escola foi extremamente interessante, já que os pais estiveram presentes na sala de aula e observaram os seus filhos durante as aulas. A professora começou então o dia com a leitura de um texto de Sophia de Mello Breyner, com este trabalhou diversos conteúdos, nomeadamente a

interpretação, que foi feita com perguntas realizadas pelos pais, análise gramatical e ditado de palavras.

Na área de Matemática, a professora realizou uma ficha de trabalho com diversos desafios, terminando com o desafio da divisão. Este é uma espécie de jogo em que cada aluno tem um cartão onde estavam representados os níveis de dificuldade do jogo, em que o 1 é para o mais fácil e 8 para o mais difícil. A professora entregou a cada aluno uma divisão de baixo nível de dificuldade para realizar, se a criança acertasse era assinalada uma cruz no nível 1 do cartão e só assim passava para outra divisão do nível seguinte; senão teria que resolver outra do nível 1, e assim sucessivamente.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Os encarregados de educação, ao contatarem com um dia de aulas dos seus educandos, demonstram o interesse que estes têm no seu acompanhamento. Para que o bem estar das crianças seja alcançado é necessário haver um trabalho de complexidade entre escola e família.

Segundo Epstein citado por Pereira (2008) existem seis tipos de categorias da relação entre estas duas instituições, sendo o primeiro a ser referido o “promover a participação pais/mães no espaço escola estabelecendo com eles um bom suporte (...)” (p. 70), promover este tipo de atividades em que os encarregados de educação podem observar os seus educandos num dia de aulas, ajuda a compreender o trabalho feito pela escola na educação e na aprendizagem das crianças.

Cabe ao professor ou educador ser o mediador entre estas duas grandes instituições, é ele que serve de elo de ligação entre a escola e os encarregados de educação, de acordo com Pereira (2008) “os professores são os elementos mais importantes para estabelecer relações de proximidade e de confiança com os pais” (p. 70-71)

### **Dia: 15 de março de 2011**

Para introduzir o tema das medidas de massa, a professora recorreu à leitura de um livro com o nome de *Quanto pesa o quilograma* de Madalena Matoso. A professora prosseguiu com a explicação das medidas de massa ao escrever a unidade principal (kg) no quadro, pedindo aos alunos para que identificassem produtos do dia-

a-dia com aquela unidade. De seguida acrescentou no quadro os vários múltiplos e sub-múltiplos do quilograma.

Após esta explicação no quadro sobre o tema, foi entregue aos alunos uma ficha de trabalho para aplicarem os seus conhecimentos sobre o mesmo.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A resolução de uma tarefa pretende que o aluno complete os seus conhecimentos, sejam eles já pré-concebidos ou adquiridos recentemente. É importante que os alunos se sintam motivados para uma tarefa, pois só assim conseguem vencer os obstáculos que aparecem ao longo da vida escolar.

Ponte e Serrazina (2000) defendem que “as tarefas que o professor propõe devem despertar o interesse dos alunos e fazer apelo aos seus conhecimentos prévios.” (p. 112) É tarefa do professor criar as atividades adequadas ao momento de aprendizagem, assim como seguir o pensamento lógico das crianças.

Segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) cabe ao professor “a responsabilidade de propor e organizar as tarefas a realizar e de coordenar o desenvolvimento da actividade dos alunos.” (p. 28)

Assim, o professor deve ter em atenção às atividades que propõe aos seus alunos, pois estas não podem ser demasiados simples, nem demasiado complexas.

### **Dia: 18 de março de 2011**

Mais uma vez o dia começou com a distribuição de uma ficha do Domínio da Matemática, que continha duas partes distintas. Na parte da frente continha a tabuada onde tinham que a completar, a segunda parte era dedicada a problemas de raciocínio e cálculos mentais. Os alunos teriam que executar a proposta de trabalho sem auxílio e sem a correção para o todo

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ao realizarem tarefas de cálculo mental, não só estão a desenvolver o raciocínio matemático, mas também o próprio sentido do número, de acordo com Ponte e Serrazina (2000) “O uso de diferentes estratégias para chegar ao mesmo

resultado ajuda os alunos a compreender o sentido de número e a desenvolver estratégias de cálculo mental,” (p. 156)

Cada aluno resolve os cálculos consoante as estratégias mais eficazes para ele. Ao ser pedido para que os alunos exponham as suas estratégias oralmente, iremos obter diversas maneiras de pensar. Segundo os mesmos autores o professor deve “saber ouvir com atenção as ideias dos alunos e pedir-lhes que as clarifiquem e justifiquem.” (p. 118)

A primeira parte da proposta de trabalho serviu para a professora avaliar os conhecimentos dos alunos, voltando a fazer referência a estes autores “as fichas (...) permitem avaliar diversos tipos de objectivos como a aquisição de conhecimentos, ao nível dos conceitos, das competências de cálculo e da resolução de problemas.” (p. 232)

### **Dia: 21 de março de 2011**

Neste dia não realizei estágio pelo facto de estar presente na reunião habitual da prática pedagógica que se realiza na Escola Superior de Educação João de Deus.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Estas reuniões têm aspetos importantes a referir, elas não são meramente um debate para as supervisoras da Prática Pedagógica terem conhecimento de como nós, alunos, estamos a viver o estágio, mas também servem de *feedback*, sobre o momento de estágio que passou.

Refletir sobre as aprendizagens dá-nos a capacidade de melhorar enquanto pessoas e, principalmente, enquanto futuros professores ou educadores.

É importante enquanto estagiários, termos o *feedback* do que ocorre durante cada momento dos estágios. Ao longo desta prática somos avaliados continuamente, ou seja, formação contínua, que segundo Alarcão e Tavares (2003) acaba por “Levar os professores a reflectir sobre o seu processo de ensino-aprendizagem e o dos seus colegas constitui a base sobre a qual assentou o projeto de formação contínua (...)” (p. 122)

## **Dia: 22 de março de 2011**

Este dia foi dedicado à realização da avaliação mensal na área do Domínio da Matemática, sendo a primeira parte da manhã dedicada a esta atividade.

À medida que iam terminando a avaliação, a professora distribuía por eles uma proposta de trabalho na área da Língua Portuguesa, mais precisamente sobre o Conhecimento Explícito da Língua, com o objetivo de reverem conteúdos para a próxima avaliação.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Esta avaliação tem como objetivo esclarecer o professor e o aluno sobre os conceitos adquiridos, designada como avaliação formativa. Ponte e Serrazina (2000) realçam que este tipo de avaliação tem “por objectivo verificar o progresso dos alunos face a diversos objectivos curriculares, proporcionando informação ao professor e ao aluno sobre os aspectos que precisam de maior atenção para se conseguirem os resultados pretendidos.” (p. 227)

Segundo o Despacho Normativo nº1/2005, esta avaliação é “(...) da responsabilidade do professor titular em articulação com o respectivo conselho de docentes (...)” (p. 5)

Esta avaliação serve, também, para ajudar a compreender se deve ser feita alguma alteração. De acordo com mesmo Despacho, serve para “reajustar o projecto curricular de turma, com vista à introdução de eventuais reajustamentos ou apresentação de propostas para o ano lectivo seguinte.” (p. 6)

## **Dia: 25 de março de 2011**

Ao iniciar o dia soubemos que algumas colegas nossas do Mestrado em 1.º ciclo do Ensino Básico iam dar as suas aulas programadas, assim desloquei-me até a sala do 3.º ano B e assisti a aula programada de uma colega.

Como temas ela tinha o tipo de solos na área de Estudo do Meio, para o Domínio da Matemática os divisores de números inteiros e, por fim, para o Domínio da Língua Portuguesa a entrevista.

Para o Estudo do Meio a colega recorreu ao *PowerPoint* com diversas imagens dos tipos de solo. Dividiu a turma em 4 grupos, e após a explicação da constituição do solo distribuiu por cada grupo uma maquete com os constituintes do solo. Já na área de Matemática, expôs a matéria tendo efectuado alguns exercícios com os alunos, onde teriam que com os números móveis indicar os divisores de números inteiros. Para finalizar, na Língua Portuguesa apresentou as diferentes etapas da entrevista, para consolidar os conceitos deu um exemplo de uma entrevista no quadro.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O que há a salientar desta aula, foi o facto da colega ter recorrido a maquetes para cada grupo, que mostravam os diferentes constituintes do solo. O Ministério da Educação (1998) faz referência que “os estudos a realizar terão por base a observação directa, utilizando todos os sentidos (...)” (p. 121)

Ao distribuir apenas as maquetes no fim de toda a explicação, perdeu-se o verdadeiro sentido da utilização de maquetes. A mesma instituição refere ainda que “a curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada (...)” (p. 121), se ela tivesse optado por uma estratégia diferente, nomeadamente partir das maquetes e da observação, podia ter estimulado os alunos para a questão essencial da aula.

### **Dia: 28 de março de 2011**

Devido a um problema de saúde, não me foi possível realizar a minha manhã de aula como previsto.

Para começar o dia a professora distribuiu pelos alunos um texto, intitulado *Quero ser rico* de Luísa Costa Gomes. A professora solicitou que todos os alunos lessem em voz alta o texto que lhes tinha entregado e só depois elaboraram o exercício caligráfico desse mesmo texto.

Após uma pausa para brincarem e comerem, a educadora encaminhou-os novamente até à sala de aula, onde realizaram uma ficha de trabalho para exercitarem as situações problemáticas.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A realização de exercícios caligráficos promove o “convívio” com a escrita e mesmo com a leitura. Para escrever é necessário ler, de acordo com o Ministério da

Educação (1998) “torna-se (...) necessário que na sala de aula surjam múltiplas ocasiões de convívio com a escrita e com a leitura (...)” (p. 152)

Segundo Condemarin e Chadwick (1987) o exercício caligráfico permite “ praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e manutenção da regularidade de tamanho e proporção, alinhamento e inclinação. Esta prática refere-se às exigências da legibilidade e fluidez da escrita.” (p. 182)

Este tipo de tarefas produz um efeito na aprendizagem de realçar, é com a afluência da escrita que previne diversos tipos de erros ortográficos, melhora a capacidade de memorização.

### **Dia: 29 de março de 2011**

Quando cheguei ao jardim-escola alguns alunos vieram ter comigo e informaram que, naquele dia, iam ter a avaliação mensal na área do Estudo do Meio e História de Portugal.

Como já tinha acontecido na avaliação anterior, à medida que iam terminando a avaliação, tinham que completar a ficha de trabalho do dia anterior, que consistia em conjugar o verbo gritar no Presente do Indicativo, no Pretérito Perfeito, no Pretérito Imperfeito, no Pretérito Mais-Que-Perfeito e no Futuro.

Depois de realizarem a proposta de trabalho de Língua Portuguesa, teriam uma proposta na área da Matemática sobre as medidas de capacidade, e esta tinha de ser feita sem qualquer tipo de ajuda, pois iria servir de avaliação.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Um dos objetivos dos professores em relação à disciplina de Matemática é fazer perceber às crianças a utilidade no dia-a-dia desta mesma área curricular. Atividades como esta são, segundo o Ministério da Educação (1998) “(...) um contributo importante nesse sentido: fazer medições, comparar valores de grandezas (...) são acções muito habituais no meio familiar de todas as crianças.” (p. 191)

As crianças estão habituadas no seu dia-a-dia a lidar com as medidas, mesmo que não se apercebam de que as estão a utilizar, cabe ao professor fomentar as conceções que eles já possuem.

Ao longo deste semestre de estágio, pude observar que a utilização de fichas era bastante recorrente, já que servem de apoio ao ensino e como forma de avaliação contínua.

### **Dia: 1 de abril de 2011**

Realizei a minha primeira manhã de aulas. Como temas tinha, para o Domínio da Língua Portuguesa os casos particulares dos adjetivos, para o Domínio da Matemática a balança decimal, por fim para a área do Estudo do Meio tinha como tema os diversos tipos de solo.

Comecei por abordar o tema de Matemática através da imagem de uma balança decimal, onde a analisei recorrendo sempre às conceções alternativas dos alunos, de modo a atingir o objectivo pretendido. Devido ao interesse dos alunos e uma má gestão do tempo da minha parte, lecionei esta área até ao intervalo da manhã, prejudicando o que eu tinha programado.

Após o intervalo explorei o tema de Língua Portuguesa, através da revisão de conceitos por eles já adquiridos sobre os graus dos adjetivos, recorrendo a exemplos concretos, de modo a alcançar o que tinha planeado para esta área.

Para terminar a manhã, realizei uma experiência com dois tipos de solo diferentes para os alunos perceberem as verdadeiras diferenças entre os dois, tendo distribuído o protocolo experimental a cada aluno de modo a que pudessem acompanhar. A actividade experimental consistia na passagem de água pelos dois tipos de solo (arenoso e húmido) para que as crianças entendessem o conceito de permeabilidade.

Para consolidar a matéria, realizei uma actividade lúdica, onde cada aluno tinha palavras móveis e amostras dos dois tipos de solos e tinham de identificar e caracterizar cada um, conforme o que tinham observado na experiência.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Durante toda a manhã em qualquer uma das áreas procurei manter os alunos interessados no que se estava a transmitir. Como referi anteriormente devido a um problema de saúde tinha de andar de canadianas, o que dificultava o meu trabalho, pelo que todos os alunos mostraram solidariedade em me ajudar.



Antes de introduzir os exercícios e a explicação da balança decimal, achei conveniente explicar do que se tratava e qual o seu funcionamento, por fim todos os exercícios realizados foram corrigidos para o grupo, aproveitando todos os conhecimentos que me transmitissem, fossem eles corretos ou não.

Citando Ponte e Serrazina (2000) “(...) se o aluno sente que as suas respostas, mesmo quando erradas, são tomadas em consideração e se tornam num elemento de trabalho, envolver-se-á mais na tarefa proposta.” (p. 103). O meu objetivo enquanto estagiária é captar a atenção dos alunos em mim e na aula que eu estou a dirigir; ouvir os alunos e o que eles têm para me dizer é sempre uma estratégia a aplicar, sendo que divagar sobre outros assuntos não é aconselhável.

Os mesmos autores referem que é o professor que “(...) tem de gerir a participação dos alunos e decidir quando e como encorajar cada aluno a participar.” (p. 118). Há uma grande tendência em pedir a determinados alunos para participarem, porque estão mais perto de onde estamos, porque é o aluno que mais demonstra querer participar, ou por outros motivos, mas é importante referir que, quando estamos perante um grupo de alunos, é para o todo que se leciona, logo deve-se ser abrangente nos alunos que se escolhe para participar.

Em relação à realização da experiência para os tipos de solo, devo salientar que, quando uma atividade deste género é realizada, esta, deve ser vista por todos os alunos, pois através da observação é possível retirar conclusões, infelizmente tal não aconteceu nesta aula.

Ao terem um protocolo experimental bastante apelativo, com palavras móveis e amostras de solos, poderia ter formado um pequeno grupo de alunos para me ajudarem a realizar a experiência, teria sido divertido e muito mais apelativo.

De acordo com o Ministério da Educação (1998) “a manipulação de objectos e de instrumentos, os cuidados a ter na sua utilização e conservação assim como a valorização do trabalho manual são aspectos importantes (...)” (p. 129)

#### **Dia: 4 de abril de 2011**

A minha segunda manhã de aula viria a ser mais uma vez alterada, e neste caso foi dividida por duas manhãs.

Desta vez iniciei a minha manhã com o tema de Língua Portuguesa, através da apresentação de um jornal. Recorri às conceções alternativas das crianças, começando por explorar os elementos paratextuais de um livro, revista e jornal de modo a enunciarem as principais diferenças. Trouxe uma notícia previamente escolhida por mim onde, juntamente com as crianças, analisamos o corpo do texto. Contudo, os alunos demonstraram um enorme interesse sobre uma notícia do fim semana (já que tinha ocorrido um jogo de futebol importante), assim, decidi aproveitar esse entusiasmo e, também, trabalhei com eles essa notícia.

Para a aula de Matemática recorri à proposta de trabalho executada na área de Língua Portuguesa, onde realizaram uma tabela de programação. Em conjunto com a turma escolhemos um programa da tabela de programação e calculámos a sua duração. Já que o tema na área de Matemática era as unidades de tempo pedi aos alunos que convertessem a duração do programa escolhido em minutos e, posteriormente, para segundos.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

De salientar, nesta manhã, é o facto de toda ela seguir um fio condutor, a estratégia de começar com a Língua Portuguesa e seguir depois com a Matemática foi bastante positiva para que os dois temas estivessem interligados entre si.

Um professor deve ter atenção ao decorrer da aula se os alunos estão a acompanhar a mesma, quando se faz um plano não significa que este tenha de ser cumprido ao longo de toda a aula. Há sempre momentos inesperados e que devem ser tidos em atenção, como o caso do interesse deles para uma notícia específica.

De acordo com Zabalza (2000) planear é “um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar (...) que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo.” (p. 48)

### **Dia: 5 de abril de 2011**

Como no dia anterior a professora pediu-me para não lecionar a aula de História de Portugal, ficou este dia dedicado à mesma.

Antes de me deixar iniciar a minha aula, a professora quis falar com os alunos sobre o comportamento menos adequado que a turma teve no dia anterior durante a tarde, enquanto ela não se encontrava dentro da sala de aula.

Após a conversa, a professora prosseguiu com a aula de História de Portugal sobre D. Sancho I, para então, eu depois poder continuar com D. Sancho II. Como sei que gostam de aulas mais lúdicas, decidi dividir a turma em grupos de dois alunos, distribuindo pelos grupos uma árvore genealógica. À medida que eu ia expondo os conceitos eles teriam que completar a árvore com imagens ou palavras móveis (que também distribuí).

Para terminar a aula apresentei uma barra cronológica que me ia auxiliar a indicar os acontecimentos mais importantes deste período histórico.

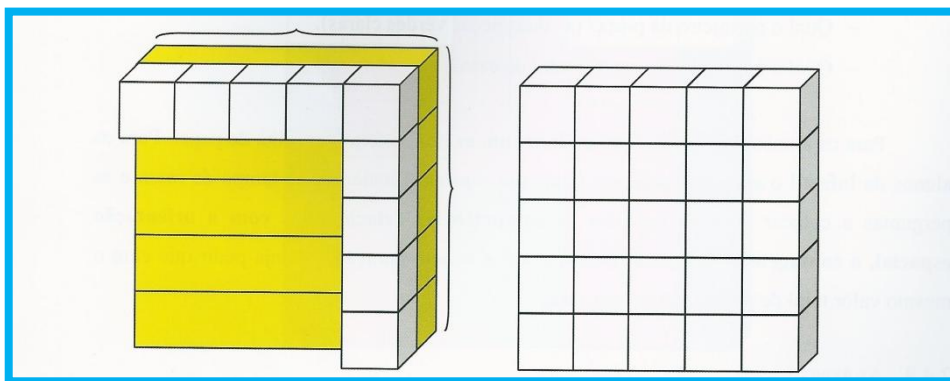
Logo de seguida ao intervalo, a turma teve uma aula do Domínio da Matemática, esta foi lecionada com o auxílio do material manipulativo Cuisenaire (figura 10). Em primeiro lugar a professora pediu aos alunos para representarem com as peças o produto de pequenas multiplicações que ela ia escrevendo no quadro. Ao longo do decorrer da aula o nível do exercício ia aumentando. Já no final da aula, a professora introduziu o conceito de área, recorrendo primeiro a uma revisão do perímetro.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Neste dia o 2º ano tinha ido fazer uma visita de estudo e como tal houve um aluno deste ano que ficou na sala do 3º ano. Ao fazer a revisão do perímetro, a professora cooperante fez questão que este aluno participasse ativamente na aula, sendo, curiosamente, o único que conseguiu dar a definição correta de perímetro.

Todas as atividades que se realizam devem ser estimulantes para os alunos, para que estes se sintam motivados para o trabalho em questão. Só por si, já é motivador usar materiais manipuláveis, ao terem conhecimento de que iam trabalhar com o Cuisenaire a agitação foi grande. Apesar de serem crianças do 3º ano (com idades compreendidas entre os 8-9 anos), o que indica que não são apenas os mais novos que gostam de ter aulas lúdicas e apelativas.

Este material deixa que o conteúdo seja trabalhado de forma simples mas eficaz, numa primeira abordagem não se fala das unidades de medida, frisando que a nossa unidade de medida será a peça branca. De acordo com Caldeira (2009) “inicialmente devemos contar com as peças brancas as faces das diferentes figuras.” (p. 163)



**Figura 10** – Exemplo de como medir a área com a ajuda das peças brancas do Cuisenaire

Ao utilizar a estratégia das peças brancas, torna-se simples e mais eficaz uma primeira abordagem, segundo Palhares et al (citado por Caldeira, 2009) “ao medirmos a porção de plano que uma dada figura ocupa, estamos a calcular a área dessa figura.” (p. 163). Logo ao colocarmos cada peça branca de forma a cobrir a figura, ficamos a saber qual a sua área, em unidades de área.

**Dia: 8 de abril de 2011**

Mais uma vez as nossas colegas do Mestrado em 1.º Ciclo do Ensino Básico iriam ter as aulas programadas assistidas. Assim, voltei a dirigir-me à sala do 3º ano B, onde assisti à aula de uma das minhas colegas.

Como temas para abordar nesta aula tinha; para a área da Língua Portuguesa os Determinantes Numerais Ordinais, já como conteúdo para a aula de Matemática foram as Áreas Equivalentes, por fim, na área do Estudo do Meio o tema foi as Formas de Relevos.

A colega iniciou a aula com a leitura de um texto escrito por ela, em que narrava uma corrida pelo jardim-escola, onde abordava os determinantes numerais ordinais, atualmente designados por adjetivo numeral. Foi dialogando com os alunos de modo a desenvolver o tema. Na área de Matemática apresentou um *PowerPoint*

onde tinha representado várias figuras geométricas com área equivalentes. A finalizar a aula, entregou a cada grupo de alunos uma maquete, com diferentes formas de relevo, e pequenos identificadores. As crianças teriam que identificar as formas de relevo na maquete, consoante o que a colega iria dizendo.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Também esta minha colega utilizou maquetes na sua aula assistida pela Orientadora da Prática Pedagógica, onde tinha as várias formas de relevo. Estava um material muito apelativo, o que para eles se tornou um entusiasmo adicional na realização da tarefa que ela propôs para finalizar a sua aula de Estudo do Meio.

De acordo com Martins et al (2007), “as aprendizagens que a criança realiza (...) decorrem principalmente da acção, da manipulação que faz dos objectos que tem à sua disposição, sendo, por isso, do tipo causa/efeito.” (p. 12). A atividade escolhida pela minha colega tinha um objetivo simples mas eficaz para a memorização do nome das formas de relevo que, no fundo, era o objetivo principal, reconhecer e identificar.

### **Dia: 11 de abril de 2011**

Esta semana, de 11 a 15 de abril, foi a semana de férias dos alunos, como tal, foi-me perguntado, pelas minhas colegas que estavam a estagiar no outro 3.º ano B, se queria dinamizar atividades em conjunto de forma a proporcionar uma semana mais lúdica.

Neste primeiro dia escolhemos livros de diversos autores; para isso recorremos aos apontamentos da disciplina Literatura Infantil que tivemos no terceiro ano do curso de Educação Básica.

Fizemos uma seleção de diversos autores e diversos tipos de texto, conto e poesia. É de salientar que o tempo de intervalo foi mais prolongado que o normal.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Proporcionar uma semana diferente foi o nosso objetivo. Estamos no séc. XXI e muitas das crianças têm um contato excessivo com as novas tecnologias, nomeadamente com os jogos eletrónicos. Pretendíamos quebrar esta barreira e mostrar que é possível divertirmo-nos sem recorrer a eles.

Para muitos alunos torna-se difícil esta semana, principalmente para os mais velhos, pois tem a plena noção que estão de férias e que esta semana serve para se divertirem. Ao perceberem que tem atividades, reagem de forma defensiva, mas aos poucos, vão sendo conquistados pelo entusiasmo.

Todos os livros escolhidos para apresentar, foram a pensar neles e para eles, segundo Magalhães (2009)

(...) pautados por uma escrita onde se registam sucessivas enumerações, constantes sinestesias, sendo frequentes as alterações e as assonâncias; a sintaxe é marcada por estruturas de tipo anafórico e pelo uso do polissíndeto, facilitando a recepção do leitor infantil (...) (p. 147)

Mesmo em tempo de férias o cuidado com os livros a ler tem de ser rigoroso, logo tivemos a preocupação de escolher os livros de autores, como por exemplo, Luisa Ducla Soares, António Torrado, Luisa Dacosta entre outros, já que são indicados para as faixas etárias dos alunos em questão.

### **Dia: 12 de abril de 2011**

Decidimos dedicar este dia à prática de jogos tradicionais, onde tivemos, também, a colaboração das colegas que se encontravam a estagiar no 4º ano.

Encaminhamos os alunos do 3º e 4º ano para o recreio e com eles organizámos vários jogos tradicionais, que muitos desconheciam ou simplesmente estavam esquecidos porque tinham sido substituídos pelos jogos eletrónicos.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Este dia foi de total divertimento, o jogo é algo lúdico, algo que só pelo seu nome já gera alegria e curiosidade. Alguns dos jogos dinamizados por nós estavam completamente esquecidos pelos alunos, mas depressa se aperceberam do quanto divertido podia ser.

Segundo Huizinga (citado por David, 2001) faz uma definição de jogo

Uma acção ou uma actividade voluntária, realizada segundo uma regra livremente consentida, mas imperativa, desprovida de um fim em si, acompanhada por um sentimento de alegria e tensão e por uma consciência de ser diferente o que se é na vida real. (p. 57)

Cortesão et al (1995) afirmam que

(...) um dos mais importantes “poderes” dos jogos e brincadeiras, uma das razões (...) pela qual é importante jogar e brincar é *porque é bom, porque permite à criança criar momentos de felicidade*, porque rir e divertir-se é fundamental, faz parte da infância (...) (p. 15)

Utilizar jogos mais tradicionais, a que os alunos não estão habituados, provocou um maior interesse e uma maior diversão enquanto jogavam.

### **Dia: 15 de abril de 2011**

Mais uma vez, este dia foi dedicado a atividade lúdicas. Porém, decidimos que as crianças iriam realizar as atividades numa sala de aula, onde se encontravam vários jogos de mesa como cartas, damas, xadrez e o micado. É de salientar que a dita sala estava dividida em 4 zonas distintas

Assim juntámos as duas turmas de 3º ano formando grupos de 4 a 5 elementos. Explicámos que as crianças tinham a liberdade de escolher os jogos que pretendiam brincar, com a única condição, de terem que passar por todos os jogos existentes pelo menos um vez.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Os jogos também permitem desenvolver capacidades e atitudes nos alunos, estes exigem concentração, espírito de solidariedade, respeito pelo outro, entre outros aspetos.

Segundo Cortesão (1995) ao utilizarmos jogos em sala de aula, “(...) propomos (...) algo que (...) reúna a capacidade de adquirir (neste caso saberes, experiências, desenvolvimento de capacidades) mas que divirta e que permita à criança ser feliz ao fazê-lo.” (p. 25)

Em tempo de férias, o que os alunos mais desejam é divertirem-se, se a escola conseguir proporcionar isso mesmo, será vista por eles de forma diferente, tornando-se mais agradável frequentar a escola em tempo de descanso.

### **Dia: 2 de maio de 2011**

Nesta primeira manhã de aulas, após o regresso das férias da Páscoa, a professora distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho na área de Matemática.

Esta ficha consistia na resolução de diversas soluções problemáticas sobre as medidas de capacidade. Esta tarefa foi realizada até à hora do primeiro intervalo da manhã.

Após o descanso matinal as crianças regressaram à sala onde leram, juntamente com a professora, um poema intitulado *Mãe*, de Luisa Ducla Soares. Após a leitura, realizaram oralmente a análise do poema, a professora solicitou para que cada aluno descrevesse o sentimento ao ler o poema e assim pudesse partilhar com a turma, promovendo troca de experiências.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Segundo a última edição do Petit Larrousse (citado por Jean, 1989) poesia é, “Arte de evocar e de sugerir as sensações, as emoções, as ideias, através de um emprego particular da língua que joga com as sonariedades, os ritmos, as imagens... (...)” (p. 16)

A professora após a leitura do poema promoveu o diálogo entre alunos para que estes expusessem os sentimentos e emoções que o poema lhes transmitiu.

Ler poemas proporciona momentos mágicos e de pura distração. De acordo com Sim-Sim (2007) “a leitura da poesia alimenta o gosto pela sonoridade da língua (...), pelo poder da linguagem (...) e pelo uso da linguagem poética e simbólica.” (p. 57)

Ajuda ainda a desenvolver, citando a mesma autora,

(i) a ler poesia; (ii) a desenvolver a compreensão da leitura de poemas; (iii) a treinar a leitura em voz alta e em coro; (iv) a memorizar e a recitar poesia; (v) a explorar o ritmo e as sonoridades da língua e (vi) a desenvolver o raciocínio metafórico. (p. 57)

### **Dia: 3 de maio de 2011**

Para começar o dia, a professora distribuiu pelos alunos uma atividade onde tinham que resolver situações problemáticas sobre áreas e perímetros. Destaca-se que os alunos deviam solucionar todas as situações problemáticas sem ajuda da professora ou minha, e tinham que terminar a tarefa antes de ser corrigida no quadro pela professora.



Com o intuito de trabalhar a unidade curricular de Língua Portuguesa, voltaram a reler o poema do dia anterior para, mais tarde, realizarem um exercício ortográfico. Logo de seguida tinham de conjugar o verbo amar.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O exercício ortográfico é mais uma estratégia utilizada pelo professor, de forma a perceber quais os erros mais frequentes e quais as maiores dificuldades a nível de escrita que os alunos possuem.

Este tipo de exercício padece de uma dificuldade acrescida para os alunos, pois eles necessitam de ter uma maior abstração para perceberem como se escreve cada palavra.

Conforme Brown (citado por Condemarín e Chadwick, 1987), esta atividade ajuda no “(...) manejo da oração; dirige sua atenção para as construções gramaticais; ajuda-os a aprender ortografia, a colocar pontuação e as maiúsculas adequadamente e a aumentar seu vocabulário; exercita-os no uso de palavras conhecidas e enriquece-lhes a mente com bons padrões de linguagem.” (p. 184)

A atenção dos alunos tem de estar focada para o exercício em questão, o que nem sempre para eles é fácil. Quanto mais praticarem este tipo de exercício, melhor estão a desenvolver a atenção e todos os outros aspetos que foram referidos anteriormente.

### **Dia: 6 de maio de 2011**

Ao chegar a sala de aula, não pude deixar de reparar que a professora estava aborrecida com os seus alunos, devido algum acontecimento que se tinha passado no dia anterior.

Assim, a professora escreveu no quadro a lição do dia, distribui-lhes uma proposta de trabalho e dirigiu-se à sala do 4.º ano, onde estavam a ocorrer as provas de aferição. Ao ausentar-se da sala de aula, pude constatar que os alunos demonstravam preocupação pelo facto da professora estar aborrecida com eles.

A proposta que os alunos tinham que realizar era constituída pelo desenho da planta de uma casa onde deviam calcular algumas áreas das suas divisões.

A professora do 4.º ano, chegou à sala, pedindo que fizessem os trabalhos que lhes tinham sido atribuídos, nomeadamente um ditado lacunar através da música *Pé-ante-pé* do grupo Real Companhia, posteriormente tinham a parte do Conhecimento Explícito da Língua para realizar.

Dado que o comportamento dos alunos não foi de todo o mais correto durante esta aula, a professora do 4.º ano questionou aos alunos do seguinte: “quem é que julgava ter tido um comportamento correto durante a aula para poder formar o comboio”, fazendo assim com que eles pensassem sobre os atos que tinham feito ao longo daquele período de tempo.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Em primeiro lugar gostaria de salientar o facto de que com a mesma turma, professoras diferentes obtiveram comportamentos por parte dos alunos diferentes. Cada professor tem a sua estratégia e a sua forma de estar perante os alunos. De acordo com Zabalza (2001) “de acordo com a forma como organizamos o ambiente assim obteremos experiências de diferentes prioridades, mais ou menos integradas, com um determinado perfil.” (p. 121)

Levar os alunos a pensar sobre as suas atitudes e o seu comportamento é educar, segundo Cury (2003) “Educar não é repetir palavras, é criar ideias, encantar” (p. 35). Fazer os alunos pensar é criar futuros adultos capazes de ter as suas próprias ideias, saber reconhecer possíveis erros. O mesmo autor refere também que “Dizer “faça isso” ou “não faça aquilo”, sem explicar as causas, sem estimular a arte de pensar, produz robôs e não jovens que pensam.” (p. 36)

### **Dia: 9 de maio de 2011**

Ao entrar na sala de aula a professora titular perguntou-me, gentilmente, se aceitava um pequeno desafio, desafio esse que se tratava de fazer a leitura de um texto sobre D. Dinis e fazer a sua interpretação oralmente.

Desta forma comecei por pedir a um aluno para iniciar a leitura até percorrer toda a turma. Posteriormente, iniciei exploração do texto com perguntas sequenciadas, de modo a abordar a máxima informação do texto e percorrendo toda a turma.

Ao concluir este desafio, a professora distribuiu por cada aluno uma ficha de trabalho. Esta continha perguntas de interpretação do texto lido anteriormente, análise sintáctica de frases e ainda o estudo morfológico de algumas palavras.

Na abordagem da área da Matemática, a professora optou por utilizar uma estratégia diferente com o objetivo de introduzir um novo conceito: a área do triângulo.

Começou por dividir a turma em pares e distribuiu um quadrado em musgami a cada grupo. Solicitou que cada par medisse o lado do quadrado e calculasse mentalmente o seu perímetro, tendo depois efetuado o cálculo em conjunto com a turma no quadro. A professora desafiou os alunos a descobrirem a área da figura geométrica, e só depois, efetuou o cálculo da mesma no quadro, para consolidar o raciocínio.

Desenhou um triângulo em tamanho grande no quadro e pediu aos alunos para calcularem o perímetro do mesmo com as medidas que lhes deu, De seguida propôs um desafio à turma, que seria: qual o par que conseguia a calcular área do triângulo.

Após várias tentativas da turma, a professora colocou junto ao triângulo outra figura geométrica triangular, comunicando que juntando as duas formavam um quadrado. Explicando, de seguida, que um quadrado se pode dividir em dois triângulos, logo a sua área também seria dividida por dois.

Por fim escreveu no quadro a fórmula da área do triângulo.

$$A = \frac{b \times h}{2}$$

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A aula de Matemática foi sem dúvida a que mais sobressaiu deste dia por diversos motivos. Começou pelo facto da professora ter recorrido a uma estratégia que ainda não tinha tido oportunidade de observar, com os alunos a trabalhar em pares, o que fomenta a ligação entre colegas, trabalhou o tema de forma muito interessante.

O trabalho a pares como defende Ponte e Serrazina (2000) “(...) possibilita uma interacção significativa entre os alunos, que trocam impressões entre si na realização da tarefa proposta.” (p. 128)

O facto de terem um material diferente (musgami) do normal, provocou-lhes um enorme desejo de descoberta, citando os mesmos autores “(...) aprender Matemática em que os alunos manipulam materiais de modo a desenvolver os conceitos fundamentais” (p. 72/73). É mais divertido para os alunos, a ideia da descoberta e do desconhecido pois esta entusiasma para a aprendizagem.

Na mesma linha de pensamento, o Ministério da Educação (citado por Ponte e Serrazina, 2000) “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.” (p. 115/116)

Foi, sem dúvida, uma atividade cheia de interesse de se realizar, de lecionar e de se observar.

### **Dia: 10 de maio de 2011**

Ao chegar à sala de aula preparei-me para um dia normal de estágio, quando não foi o meu espanto ao ver a diretora do jardim-escola a entrar na sala e informar-me que iria ter uma aula surpresa. Após perguntar à professora da sala o que tinha já lecionado, abordou-me para fazer uma aula de revisões de análise sintática sobre os complementos circunstanciais.

Escrevi uma frase no quadro para que, em conjunto com a turma, pudéssemos fazer a análise sintática da mesma, com o avanço da aula fui elevando o grau de dificuldade do exercício.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O conteúdo lecionado nesta aula já não faz parte do programa do Conhecimento Explícito da Língua, pois o conceito de complementos circunstanciais deixou de existir. Quanto à aula em si, não resultou na perfeição.

Podia ter recorrido aos materiais que tinha na sala de aula, nomeadamente o quadro, escrevendo assim todas as frases em questão. Assim como cada aluno deveria ter uma folha para acompanhar a aula onde iam realizando os exercícios.

De acordo com Barbeiro e Pereira (2007) “Na medida em que a informação “desorganizada” não funciona como instrumento de aprendizagem, (...) experimentar estratégias que lhes permitam aglutinar a informação (...)” (p. 35), a utilização do quadro ajuda na estruturação do pensamento dos alunos, daí ser importante a o uso do mesmo.

## **2.6 - Estágio no 4º Ano -A**

**Secção 5:** Período de estágio de 16/05/2011 a 4/07/2011

**Faixa Etária:** Bata azul escura (4.º ano)

**Local de Estágio:** Jardim-Escola João de Deus – Estrela

### **2.6.1 - Caracterização da turma**

A turma observada é composta por 23 alunos, tendo 12 crianças do género feminino e 11 do género masculino, é uma turma bastante agitada e um pouco conversadora, mas ao mesmo tempo meigos e solidários uns com os outros.

Como todas as restantes turmas do jardim-escola, estão inseridos em pleno na comunidade escolar, empenhados em ajudar no bom funcionamento da mesma. Grande parte apresenta estar inserido num contexto familiar normal com um estatuto socioeconomico médio/alto.

A maioria das crianças desta turma estão inseridas no jardim-escola desde o bibe amarelo, havendo já uma grande familiarização entre funcionários e alunos.

Por ter estagiado nesta sala de aula já próximo do final do ano letivo, muitos dos alunos apresentavam ter 10 anos, é uma turma bastante participativa, animada e interessada em tudo o que lhes rodeia.

### **2.6.2 - Caracterização do espaço**

A sala onde estão inseridos tem uma luminosidade muito grande, o que torna a sala maior do que se verifica na realidade, cada aluno tem a sua mesa individual, mas estão dispostas duas a duas.

Tem a particularidade de ter um quadro interativo, o que torna as aulas mais aliciantes para os alunos, pois todos eles gostam de ir ao quadro trabalhar durante as aulas.

### **2.6.3 - Horário**

Como referi na secção anterior, as aulas a que assisti foram sempre de Língua Portuguesa e de Matemática. Também esta turma ia alternando as horas semanais entre estas duas unidades curriculares, durante a semana.

#### **2.6.4 - Rotinas**

As rotinas deste ano são em todo iguais às do ano anteriormente descrito, por essa mesma razão não serão descritas nesta presente secção.

#### **2.6.5 - Relatos – 4º Ano - A**

**Dia: 16 de maio de 2011**

Este foi o primeiro dia de estágio no 4º ano A. Começaram por abrir os livros de Língua Portuguesa, para lerem o texto *O segredo da Abelha*. Como se tratava de um texto teatral, o professor distribuiu pelos alunos as personagens de forma a realizar uma pequena dramatização.

Após a leitura do mesmo, classificaram algumas palavras quanto à classe e à sub classe. Na segunda parte da manhã, foi distribuída pelos alunos uma ficha de trabalho sobre áreas e perímetros.

#### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Escrever nestas idades é algo que se torna fundamental, quanto mais praticam a escrita, melhor é o vocabulário. A escrita e a leitura estão interligadas, tornando-se indispensáveis no desenvolvimento cognitivo das crianças.

De acordo com Cadório (2001) “ler é essencial para a articulação do pensamento e consequente aprefeiçoamento da expressão escrita.” (p. 7) Condemarin e Chadwick (1987) defendem que se a criança tem dificuldade em ler vai ter, concerteza, dificuldades em escrever.

**Dia: 17 de maio de 2011**

Desta vez, o dia começou com a área de Domínio à Matemática, onde realizaram uma proposta de trabalho sobre o volume do cilindro, sendo esta a primeira abordagem a ser feita sobre o mesmo. Como tal o professor titular abordou em primeiro lugar o tema, dando a fórmula correta para o cálculo deste volume.

Logo após o recreio, a turma iniciou a aula na área da Língua Portuguesa, o professor da sala orientou um exercício ortográfico do texto apresentado no dia anterior.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O exercício ortográfico é um tipo de exercício comum que se realiza no 3º e 4º ano do ensino básico, tem como principal objetivo melhorar a escrita dos alunos, assim como a capacidade de ouvir.

Segundo com Codemarán e Chadwick (1987)

(...) desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementa a qualidade de atenção da criança. É óbvio que os estudantes devem dar atenção para poder reproduzir graficamente a linguagem e isto reforça ativamente o que compreenderam na forma oral. Por outro lado, permite exercitar a memorização de palavras, orações e frases, e proporciona treinamento em registar com precisão os termos exatos. (p. 184)

A maior parte das vezes o exercício ortográfico é visto pelas crianças como algo negativo, pois só o facto de saberem que vão ser avaliadas lhes causa uma pressão enorme para não falharem. Jean (1989) defende que o exercício ortográfico "(...) continua a ser um exercício útil de verificação, desde que ele se desritualize, se desdramatize, desde que seja concebido, de facto, como um jogo pelo qual a leitura em voz alta volta a encontrar a sua forma gráfica." (p. 109)

### **Dia: 20 de maio de 2011**

Na aula de Língua Portuguesa tinham como tarefa resolver uma proposta de trabalho. Esta continha diversas frases para fazerem a análise sintática e frases que tinham palavras sublinhadas para as classificarem quanto à classe e sub classe.

No Domínio da Matemática resolveram diversas situações problemáticas, envolvendo diversos conteúdos, nomeadamente, volumes, áreas e perímetros.

É de salientar que durante toda a aula o comportamento não foi de todo o mais adequado, qualquer aluno se levantava das suas cadeiras para pedirem canetas emprestadas, mas na realidade seria apenas só para conversar com os amigos.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ao longo do estágio pude observar o comportamento das crianças, e este varia de criança para criança, de idade para idade e, também, de professor para professor.

Neste dia de estágio observei algo que me deixou um pouco admirada, qualquer criança levantava-se da sua cadeira sem dar qualquer justificação e dirigia-se a outro colega com o intuito de pedir o que fosse emprestado.



Curto (1998) afirma que:

Contrariamente ao que habitualmente se possa pensar, não só o aluno como também o professor podem ser fonte e origem de indisciplina. Através do seu comportamento ou da sua actuação, também o professor pode originar delicadas situações de não obediência e de perturbação das aulas. (p. 21)

O professor permitia que estes se levantassem para se dirigirem aos colegas, facto que por vezes se tornava incómodo, pois muitas das vezes via-se mais do que um aluno em pé a dirigir-se a colegas.

### **Dia: 23 de maio de 2011**

Estava programado para este dia uma reunião de Prática Pedagógica no Museu da ESEJD, mais uma vez todos os mestrados estiveram presentes para ouvir as avaliações do momento de estágio anterior.

### **Dia: 24 de maio de 2011**

Para começar o dia, após estarem na roda, como habitualmente fazem todos os dias, os alunos foram dirigidos pelo professor num exercício ortográfico do texto *Compras no supermercado*, falando de seguida sobre as 24 preposições e as formas contraídas.

Na segunda parte da manhã o professor cooperante distribuiu pelos alunos uma caixa com o 5.º dom de Fröebel. Começou então, por fazer uma revisão sobre frações, nomeadamente frações próprias, impróprias e frações equivalentes. Por fim realizaram a construção do poço; com esta realizaram algumas situações problemáticas.

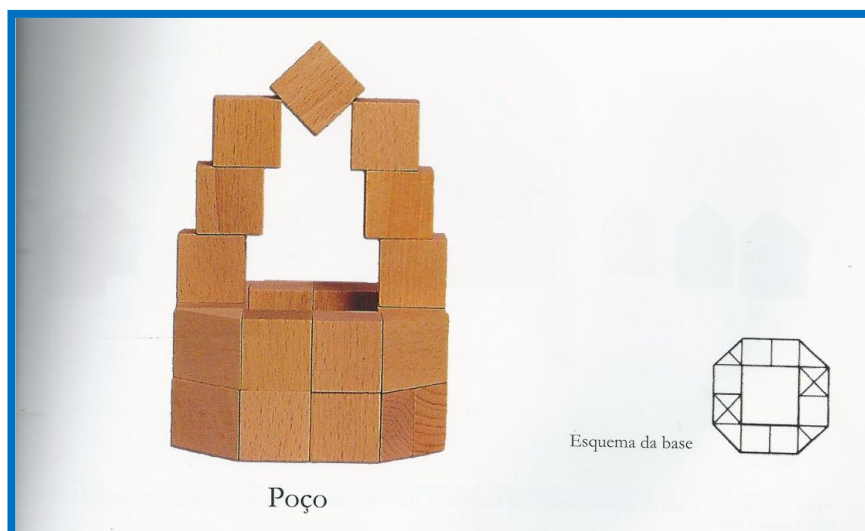
### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O 5.º dom de Fröebel é um material manipulativo bastante utilizado no 4.º ano do ensino básico, muitas das vezes para lecionar o conteúdo das frações. Segundo as Normas (citado por Caldeira, 2009) “é importante que usem materiais manipuláveis, diagramas e situações do mundo real em conjunção com esforços progressivos para descreverem as suas experiências de aprendizagem, por meio da linguagem oral e de símbolos” (p. 303)

O facto do material ser constituído por cubos inteiros (figura 11), cubos divididos ao meio e cubos divididos em quatro facilita na aprendizagem das frações;

quando têm um material que ajuda a tornar o abstrato em algo concreto, ajuda na aprendizagem.

De acordo com Caldeira (2009) “Os alunos devem visualizar a existência de uma multiplicidade de exemplos, raciocinando acerca das relações que encontram.” (p. 305)



**Figura 11** - Construção do poço com o 5.º dom de Fröebel

### **Dia: 27 de maio de 2011**

Este dia foi dedicado a aulas programadas e assistidas pelas Orientadoras da Prática Pedagógica. Uma colega tinha a sua aula no 2º ano, pelo que me dirigi até a sala para assistir à mesma.

O seu tema principal seria o ornitorrinco e daí surgiram todas as outras unidades curriculares. Começou por explorar um texto, realizando a leitura e a sua interpretação, trabalhando o Conhecimento Explícito da Língua com o mesmo.

Falou de seguida sobre o animal em questão, mostrando um filme sobre o mesmo, onde os alunos puderam observá-lo no seu habitat natural, surgiram depois as perguntas e a explicação.

No Domínio da Matemática, a minha colega realizou um itinerário com as peças do Cuisenaire, cada aluno foi realizando o seu com as indicações que lhe eram transmitidas. No fim, como forma de recompensa, os alunos cantaram uma música de uns desenhos animados em que o protagonista é um ornitorrinco.

## **Dia: 30 de maio de 2011**

Este dia seria marcado pela minha primeira manhã de aulas. Como temas, foi-me sugerido pelo professor cooperante que, na área da Língua Portuguesa, abordasse o discurso direto e indireto, no Domínio da Matemática as equações de 1.º grau, por fim na área do Estudo do Meio falei sobre os setores de atividade.

Como no 4.º ano A existe o quadro interativo, preparei uma aula que fosse adequada para o mesmo, elaborei um *PowerPoint* onde abordei todas as áreas. Para que as três tivessem ligação, criei uma história. História, essa que falava de um pirata que precisava de ajuda para encontrar um tesouro, assim vesti-me de pirata e apresentei uma aula lúdica mas onde o conhecimento era o principal objetivo.

Durante a aula de Matemática demorei mais tempo do que era previsto, pois os alunos não estavam a perceber o conteúdo novo que lhes estava a apresentar, por isso preferi esclarecer todas as dúvidas antes de avançar com a aula.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O facto de ter criado uma história que envolvesse todas as áreas temáticas da manhã, criou um fio condutor durante todo o tempo lecionado. Apesar de serem crianças mais velhas, sentem-se fascinadas por histórias e algo que os surpreenda, só a imagem que lhes transmitia vestida de pirata cativou-os para a manhã de aulas.

De acordo com Pombo, Guimarães e Levy (1994) “São os professores que, por sua iniciativa, vêm realizando, com uma frequência crescente, experiências de ensino que visam alguma interação dos saberes disciplinares e implicam algum tipo de trabalho de colaboração entre duas ou mais disciplinas.” (p. 8)

Cabe ao professor proporcionar momentos de ligação entre as várias unidades curriculares. A interdisciplinaridade é algo fundamental para a condução de uma aula.

## **Dia: 31 de maio de 2011**

Como referi no dia anterior, perdi algum tempo numa das áreas de forma a que os alunos pudessem retirar todas as dúvidas. Assim sendo neste dia continuei a aula de Estudo do Meio, onde o pirata voltou a pedir-lhes ajuda para mais um desafio para encontrar por fim o tesouro perdido.

Depois de terminada a área que me faltava, o professor pediu aos seus alunos para lerem e fazerem a interpretação escrita do texto *A Oriana e a velha*. Finda esta tarefa aplicaram os seus conhecimentos sobre as equações de 1.º grau.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Nesta aula de Estudo do Meio que lecionei, observei que estavam ansiosos para verem a surpresa que o tesouro do pirata continha para eles. Senti que os alunos estavam extremamente motivados para realizarem a ultima tarefa, visto que também era mais lúdica que todas as outras, esta consistia numa sopa de letras.

Faz parte do papel do professor motivar os seus alunos para a aula em questão; quanto melhor a estratégia adotada mais cativados os alunos estarão. O professor não pode esquecer, em momento algum, que as estratégias mudam de professor para professor e principalmente de turma para turma.

De acordo com Jesus (1996) “(...) não há receitas universais para resolver o problema da falta de motivação dos alunos na escola, pois a forma de actuação depende de múltiplos factores, inclusivamente da pessoa do professor (...)” (p. 36)

A desmotivação dos alunos não deve ser apontada à falta de trabalho do aluno ou do professor, segundo o mesmo autor “(...) a motivação dos alunos na escola é um fenómeno complexo, exigindo uma intervenção global (...), pois os problemas educativos só poderão ser resolvidos se todos assumirem a sua cota parte de responsabilidade (...)” (p. 37)

### **Dia: 3 de junho de 2011**

Na primeira parte da manhã os alunos realizaram o teste mensal na área da Matemática. Enquanto eles realizavam a prova foi-me possível circular entre eles para observar onde encontravam maiores dificuldades.

Já na segunda parte, depois de uma pausa para a brincadeira e para o descomprimir de uma prova, realizaram um exercício caligráfico sobre o texto lido no dia anterior.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Cada ano letivo que as crianças vão ultrapassando, a escrita vai assumindo um papel mais ativo, quanto mais escreverem mais capacidade têm para escrever corretamente. Os exercícios caligráficos são uma estratégia muito utilizada para cativar os alunos para a escrita.

Observei que para muitos alunos este tipo de exercício era extremamente aborrecido. Curto, Morillo e Teixidó (2000) defendem que “As crianças devem-se sentir capazes de abordar com sucesso a tarefa que lhes propomos.” (p. 83) Estes mesmos autores referem ainda que “Uma tarefa em que nos limitamos a aplicar as ordens recebidas não é motivadora. Pode ser cómoda, inclusive eficiente, mas nunca estimulante.” (p. 83)

Percebi que muitos dos alunos sentem este trabalho como uma obrigação pouco estimulante, o que provoca uma falha de aquisição de aprendizagens.

### **Dia: 6 de junho de 2011**

Esta segunda feira foi dedicada à minha segunda manhã de aulas. Como temas a lecionar tinha, na área de Língua Portuguesa a Voz Ativa e a Voz Passiva, na área de Domínio da Matemática as Percentagens, por fim na área de História as Invasões Francesas.

Como vi que a estratégia da primeira aula tinha resultado, decidi adotá-la na segunda manhã, desta vez contei com a ajuda da turma, para viajarmos por diversos países de forma a conhecermos os locais escolhidos pelo boneco que lhes dava atividades para realizarem.

Comecei com a área da Língua Portuguesa. Já no quase no fim desta, deu-se um simulacro de incêndio, como tal tivemos de abandonar a sala de aula de forma ordeira e reunimo-nos com a restante comunidade escolar no recreio.

Após um determinado tempo que colidiu com o recreio os alunos regressaram à sala, onde findei a aula que já estava a decorrer e iniciei a aula na área de Matemática. Devido ao tempo prolongado do simulacro não foi de todo possível lecionar todas as áreas.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A existência da realização de simulacros em comunidade escolar, proporciona uma agitação enorme, mas retira-se ilações de como agir em caso de perigo.

A segurança na escola é algo de extrema importância, é necessário transmitir aos alunos e encarregados de educação a noção de segurança e eficácia para possíveis acidentes que possam acontecer.

Segundo Oliveira (2002) “(...) quanto melhor estiverem identificados os riscos, quanto mais cuidado houver na sua eliminação/redução e prevenção, mais possibilidade há de evitar acidentes (...)” (p. 3/l)

Também, o Ministério da Educação (citado por Nunes, 2001) defende que “veicula a ideia da segurança como sendo a melhor forma de lutar contra o perigo, sendo necessário, em relação a este, eliminá-lo ou diminuí-lo, adoptando determinadas normas de comportamento onde se revelem procedimentos e atitudes correctas (...)” (p. 11)

### **Dia: 7 de junho de 2011**

Como referi no dia anterior, o simulacro ocupou tempo de aula, assim sendo neste dia continuei a lecionar a disciplina que me faltava. Comecei por relembrar a história que estava envolvente em toda a aula, para os situar na “brincadeira”.

Dado que a área de História de Portugal é algo que eles sentem interesse em ouvir e questionar mais que possível, tentei tornar a aula mais dinâmica e apelativa. Optei por introduzir pouca informação escrita no *PowerPoint*, mas com bastantes imagens, para que eles pudessem explorar o tema por sua conta, encaminhando o pensamento deles para as informações corretas.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Como pude reparar no ano anteriormente descrito, os alunos têm uma curiosidade enorme pela unidade curricular de História de Portugal, o que se tornou ainda mais apelativa com todo o enredo que eu tinha criado ao longo desta aula. Citando Roldão (1987) “A maioria dos alunos (...) manifesta grande apetência por começar a “dar História”.” (p. 39)

A aula tornou-se bastante dinâmica devido às questões que os alunos iam colocando, estavam curiosos e desejosos de saber mais, sentia o entusiasmo deles, ao ver as imagens as questões aumentavam, estavam verdadeiramente entusiasmados com o que estavam a ouvir.

### **Dia: 14 de junho de 2011**

O que pensei ser um dia de estágio normal a tantos outros, comecei por ser surpreendida ao reparar que o professor titular, não estava presente na escola, sendo que quem ficou com a turma neste dia foi a Diretora jardim-escola Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Barbosa.

Depois de algum tempo na escola soube que as professoras da Prática Pedagógica se encontravam no jardim-escola para realizarem aulas surpresas, foi então que fui surpreendida uma vez mais, quando a Diretora da escola me pediu para que desse uma aula na área de Língua Portuguesa, com o tema Verbos Transitivos Diretos e Indiretos.

Comecei por distribuir por cada aluna uma folha onde eles iriam escrever todos os exercícios que iriam realizar, inicialmente tive uma breve conversa com eles de forma a captar a sua atenção, pedi a um aluno que me dissesse se sabia a diferença entre verbos transitivos diretos e indiretos, e a partir da sua resposta iniciei a aula.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Fui novamente surpreendida por uma professora que pertence à Prática Pedagógica. Ao iniciar lembrei-me de alguns aspetos menos positivos que me tinham sido referidos na aula surpresa anterior, pelo que procurei corrigir os mesmos.

Segundo Antunes (2008) “A aula expositiva é uma maneira de se ministrar aula, mas não é e não pode ser a única maneira.” (p. 23)

Todos os exercícios realizados foram escritos para ficarem com eles em suporte escrito. Procurei dar exemplos de frases que os motivassem, que eles reconhecessem do dia-a-dia para se tornar mais interessante.

## **Dia: 17 de junho de 2011**

Este dia viria a marcar um ponto final no percurso acadêmico de algumas colegas minhas do Mestrado em Educação Infantil, pois realizaram-se as primeiras Provas Práticas de Aptidão Pedagógica.

Tive oportunidade de ver três aulas, nos três bibes, a primeira foi no bibe azul, em que o seu tema principal foi a rã, a seguinte foi a aula do bibe amarelo, que falou do milho, por fim, já na parte da tarde, pude assistir a outra aula, que como tema tinha a ostra, foi lecionada no bibe vermelho.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A ansiedade deste dia era notável nas minhas colegas, e nas restantes estagiárias também, não só por desejarmos que tudo corresse pelo melhor, mas também, por sabermos que a nossa vez estava cada vez mais próxima e que em breve estaríamos a passar por toda aquela experiência.

Segundo Formosinho (2001) “A Prática Pedagógica é a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver as competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável.” (p. 50)

Ao realizarem estas aulas demonstram as competências adquiridas ao longo de quatro anos de estudo e trabalho.

## **Dia: 20 de junho de 2011**

Após o acolhimento na roda, no salão, os alunos foram encaminhados até à sala, onde iniciaram o dia com a leitura do texto *Uma vez no mês de maio*, fazendo de seguida um exercício caligráfico do mesmo.

Ainda na área de Língua Portuguesa, o professor titular pediu para os alunos observarem com atenção o texto e escolherem as palavras que cada um não conhecia e as escrevesse na folha que tinham, de seguida teriam de ir procurar no dicionário o significado de cada uma e escrevê-lo.



## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

É sempre importante enriquecer o vocabulário dos alunos, fazê-los procurar num dicionário palavras que eles desconhecem é uma prática interessante de se fazer. No 2.º ano de escolaridade as crianças, normalmente, aprendem a consultar um dicionário, algo que é indispensável.

De acordo com Castro e Gomes (2000) “(...) é através da exposição a novas palavras que a criança vai expandir o seu vocabulário.” (p. 41)

Ao observar os alunos a executarem esta tarefa, pude verificar que ainda alguns demonstram dificuldade em encontrar as palavras que desejavam, senti-os pouco à vontade com o dicionário, o que lhes provocava a desmotivação para a elaboração da tarefa.

### **Dia: 21 de junho de 2011**

Às terças-feiras duas alunas do 2º ano estagiavam juntamente comigo na sala do 4º ano, como tal tinham de lecionar uma disciplina em conjunto, neste dia as duas dirigiram a aula de Língua Portuguesa.

Uma começou por fazer a leitura e interpretação do texto *O tesouro do enforcado*, depois de trabalhado a nível oral, os alunos fizeram a sua interpretação por escrito. De seguida, a outra estagiária lecionou, também na área da Língua Portuguesa, proporcionando uma atividade ligada à escrita de uma carta.

### **Dia: 24 de junho de 2011**

A grande maioria das crianças já se encontravam de férias neste dia, como tal a professora juntou na sua sala, todos os alunos do 4.º ano e do 3.º ano.

Com o intuito dos alunos estarem ocupados, a professora pediu a todas as estagiárias para dirigirmos uma manhã, mas que esta não tivesse um carácter meramente lúdico. Como tal decidimos realizar o jogo da forca associando os conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e História de Portugal.

Na segunda parte da manhã optámos por realizar com eles origamis, que mais tarde iriam colar numa folha branca e ilustrar um desenho em que este tivesse representado.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Neste dia, após a realização do origami, cada criança tinha de ilustrar um desenho em que o origami realizado estivesse incluído, observei que todos os desenhos eram diferentes, pois cada criança expressou-se à sua maneira.

De acordo com Ferreira (2005) “(...) o professor não deve julgar as atividades criadoras das crianças ou estabelecer comparações entre os seus trabalhos artísticos” (p. 43)

O objetivo era deixá-los criar, serem livres de escolher o cenário que achavam ideal para o origami. A mesma autora defende que “O principal objetivo da arte (...) é formar o ser criativo que possa realizar-se como pessoa, através da educação integral da criança. O mais importante é a criança, e não a arte.” (p. 46)

### **Dia: 27 de junho de 2011**

Este dia foi dedicado, uma vez mais, às provas práticas de aptidão pedagógica de colegas do Mestrado em Pré-Escolar.

Comecei por assistir a uma aula no bibe azul. Como temas a minha colega escolheu falar dos dinossauros, começando por ler-lhes uma história sobre os mesmos. Para a área do Domínio da Matemática, optou por dinamizá-la com um material alternativo, no Conhecimento do Mundo mostrou um *PowerPoint* onde falava destes animais.

De seguida, na outra turma do bibe azul, iria realizar-se mais uma aula, assim, dirigi-me até lá para a ver. Como tema principal tinha a profissão de jardineiro, vestida a rigor começou por dirigir a aula no Domínio da Matemática, onde trabalhou o 3.º e 4.º dom de Fröebel, explorando situações problemáticas.

Para a unidade curricular de Estimulação e Iniciação à Leitura optou por realizar um jogo na parte exterior, estavam então divididos em grupos e cada grupo tinha de realizar a tarefa proposta. Na aula de Conhecimento do Mundo semeou a semente de uma flor, explicando primeiro o trabalho de um jardineiro.

## **Dia: 28 de junho de 2011**

Quando cheguei à sala, grande parte dos alunos não estava presente, pois como já estavam de férias muitos não foram à escola.

A professora de Expressão Plásticas pediu-me ajuda para arrumar as pastas de expressões e os desenhos correspondentes a cada um, assim a minha manhã de estágio foi dedicada a esta tarefa, não vendo então o que os alunos realizaram durante a mesma.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

As Expressões Plásticas fazem parte do programa escolar, elas ajudam ao desenvolvimento da criança. Segundo Rodrigues (2002) “(...) a Educação deve permitir o equilíbrio entre a mão e o espírito; entre o fazer, o sentir e o pensar.” (p. 210)

Torna-se necessário que a criança tenha contato com a arte, e expressar-se livremente, a mesma autora refere que “Ao expressar-se livremente, a criança adquire autoconfiança e torna-se mais responsável e cooperante no relacionamento com os outros.” (p. 210)

As crianças são criativas por si só e a arte ajuda-as a desenvolver essa criatividade, mas também tem outras funções. Ferreira (2005) afirma que “(...) a arte tem a função de favorecer a ação espontânea, facilitar a livre expressão e permitir a comunicação. Ela contribui para a formação intelectual da criança.” (p. 51)

## **Dia: 1 de julho de 2011**

Como referi anteriormente estavam em tempo de férias, e as aulas estavam dadas por terminadas, assim sendo neste dia os alunos tiveram uma manhã de brincadeira e visionamento de um filme.

Começaram por estar mais tempo na roda, onde cantaram diversas músicas, muitos deles tinham trazido os seus jogos eletrônicos e estavam a jogar. Assim os 2º anos, 3º anos e 4º anos, foram encaminhados até à sala do 4.º ano, sendo informados que iam assistir a um filme.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

As crianças tem um “carinho” especial pela televisão, sentem-se confortáveis com o visionamento de um filme ou com qualquer programa televisivo. Segundo Gerin (1965) “Se a criança está inteiramente à vontade a ver televisão, é porque a televisão a introduz num mundo que é seu: o mundo em que se confundem a imaginação e a realidade.” (p. 22)

A verdade é que a televisão, segundo este mesmo autor, proporciona o lado imaginativo, a criatividade e um mundo longe da realidade. Esta pode contribuir para a formação da personalidade da criança, quanto mais novas são, mais influenciáveis o são. De acordo com a mesma autora “(...) a criança está ainda menos defendida que o adulto contra as influências exteriores a que está sujeita.” (p. 99)

Mesmo estando entretidas em frente à televisão, as crianças não gostam de estar sozinhas, ao estarem os alunos todos juntos a visionar um filme, permite-lhes estarem acompanhados, mas também a “discutir” sobre o que vêem. Mais uma vez este autor refere que “(...) tem necessidade de um companheiro com o qual possa partilhar as suas impressões. Sente-se igualmente feliz de poder comentar os programas (...)” (p. 105)

### **Dia: 4 de julho de 2011**

Este dia em todo foi idêntico ao dia anterior, mais uma vez depois do acolhimento dirigiram-se à sala do 4.º ano, onde assistiram a outro filme.

## **2.7 - Estágio no 2º Ano -A**

**Secção 6:** Período de estágio de 27/09/2011 a 18/11/2011

**Faixa etária:** Bibe verde (2.º ano)

**Local de estágio:** Jardim-Escola João de Deus – Estrela

### **2.7.1 - Caracterização da turma**

Esta turma é composta por muitos alunos, são 29 no total, sendo 16 do género masculino e 13 do género feminino.

É uma turma bastante amorosa e solidária, mas ao mesmo tempo bastante conversadora. Apresenta uma grande oscilação entre os alunos, tendo alunos com as capacidades muito desenvolvidas e outros que demonstram grandes dificuldades de aprendizagem.

Existe um aluno que sofre de dislexia e que recebe apoio de outra professora na escola, existe também um aluno que tem bastantes dificuldades, principalmente na unidade curricular Língua Portuguesa, mostrando grandes dificuldades na leitura e na escrita.

Este conjunto de alunos está inserido na escola e em todas as atividades que ocorrem na mesma, é uma turma que já vem junta desde o pré-escolar, o que se nota bastante na relação entre eles.

### **2.7.2 - Caracterização do espaço**

A sala onde está inserida esta turma é, sem dúvida, ideal para a mesma, pois as suas dimensões são as mais adequadas, dada a quantidade de alunos. Os alunos estão dispostos consoante gostam, ou seja, estão sentados ao lado dos amigos.

A sala tem bastante luz, o que faz com que a sala ainda pareça maior, é bastante acolhedora. Pode-se encontrar também uma pequena zona onde existe um tapete com almofadas, onde os alunos por vezes se sentam depois de realizar todos os trabalhos e querem ler os livros que trazem de casa.

### **2.7.3 - Horário**

O horário é em todo idêntico aos outros anos, sendo que as únicas aulas observadas foram as de Língua Portuguesa e de Matemática.

As aulas de Estudo do Meio são sempre lecionadas na parte da tarde, pelo que, infelizmente em tempo algum no 1.º ciclo, pude observar tais aulas, a não ser quando eram lecionadas por estagiárias.

### **2.7.4 - Rotinas**

As rotinas deste ano são iguais aos anos anteriores, pelo que não se justifica serem novamente relatadas nesta secção.

### **2.7.5 - Relatos – 2º Ano - A**

**Dia: 27 de setembro de 2011**

Neste primeiro dia de estágio no 2.º ano A. comecei por observar uma aula no Domínio da Matemática. A professora cooperante tinha distribuído uma proposta de trabalho com imagens do material manipulativo, Calculadores Multibásicos, o objetivo do trabalho seria fazer a leitura de números e escrevê-los por extenso.

Logo após a pausa da manhã, os alunos foram encaminhados pela professora até ao ginásio, onde assistiram a uma ação de formação sobre Higiene Oral.

Para terminar a manhã, os alunos pediram à professora para jogar com eles um jogo, assim a docente proporcionou um jogo sobre alguns conteúdos de Língua Portuguesa.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A realização de ações de formação dedicadas às crianças proporciona momentos de aprendizagem diferentes e bastante lúdicos. O facto dos formadores não conhecerem as crianças e, não estarem com elas durante todos os dias, faz com que eles se sintam motivados para ver algo novo.

A higiene oral faz parte da vida dos alunos, e quanto mais forem chamados à atenção para esta problemática, mais eficaz se torna a ação deles.

Segundo Cordeiro (2007)

Para que a criança se interesse pelo cuidado com a higiene oral – e qualquer criação de hábitos será tanto mais eficiente quanto o interessado se envolver com gosto -, o momento de escovar os dentes deve tornar-se divertido e não visto como mais uma obrigação ou castigo. (p. 148)

Ao explicar os porquês de uma boa lavagem, ajuda-os a compreender o verdadeiro motivo para a importância da higiene oral, sendo mais explícito para eles.

### **Dia: 30 de setembro de 2011**

O dia começou com a unidade curricular de Matemática, onde executaram uma tarefa sobre a reta numérica, de seguida a professora realizou um jogo sobre operações aritméticas, onde cada grupo escolhia um elemento para se dirigir ao quadro e realizar uma subtração.

Como os alunos não estavam a conseguir efetuar as operações, a professora recorreu aos Calculadores Multibásicos para explicar a realização das mesmas.

Na segunda parte da manhã, a turma foi dirigida para realizar um exercício caligráfico de alguns destrava línguas, sendo logo de seguida encaminhados para um exercício ortográfico com algumas palavras anteriormente copiadas.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Recorrer a um jogo para estimular a criança para um determinado conteúdo ou para uma determinada unidade curricular, pode ser bastante benéfico. De acordo com Caldeira (2009) “o jogo (...) nunca pode estar dissociado do conjunto de elementos presentes no acto de ensinar e pode ser uma estratégia, para propiciar a aprendizagem.” (p. 46)

A criança, ao jogar, demonstra uma motivação para aprendizagem muito mais ativa, para ela o facto de estar a jogar implica divertimento e prazer, sendo que por vezes nem se apercebe que está realmente a aprender.

Segundo Kamii (citado por Caldeira, 2009) “(...) o jogo é um recurso motivador para a aprendizagem das quatro operações, por envolverem regras e contribuírem para o desenvolvimento da autonomia.” (p. 49)

Quando se joga, e esse jogo está interligado com alguma unidade curricular, não se pretende que a criança apenas adquira conhecimentos sobre o conteúdo que se trabalha, pretende-se que ela crie respeito pelos colegas, que se esforce para atingir o objetivo, ou seja ganhar, mas que principalmente saiba aceitar quando perde.

### **Dia: 3 de outubro de 2011**

Este dia foi o único em que tive oportunidade de assistir a uma aula de Estudo do Meio, mas para começar o dia os alunos leram o texto *O parágrafo* de Marta Abrantes Pereira, do livro Maria Aluada.

Após a leitura em voz alta de toda a turma, a professora explicou o conceito de parágrafo e em que ocasiões se usa, com exemplos concretos do texto.

Na aula de Estudo do Meio começaram por identificar num mapa mundo os continentes e, posteriormente, os oceanos. De seguida realizaram uma atividade em que tinham de pintar os oceanos do planeta Terra.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

As crianças sentem-se motivadas em conhecer o que as rodeia, e a unidade curricular de Estudo do Meio proporciona isso mesmo.

De acordo com Roldão (1995) “O meio em que se vive faz parte integrante da experiência afectiva de cada um (...)” (p. 26), sendo por isso de extrema importância abordá-lo em sala de aula.

A mesma autora refere ainda que “(...) o estudo do meio prende-se (...) com a necessidade de consciencializar a criança acerca da realidade em que vive, preparando-a para compreender e intervir nessa realidade.” (p. 27)

### **Dia: 4 de outubro de 2011**

A manhã deste dia iniciou-se com a aula no Domínio da Matemática, onde a professora cooperante trabalhou a subtração com e sem empréstimo, com auxílio dos Calculadores Multibásicos.

Na segunda parte da manhã trabalharam a Língua Portuguesa, recorrendo ao texto lido no dia anterior, fizeram a sua interpretação.

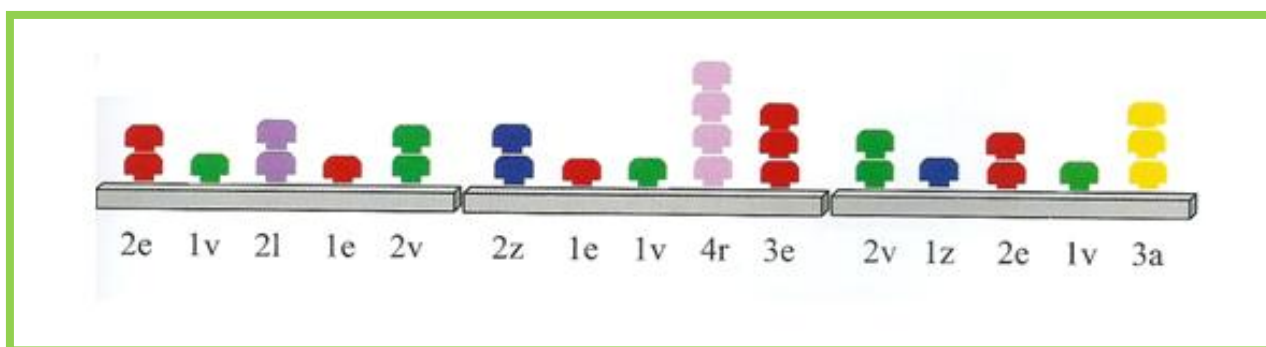


## Inferências e Fundamentações Teóricas

Os Calculadores Multibásicos (figura 12) é um material manipulativo que é trabalhado desde o Bibe Azul (5 anos) e com ele pretende-se desenvolver a área da Matemática.

Este material manipulativo ajuda a compreender a posição dos números, pois cada ordem tem a sua cor, variando apenas na cor da ordem das unidades. A cor amarela representa as unidades de unidades, a azul as unidades de milhar, a rosa as unidades de milhão, a lilás as unidades de bilião. Nas unidades de milhar de milhão utiliza-se novamente a azul.

Segundo as Normas (citado por Caldeira, 2009) este material ajuda a “(...) perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam compreender os números... Além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e cálculo” (p. 203)



**Figura 12** – Exemplo com as peças dispostas nas suas posições corretas

### Dia: 7 de outubro de 2011

Começaram a aula, por finalizar uma ficha de trabalho na área da Matemática e de seguida fizeram a sua correção. A professora da sala pediu à minha colega para ditar aos alunos algumas palavras terminadas em “ão” e “am”.

Já depois da pausa para a brincadeira e descontração no exterior, a professora explicou a classificação de palavras quanto à sílaba tónica. Elaborou no quadro um esquema, inciou a explicação dizendo que tinha um amigo que se chamava EGA e que ele seria muito útil para a divisão silábica.

Cada letra do seu nome corresponde a um tipo de palavras E de esdruxúlas, G de graves e A de agudas. De seguida, deu exemplos de palavras para agruparem no esquema que estava feito no quadro, enunciando como se realizava a classificação.

### **Dia: 10 de outubro de 2011**

Com o apoio dos Calculadores Multibásicos a professora trabalhou novamente a subtração, introduzindo a prova dos nove. Alguns alunos demonstraram grandes dificuldades em realizar a prova, visto que a subtração ainda não estava bem compreendida.

Para a unidade curricular de Língua Portuguesa começaram pela leitura de um poema, começando a docente por fazer a leitura modelo, pedindo de seguida a algumas crianças para fazerem a leitura em voz alta, realizaram após a mesma um exercício caligráfico.

Por fim, classificaram, quanto à classe e a sub classe, algumas das palavras que faziam parte do poema em questão.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ler poemas desde tenra idade contribui para o desenvolvimento de emoções e sentimentos, mas também aumenta o gosto pela Língua. Como Franco (1999) faz referência “(...) o poema deve ser, antes de mais, um pretexto para o prazer da beleza e um motivo para o contacto com a língua.” (p. 56)

O professor deve proporcionar momentos dedicados à poesia. O mesmo autor afirma ainda que, “(...) reserve (...) um espaço em que a poesia possa acontecer com naturalidade, num diálogo em redor das impressões de cada dia e das próprias palavras, sem o fantasma de uma correção opressiva, nem rebuscados critérios de exigência literária.” (p. 56-57), assim a poesia nestas idades não é abordada com exaustão, mas sim com o intuito de criar gosto para mais tarde ser aprofundada.

### **Dia: 11 de outubro de 2011**

Este dia começou em todo igual ao dia anterior, começaram por trabalhar a subtração e a prova dos nove, sendo que, desta vez, não utilizaram nenhum material manipulativo, utilizando apenas o papel e o lápis.

Após a pausa para o descanso e para se divertirem um pouco, a professora pediu-me para orientar a aula de Língua Portuguesa com o texto que tinha vindo sendo trabalhado.

Assim sendo, comecei por realizar a leitura do poema, para de seguida o ir trabalhar, estrofe a estrofe, e fui fazendo perguntas a cerca do mesmo. Tinha-me sido pedido, também, para trabalhar sinónimos e antónimos, realizando assim a proposta de trabalho que a a professora já tinha preparado.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A aprendizagem de Matemática está interligada com todas as outras unidades curriculares. Frisando Caldeira (2009) “(...) a partir dos números dar sentido às letras.” (p. 59)

A escola não tem como principal objetivo que os alunos apenas decorem o que lhes dizem, mas sim ajudá-los a criar um fio de pensamento. Citando Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) “A escola tem justamente a função de ajudar os alunos a desenvolver as suas capacidades e de cultivar a sua disposição para usá-las mesmo que isso envolva algum esforço de pensamento.” (p. 22)

As aprendizagens não são imediatas, e o professor/educador deve ter em conta isso mesmo, aprender requer tempo e sobretudo disposição. Estes mesmos autores referem que

A aprendizagem não é uma questão meramente cognitiva. Os aspectos afectivos são igualmente envolvidos e são muitas vezes determinantes. Não apenas a motivação para aprender é essencial, como a natureza dessa motivação influencia o modo como os alunos se envolvem nas tarefas e aprendem. (p. 27)

### **Dia: 14 de outubro de 2011**

Ao iniciar o dia, a professora cooperante pediu a dois alunos para a ajudarem a distribuir os livros de Língua Portuguesa. Começaram a preparar a leitura do texto *Isabel* de Sophia de Mello Breyner e logo de seguida realizaram a interpretação do mesmo.

Para a aula do Domínio da Matemática, a professora pediu à minha colega para dirigir a aula. Teria de trabalhar a leitura de números, quer por ordens quer por

classes. Como apoio, tinha a proposta de trabalho que eles tinham para fazer, realizando com eles os exercícios da mesma.

### **Dia: 17 de outubro de 2011**

Os testes mensais estavam a aproximar-se, por isso estava na altura de rever alguns conteúdos. Os alunos tinham levado para casa uma espécie de teste no Domínio da Matemática para realizarem em casa, de forma a perceberem quais as suas maiores dúvidas, de maneira a que conseguissem depois esclarecê-las.

A primeira parte da manhã ficou, então, encarregue à correção do teste de treino de Matemática.

Depois da brincadeira e do divertimento há que voltar às aulas. Para esta segunda parte da manhã a professora proporcionou um momento divertido, mas de aprendizagem; começaram por ouvir a música *Dunas* dos GNR, para de seguida realizarem um ditado lacunar.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A música é algo que está presente na vida da criança desde cedo, quando ainda se encontra na barriga da mãe ela escuta atentamente o batimento cardíaco da mãe.

De acordo com Junior (citado por Varão, 1997) “ (...) o som e o ritmo, são tão velhos como o homem que já nasceu com eles, as batidas do coração e a respiração, são elementos rítmicos. O andar e as mãos também indicam um ritmo. A voz produz um som.” (p. 34)

Ao utilizar a música na escola promove-se o gosto pela mesma, neste caso realizaram um trabalho dentro da área de Língua Portuguesa, mas estão a desenvolver outras competências. Segundo Platão (citado por Reis, 2003) “devemos necessariamente atribuir suprema importância àquela parte da educação que encoraja o sentido de ritmo e da harmonia (...) porque o ritmo e a harmonia mergulham profundamente nos recondidos da alma e exercem um grande domínio sobre ela (...)” (p. 126)

A escola, como instituição de formar futuros cidadãos, não deverá dar só importância às unidades curriculares que desenvolvem o intelecto, mas também às

áreas que promovem o desenvolvimento de sentimentos, ritmo, movimento entre outros aspetos.

### **Dia: 18 de outubro de 2011**

O dia do teste mensal de Matemática chegou, depois da sala preparada para o propósito, os alunos começaram a realizar o teste. Verifiquei que havia alunos com bastante dificuldade em resolver os problemas, não chegavam mesmo a perceber o que lhes era pedido.

Para a aula de Língua Portuguesa tiveram a corrigir o teste de treino, tirando todas as dúvidas que lhes surgissem.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Pode constatar que a utilização de testes de treino facilitava a aquisição de conhecimentos, ou esclarecimento de dúvidas pontuais.

Mesmo assim algumas crianças durante a realização dos testes mensais demonstravam dúvidas, sendo muitas delas as mesmas que apresentavam durante a correção do teste de treino.

### **Dia: 21 de outubro de 2011**

Logo pela manhã começaram por realizar o teste mensal de Língua Portuguesa. Verifiquei, mais uma vez, que alunos demonstravam uma grande dificuldade, uma das crianças teve mesmo de realizar um teste diferente para poder conseguir fazer qualquer coisa.

Era um teste mais pequeno e mais simples, mas mesmo assim demorou bastante tempo a efetuá-lo.

No Domínio da Matemática os alunos trabalharam a ordem crescente e decrescente, fazendo de seguida exercícios de cálculo mental, incluindo a tabuada.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Todos os momentos que o professor possa despendar para o cálculo mental são bons, quanto mais estratégias se usar mais apelativa a aprendizagem se torna.

Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) realçam que “Ajudar os alunos a desenvolver estratégias que lhes permitam aprender a tabuada, como forma de facilitar o cálculo mental, o cálculo escrito e a estimação, contribui para que compreendam relações entre números e raciocinem matematicamente.” (p. 49)

As contagens crescentes e decrescentes não foram de todo um exercício fácil de realizar para alguns alunos, referindo Castro e Rodrigues (2008) “Contar a partir de certa ordem (crescente ou decrescente) é uma capacidade que exige, já alguma abstracção” (p. 21), algo que muitos alunos não possuíam.

É com o continuar do trabalho que certas capacidades se desenvolvem, não basta falar uma vez e esperar que a criança capte o que lhe está a ser transmitido. Os mesmos autores defendem, ainda, que “À medida que o seu universo numérico aumenta e as suas competências de contagem se desenvolvem, as crianças vão-se tornando progressivamente mais competentes (...)” (p. 30)

### **Dia: 24 de outubro de 2011**

Este dia marcou o estágio no 2.º ano, soubemos de manhã cedo que alguém iria à sala, mas não sabíamos quem era, a professora foi seguindo com a aula até que vimos chegar a Dr<sup>a</sup>. Filomena Caldeira, professora na ESEJD de Matemática e materiais.

Disse-nos que iria lecionar uma aula de Calculadores Multibásicos. Para nós, estagiárias, foi uma oportunidade única, pois podemos ver a professora que nos ensina os materiais a lecionar especificamente para crianças, algo que nunca tínhamos oportunidade de verificar.

Após trabalhar a subtração, com e sem empréstimo, com ajuda deste material manipulativo, foi chamando os alunos um a um para trabalhar consigo individualmente a subtração com empréstimo, no papel, havendo assim um ensino individual.

Enquanto uns estavam com a Dra. Filomena, comigo e com a minha colega, a restante turma realizava uma expressão escrita a partir de uma imagem.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Por vezes é necessário trabalhar com apenas uma criança de cada vez, pois existem conteúdos que merecem mais atenção por representar uma dificuldade acrescida para as crianças. A subtração com empréstimo é um desses conteúdos.

Existe o trabalho individual, que segundo Dottrens (1975) consiste em “Após a lição coletiva, os exercícios de aplicação são executados por cada criança que apenas conta com ela mesma e até com a proibição (...) de permitir que a auxiliem (...)” (p. 27)

Já o trabalho individualizado corresponde, consoante o mesmo autor, a um “(...) trabalho adaptado a cada indivíduo, preparado para ele próprio porque será ele a executá-lo e em condições bem precisas.” (p. 28)

Ao se adotar um trabalho individualizado, o professor/educador consegue perceber as dúvidas e o à vontade da criança perante os conteúdos, citando novamente este autor,

Só o ensino individualizado pode tomar em considerações as diferenças de inteligência entre crianças da mesma turma, as aptidões de um mesmo indivíduo, o seu ritmo de trabalho e as variações deste, as suas reacções afectivas, a sua resistência à fadiga, todos os factores pessoais que intervenham na sua actividade e no seu comportamento escolar. (p. 30)

### **Dia: 25 de outubro de 2011**

Também, neste dia, recebemos visitas inesperadas, mas desta vez seriam para nos propor aulas surpresas. A professora de Prática Pedagógica começou por pedir à minha colega para fazer a leitura e interpretação de um texto escolhido na hora. De seguida teria de explorá-lo a nível do Conhecimento Explícito da Língua, introduzindo o grupo nominal e o grupo verbal.

Para a minha aula surpresa estava reservada uma aula no Domínio da Matemática onde, com os Calculadores Multibásicos tinha de realizar subtrações com empréstimo a partir de uma situação problemática.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Mais uma vez a realização de aulas surpresas proporcionaram uma aquisição de conhecimentos, que depois com a reunião com as professoras cooperantes e da ESEJD foram aprofundados com possíveis novas estratégias que podemos utilizar.

Estas aulas são uteis, mas as reuniões tornam-se ainda mais eficazes pois recebemos uma perspectiva de quem observa a aula, sendo possível melhorar para uma próxima situação.

### **Dia: 28 de outubro de 2011**

Este dia foi dedicado à realização do teste mensal na área da Matemática. As grandes dificuldades residiam na elaboração de situações problemáticas, pois muitos não conseguiam interpretar os problemas corretamente.

### **Dia: 31 de outubro de 2011**

Era altura de comemorar o dia das bruxas. Devido ao facto da professora não se encontrar na escola, a professora do 2.º ano B ficou com as duas turmas.

Quando chegámos à sala a professora perguntou qual de nós queria fazer a leitura de um livro que tinha escolhido, assim eu ofereci-me e comecei a ler *Cozinhando Histórias*, depois de ler o texto conversei com os alunos fazendo uma interpretação do texto, tentando ao mesmo tempo brincar com eles.

Fizeram ainda um desenho sobre a história, quando terminou o intervalo, a professora distribuiu pelos alunos uma folha onde falava sobre a origem do dia de Halloween, após a explicação puderam pintar abóboras como gostariam.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

É através das artes que a criança pode exprimir o que lhe vai no consciente, e muitas das vezes o que se passa no seu inconsciente. Conforme as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997) afirmam que

Recriar momentos de uma actividade, aspectos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projectos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido. (p. 62)

A criança por norma desenha o que lhe agrada, mesmo quando se trata de uma história, pois não a ilustra por completo, apenas um episódio e esse é o que lhe ficou na memória. Citando Read (2001) “Ela tenta comunicar, expressar ou catalogar tudo o que lembra, ou tudo que lhe interessa, em um tema.” (p. 131)



### **Dia: 4 de novembro de 2011**

Esta foi a primeira manhã de aulas da minha colega de estágio. Como temas tinha sequências e decomposição de números na área da Matemática, na área de Estudo do Meio os Distritos de Portugal, e por fim no Domínio da Língua Portuguesa os sinónimos e antónimos, no qual elaborou um jogo.

Iniciou a sua aula com a Matemática, realizando exercícios numa ficha de trabalho, seguiu para a aula de Estudo do Meio onde, com apoio de um mapa de Portugal grande, completou-o com os vários distritos.

Para a aula na área de Língua Portuguesa, a minha colega optou por realizar diversos jogos, onde abordava os sinónimos e antónimos.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Neste dia a grande agitação e o grande entusiasmo surgiu na aula de Língua Portuguesa. A partir do momento que souberam que esta consistia num jogo, a motivação deles aumentou.

Utilizar o jogo como estratégia para a aprendizagem da linguagem é uma estratégia plausível para se atingir o pretendido. Consoante Barbeiro (1998) “(...) poderemos dizer que a própria linguagem constitui um jogo.” (p. 30)

O mesmo autor refere ainda que “Os jogos surgem assim como um instrumento para criar e recriar (...) situações de comunicação através das quais se torna possível a utilização da linguagem.” (p. 42), para jogar tem de haver comunicação.

### **Dia: 7 de novembro de 2011**

Este dia foi a minha primeira manhã de aulas. Na área de Língua Portuguesa iria lecionar o tipo e formas de frase. Utilizando imagens de quatro desenhos que representavam os quatro tipos de frases, organizei as frases trazidas de casa de forma a perceberem as principais diferenças entre as frases. Fui dinamizando a aula, pedindo sempre a colaboração dos alunos.

Para o Estudo do Meio tinha como tema as Capitais de Distrito, pegando na aula da minha colega, pedi a alguns alunos para me dizerem alguns dos distritos, procurando estimular-lhes a memória.

No Domínio da Matemática optei por utilizar um material manipulativo e realizar com eles situações problemáticas, com o 3.º e 4.º dom de Fröebel e um material feito por mim, criei uma história onde pudesse incluir as construções que pretendia que eles realizassem. Proporcionei vários tipos de problemas, uns com dados necessários, outros com pergunta no início e ainda de escolha múltipla.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A resolução de problemas é uma estratégia bastante comum a todos os anos em que estagiei. Pude observar que alguns alunos tinham grande rapidez em realizar os exercícios propostos, mesmo quando não estavam a lê-los.

De acordo com Caldeira (2009) a resolução de problemas “(...) possibilita o desenvolvimento de capacidades como: observação, estabelecimento de relações, comunicação, argumentação e validação de processos, além de estimular formas de raciocínio como intuição, indução, dedução e estimativa.” (p. 103)

Quanto mais apelativo e desafiador for o problema, maior será o prazer do aluno em descobrir a solução correta. A mesma autora refere

(...) que o conhecimento matemático ganha significado quando os alunos têm situações desafiadoras para resolver e trabalham para desenvolver estratégias de resolução. Desta forma, um problema, ainda que simples, poderá despertar o interesse pela actividade matemática se proporcionar ao aluno o gosto pela descoberta da resolução, estimulando a curiosidade, a criatividade e o raciocínio e ampliando o conhecimento matemático. (p. 103)

Um problema é, nada mais, nada menos, do que questionar uma criança em que ela não tem a resposta imediata, terá de refletir e de se questionar a si própria para obter uma resposta.

## **Dia: 11 de novembro de 2011**

Como dia de S. Martinho que era, este não podia ser esquecido, assim a professora começou por distribuir pelos alunos uma proposta de trabalho onde tinha as imagens da lenda de S. Martinho.

Com ajuda da professora escreveram por baixo de cada imagem a legenda correspondente, para que no fim tivessem a lenda feita. Antes de terem a pausa para o descanso matinal, a professora realizou um ditado de palavras em que o tema era o S. Martinho.

Para terminar a manhã de aula efetuaram oralmente exercícios de cálculo mental, posteriormente realizaram operações de subtração com e sem empréstimo.

### **Dia: 14 de novembro de 2011**

Neste dia a professora cooperante introduziu um novo conteúdo na área de Língua Portuguesa, começou por fazer uma breve revisão dos tipos e formas de frase, partindo de seguida para a família de palavras, tema que ela iniciou.

Elaborou no quadro um esquema com a família de palavras com o radical “cas”, de seguida distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho. De forma a consolidar o conteúdo novo adquirido, pediu para que estes consultassem o dicionário para resolver os exercícios.

Na segunda parte da manhã, depois do merecido descanso, tiveram que resolver uma proposta de trabalho com diversas operações aritméticas, resolvendo a prova dos nove de seguida.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ao realizarem o trabalho sobre a família de palavras, os alunos tinham obrigatoriamente que procurar o significado das palavras no dicionário. Segundo Martins e Niza (1998) este exercício “(...) ocorre em situações em que se pretende localizar ou registar para não esquecer, uma ou mais informações precisas, etiquetar e classificar informação, comunicar resultados, anunciar acontecimentos.” (p. 196). Denomina-se, então, conforme as mesmas autoras por “Ler para obter uma informação precisa; escrever para memorizar e transmitir dados concretos” (p. 196)

Para obter os resultados que pretendiam, necessitavam de pesquisar tendo conhecimento do critério de ordenação. Citando as mesmas autoras, “A actividade de leitura correspondente é muito seletiva, na medida em que se passa rapidamente o olhar pela informação não relevante e se lê atentamente a informação que se pretende obter.” (p. 197)

As autoras destacam ainda, que este exercício, “Constitui uma actividade particularmente importante na fase de iniciação à leitura e à escrita (...)” (p. 197). Daí promover o contato com dicionários, jornais entre outros documentos.

**Dia: 15 de novembro de 2011**

Durante este período de estágio tivemos oportunidade de ver que alguns alunos tem grandes dificuldades na aprendizagem, então eu e a minha colega pensámos em fazer algo mais lúdico mas em que eles adquirissem alguns conhecimentos,

Realizámos então, um jogo para a área da Matemática e outro para a área de Língua Portuguesa. Começámos com o jogo de Matemática, onde cada aluno tinha um tabuleiro que continha números, à medida que os números iam saindo pedia individualmente aos alunos para me indicarem uma operação em que obtinham o número que estava no tabuleiro.

Era uma versão de bingo mas com operações aritméticas, ganhava quem conseguisse terminar o tabuleiro, sendo que de cada vez que acertavam recebiam um cartão para taparem os números que iam saindo, se errassem era-lhes retirado um desses cartões.

O jogo de Língua Portuguesa consistia em formar a família de palavra; cada aluno tinha uma palavra que tinha de ler e procurar os colegas que tinham as palavras da mesma família.

Para terminar a manhã realizaram um exercício caligráfico com as palavras do jogo de Língua Portuguesa.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ao utilizar o jogo como estratégia para a aprendizagem é importante que o professor planeie bem o que pretende desenvolver, o jogo permite à criança a sensação de liberdade. De acordo com Barbeiro (1998) “(...) o jogo pode ser transformado num instrumento para construir uma pedagogia sem imposição, de acordo com o mundo da criança, o seu papel seria o de proporcionar a libertação face à obrigação, não o de anular o direito à instrução.” (p. 22)

Ao realizarmos estes jogos, pretendemos chegar à aprendizagem, fazendo referência ao mesmo autor “(...) o jogo proporciona o prazer, as actividades do jogo são orientadas segundo os objectivos que se pretende atingir na aprendizagem.” (p. 23). O jogo abstrai a criança do trabalho e da aprendizagem.

**Dia: 18 de novembro de 2011**

Neste último dia de estágio, tive oportunidade de realizar uma nova manhã de aulas, visto que a primeira me tinha corrido bastante mal.

O tema de Língua Portuguesa continuava a ser o mesmo, o tipo e formas de frase. No Domínio da Matemática trabalhei a numeração romana e na área do Estudo do Meio realizei uma experiência sobre a combustão.

Comecei com a aula de Língua Portuguesa onde recorri à memória para se lembrarem da aula que eu já tinha lecionado, tendo entregue uma proposta de trabalho. Na aula de Matemática, recorri a números de grandes dimensões para explicar a numeração romana, trouxe para a aula também exemplos onde podíamos encontrar a numeração romana.

Para finalizar a manhã, efetuei a experiência da combustão, após a leitura do protocolo, cada aluno representou, através de um desenho, o que pensava que ia acontecer. Depois de elaborada a experiência, cada um fez a conclusão da mesma, comparando, em voz alta, se as suas conceções alternativas estavam certas ou erradas.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Um dos pontos de partida para a minha aula foi, sem dúvida, as aprendizagens ou conhecimentos que eles já teriam sobre qualquer dos temas abordados. Todas as crianças têm um conhecimento prévio sobre um determinado assunto, quer seja adquirido na escola ou por autorecriação.

Roldão (1995) escreve que “(...) as crianças já possuem conhecimentos antes de serem confrontados com os conceitos científicos relativos aos mesmos assuntos.” (p. 64)

A realização de experiências promove a “construção” de seres ativos em ciências. Segundo Martins et al (2009) “As tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças (...), como forma de potenciar o seu envolvimento físico com o mundo exterior (...)” (p. 38)

Ao dar a possibilidade de os alunos comunicarem sobre a experiência, verifiquei que alguns recorriam aos conhecimentos de científicos que tinham. Conforme Cachapuz, Praia e Jorge (2002) afirmam “O que importa fomentar (...) é a curiosidade natural dos alunos e o seu entusiasmo pela Ciência/Tecnologia (...)” (p. 46) e de facto a curiosidade dos alunos pela Ciência foi notória assim que distribuí os protocolos.

## **2.8 - Estágio no 3º Ano -A**

**Secção 7:** Período de estágio de 21/11/2011 a 27/01/2012

**Faixa Etária:** Bata azul clara (3.º ano)

**Local de Estágio:** Jardim-Escola João de Deus – Estrela

### **2.8.1 - Caracterização da turma**

Esta turma, inicialmente, era constituída por 25 alunos, sendo que no início do 2º período, após as férias de Natal, uma menina foi transferida do Jardim-Escola João de Deus de Leiria para este jardim-escola. Passando, assim, a turma a ser composta por 26 alunos, 16 do género feminino e 10 do género masculino.

Como referi anteriormente, quando a nova aluna integrou a turma, estava ligeiramente receosa, pois não conhecia ninguém, factor que depressa se desvaneceu graças à professora e a todos os membros da turma.

Existe um aluno com capacidades bastante elevadas, mas com grande défice de atenção, o que provoca uma agitação enorme no seu grupo. Esta turma tem, também uma aluna que é bastante reservada e com uma auto estima muito reduzida, fazendo com que a sua participação seja quase nula.

A turma é composta por alunos com o nível socioeconómico médio/alto. É bastante conversadora e animada, mas ao mesmo tempo amigos entre eles, entre a professora, e com uma relação bastante agradável com os estagiários.

### **2.8.2 - Caracterização do espaço**

Com uma sala de pequenas dimensões, mas bastante acolhedora, o 3.º ano A funcionava em plena harmonia. Como todas as outras salas do jardim-escola, tem uma luminosidade bastante forte, o que proporciona um bem-estar.

Composta por um quadro interativo e um quadro de giz, este último é utilizado para colocar imagens de apoio às aulas lecionadas.

As mesas dos alunos estão dispostas em grupos, cada grupo tem todas as semanas um chefe que fica responsável pelo comportamento dos outros elementos do grupo.

### **2.8.3 - Horário**

Como referi em todos os outros momentos de estágio, assisti apenas às aulas de Língua Portuguesa e de Matemática.

É importante salientar que, por uma questão de organização por parte da Prática Pedagógica, todos os estagiários que se encontravam neste jardim-escola tinham de repetir um ano, pelo que a mim coincidiu repetir o 3º ano e com a mesma professora, o que me limitou na observação de estratégias.

### **2.8.4 - Rotinas**

Mais uma vez elas estão de acordo com os anos anteriormente descritos, pelo que não se justifica uma nova nomeação das mesmas.

### **2.8.5 - Relatos – 3º Ano - A**

**Dia: 21 de novembro de 2011**

Neste primeiro dia de estágio começámos por observar a correção do trabalho de casa no Domínio da Matemática.

Soube que as professoras da Prática Pedagógica se encontravam no jardim-escola para realizarem aulas surpresas, desloquei-me até à sala do 4.º ano A, para assistir à aula da minha colega. Foi-lhe pedido para abordar o complemento direto e indireto, assim como os constituintes da frase.

Quando regressei à sala, verifiquei que os alunos estavam a elaborar um trabalho de grupo, que consistia em enunciar as principais tradições do Natal nalguns países.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O trabalho de grupo é uma metodologia que tem a sua importância para o desenvolvimento das crianças, trabalhar em equipa promove o respeito pelo próximo, a interajuda, o saber ouvir e saber aceitar opiniões.



De acordo com Estanqueiro (1990) “O trabalho em grupo, dentro ou fora da sala de aula, pode fornecer melhor rendimento intelectual e é um valioso contributo para a formação da personalidade.” (p. 57)

Serve de estímulo para os alunos, pois se existir um membro do grupo motivado, depressa será contagiante a motivação. O mesmo autor refere que “Ao lado de colegas motivados, descobrem-se novos motivos de interesse.” (p. 58).

### **Dia: 22 de novembro de 2011**

Começaram o dia por retirar os livros de leitura, *Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner, em que realizaram a leitura de um capítulo. No fim a professora cooperante recorreu à técnica do resumo, para fazer com que os alunos elaborassem oralmente o resumo do capítulo.

Foi distribuída depois uma proposta de trabalho, onde tinham de analisar sintaticamente algumas frases, e de seguida elaboraram um exercício caligráfico sobre o capítulo do livro lido.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A leitura do livro *Fada Oriana*, era efetuada sempre em voz alta, a professora começava por ler o capítulo para depois os alunos irem continuando-o.

De acordo com Cadório (2001)

A leitura em voz alta, pelos alunos e sobretudo pelo professor, é um meio de os alunos captarem o ritmo, a entoação e a emoção de quem lê. É também uma forma de o professor mostrar fruição e intimidade com os livros e de, consequentemente, contagiar os auditores. (p. 51)

Grande parte dos alunos lia com bastante fluência, havendo alguns que ainda demonstravam pequenas dificuldades na leitura, lendo por vezes muito baixinho para a professora não perceber onde estavam a errar. Sim-Sim (2006) afirma que “Ser mau leitor não é um estado irreversível, mas apenas o resultado de um conjunto de condições que a escola tem obrigação de alterar através da promoção da leitura extensiva (...)” (p. 98)

De facto, faz parte do papel da escola promover e incentivar o gosto pela leitura, assim como pela escrita. Uma das formas de promover este gosto é o contato

com autores experientes e a escolha de livros indicados, como foi o facto da escolha do livro de Sophia de Mello Breyner.

### **Dia: 25 de novembro de 2011**

Logo pela manhã, os alunos realizaram o teste mensal de Língua Portuguesa, cuja grande parte dos alunos demonstrou facilidade na execução do mesmo.

À medida que iam terminando o teste, tinham exercícios de Matemática para resolverem. A professora solicitou à minha colega de estágio para efetuar a correção de uma parte da proposta de trabalho, e a mim para corrigir a outra parte.

### **Dia: 28 de novembro de 2011**

O dia iniciou com revisões de Estudo do Meio, pois no dia seguinte iriam ter o teste mensal.

Após uma pausa para brincarem e descarregarem energias, regressaram à sala, onde abriram os livros de leitura e começaram por rever os capítulos que já tinham lido até este dia. Iniciando de seguida a leitura do capítulo *Cidade*, quando terminaram foram acompanhados até ao refeitório, onde iriam almoçar.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ler com frequência aumenta a capacidade de leitura dos alunos, a capacidade de descodificação do texto também se desenvolve.

Segundo Sim-Sim (2006) “(...) quanto maior o domínio linguístico, melhor compreensão de leitura e, conseqüentemente, uma maior frequência de leitura, o que resulta num conhecimento mais aprofundado das estruturas da língua.” (p. 49)

Ler proporciona o aumento de vocabulário. A mesma autora refere “A leitura pode tornar-se num óptimo veículo de enriquecimento de vocabulário, de novas estruturas de frase, de novos contextos vocabulares.” (p. 38)

Sim-Sim (2006) salienta ainda que

É inquestionável a importância da leitura e o poder dos livros. Por esse motivo, há medidas que têm carácter de emergência na sua implementação, como por exemplo, proporcionar o contacto precoce com o livro, facultar o acesso a obras e a diferentes suportes de escrita ao longo da escolaridade (...) (p. 16)

É, por isso, importante a existência de uma boa biblioteca escolar, mas também em casa, que contenha diversos livros de diferentes tipos de escrita.

### **Dia: 29 de novembro de 2011**

Para começar o dia efetuaram o teste mensal de Estudo do Meio e História de Portugal. À medida que iam terminando os testes, verificavam se tinham trabalhos em atraso e completavam os mesmos.

De forma a combater possíveis erros ortográficos, a professora adotou uma estratégia, a que deu o nome de *Maratona Ortográfica*. Esta consiste em ditar palavras com sonoridade parecida, mas com caligrafia diferente, neste dia foram palavras com “v” e “f”.

Antes de terminar a manhã realizaram, ainda, um ditado lacunar com a música *Isto ou aquilo* dos Clã.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Em qualquer idade é necessário combater os erros ortográficos dos estudantes, mas é no 1º ciclo que este trabalho é realizado com maior atenção e com maior rigor.

De acordo com Valadares (citado por Pires, 2002) “O progresso do saber faz-se por rectificações, ou mesmo confrontações (...)” (p. 52). Por vezes é importante confrontar os alunos com os seus próprios erros e serem eles capazes de identificar onde erram e descobrirem a forma correta de escrever.

A escrita precisa de ser avaliada constantemente e não apenas por um momento, a mesma autora refere que “Os momentos de avaliação são instantes e meios privilegiados de aprendizagem, pelo seu carácter (in)formativo ao aluno que (...) é chamado à atenção para os aspectos que ainda não domina e que são susceptíveis de recuperação (...)” (p. 52)

### **Dia: 2 de dezembro de 2011**

Quando cheguei à sala do 3.º ano A tive conhecimento de que iriam a uma visita de estudo. Soube, posteriormente, que se iriam deslocar até aos correios de Campo de Ourique, para ouvirem histórias contadas pela escritora Alice Vieira.

Regressados à escola e à sala de aula, a professora propôs que ensaiassem para a festa de Natal, assim passaram a restante manhã a fazê-lo.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Ouvir histórias faz parte da vida do ser humano, então nas crianças representa uma importância muito maior. Quanto mais entusiasmante a história for, mais capta a atenção dos ouvintes.

Citando Bettelheim (1975) “Para que uma história possa prender verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia e desperte a sua curiosidade.” (p. 11)

As histórias levam as crianças para o mundo da fantasia, da imaginação, um mundo que as fascina e que elas gostavam de tornar real. O mesmo autor afirma que “O conto de fadas procede de uma forma que se conforma com a maneira de pensar da criança e com aquilo por que ela vive, e é por isso que o conto de fadas é para ela tão convincente.” (p. 61)

### **De 5 a 12 de dezembro de 2011**

Estes quatro dias de dezembro foram dedicados, única e exclusivamente, aos ensaios de Natal, pois o dia da festa aproximava-se e era necessário ter tudo bem preparado para quando chegasse o grande dia.

### **Dia: 13 de dezembro de 2011**

Novamente, quando cheguei à sala de aula tomei conhecimento de que os alunos iriam ter mais uma visita de estudo. Desta vez ao parque da Serafina, onde assistiram à ação de formação sobre a prevenção rodoviária orientada por alunos do Liceu Pedro Nunes.

Chegámos ao parque antes da hora marcada para o início da ação de formação, de seguida os alunos foram encaminhados até ao parque de baloiços, onde puderam brincar livremente e comer o lanche da manhã.

Mais tarde foram encaminhados até à sala onde decorreria a ação de formação, em que se iria abordar as principais regras rodoviárias. Seguidamente, as

crianças tinham de realizar um pequeno percurso de bicicletas, onde deviam aplicar as regras anteriormente indicadas.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Realizar atividades lúdicas, mas compostas de conteúdos importantes para o crescimento das crianças, é de facto uma mais-valia para a aprendizagem. Segundo Andrade (1995) “(...) acções deste tipo não pode limitar-se a informar os jovens para a adopção de atitudes e comportamentos favoráveis (...) é também (...) situarmo-nos num movimento social que vai na contracorrente dos comportamentos e hábitos de vida (...)” (p. 8)

Prevenir os alunos para certos comportamentos ou atitudes, deixando-os partilhar ideias e experiências, proporciona a quem está a dirigir a ação de formação a capacidade de, citando a mesma autora, “(...) enriquecer e aperfeiçoar as suas técnicas de intervenção.”(p. 21)

### **Dia: 16 de dezembro de 2011**

Foi o grande dia, a excitação e nervosismo era enorme, tanto dos alunos como das professoras cooperantes, nada podia falhar na Festa de Natal.

Os encarregados de educação e familiares deslocaram-se até à escola para assistirem ao que os alunos tinham preparado. Neste dia eu e as minhas colegas de estágio ficámos até mais tarde, perfazendo um dia completo de estágio. Da parte da tarde também, foi-nos possível ajudar em tudo o que as professoras precisavam.

### **Dia: 2 de janeiro de 2012**

Este foi o primeiro dia, depois da pausa de férias. Quando cheguei ao estágio reparei que se encontravam poucas crianças no jardim-escola. Posteriormente fui informada que muitos alunos não iam estar presentes, pois encontravam-se ainda de férias.

Assim, depois de feito o acolhimento no salão, os alunos do 3º ano e do 4º ano foram encaminhados até à sala da professora, e realizaram um jogo durante toda a manhã.

### **Dia: 3 de janeiro de 2012**

Este dia ficou marcado pelo regresso às aulas e o reencontro dos amigos. Quando chegaram à sala, a professora começou por realizar uma revisão sobre as medidas de comprimento, para verificar se estas tinha sido adquiridas pelos alunos.

Na unidade curricular de Língua Portuguesa, a professora cooperante falou da diferença entre determinantes e pronomes possessivos e distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho para consolidar o tema.

### **Dia: 6 de janeiro de 2012**

O dia começou com uma proposta de trabalho sobre determinantes possessivos e funções sintáticas, em que realizaram os exercícios individualmente e sem ajuda.

Realizaram de seguida mais uma *Maratona Ortográfica*, onde voltaram a trabalhar a diferença entre “v” e “f”. Após o intervalo, regressaram à sala para resolverem uma ficha de trabalho, cujo objetivo era elaborar reduções das medidas de comprimento e situações problemáticas com as mesmas.

### **Dia: 9 de janeiro de 2012**

Neste dia uma colega de estágio tinha a sua aula programada, assim a manhã começou com a aula de uma colega de estágio. Como temas foi-lhe dado, os determinantes e pronomes possessivos na área de Língua Portuguesa, no Domínio da Matemática a circunferência e na unidade curricular de Estudo do Meio, o Sol como estrela.

Começou por realizar a leitura de um texto elaborado por ela, explorando-o de seguida, onde abordou o tema que lhe foi sugerido. Seguiu-se a Matemática, onde apresentou o que era uma circunferência, o raio e o diâmetro.

Em Estudo do Meio começaram por visionar um *PowerPoint* com imagens reais do Sol, em que a colega foi explorando o tema com a turma.

Após terminar a aula, a professora de Prática Pedagógica chamou-me para realizar uma aula surpresa. Com o texto da minha colega teria de abordar tudo o que os alunos já sabiam sobre o Conhecimento Explícito da Língua.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Durante a aula de Estudo do Meio foi visível a motivação dos alunos para o tema em questão. Segundo Estanqueiro (1999) “A motivação é um acelerador da aprendizagem e um travão do esquecimento.” (p. 22)

A motivação é necessária para aquisição de conhecimentos, ela pode não existir por diversos fatores, mas o professor deve ter capacidade de perceber a desmotivação do aluno e procurar formas da resolver.

O mesmo autor salienta ainda que “Quando a motivação enfraquece, o aluno precisa de um reforço. Os estímulos ou reforços podem surgir por iniciativa dos educadores ou por iniciativa dos próprios estudantes.” (p. 23)

### **Dia: 10 de janeiro de 2012**

Foi a minha primeira manhã de aulas, a pedido da professora. Como temas tinha, introdução do complemento oblíquo na área de Língua Portuguesa, na área da Matemática as diferentes linhas da Circunferência, por fim no Estudo do Meio o tema foi os Eclipses.

Dado que tinham quadro interativo proporcionei uma aula onde pudesse trabalhar no mesmo, assim criei um *PowerPoint* e uma história que me acompanhasse ao longo da manhã.

Distribuí pelos alunos uma espécie de bilhete de viagem, pois iríamos iniciar a nossa viagem pelo universo da sabedoria. A primeira aula a ser realizada seria a de Língua Portuguesa, onde abordei os complementos diretos e indiretos, para chegar ao oblíquo.

Na área de Matemática, recorri à aula da minha colega de estágio para relembrar os conteúdos adquiridos, de seguida pedi para representarem uma circunferência numa cartolina, que anteriormente tinha distribuído, e onde mais tarde representaram as linhas da circunferência (corda, tangente e secante.)

Para finalizar, no Estudo do Meio, visionámos um filme sobre os eclipses com imagens reais, falei-lhes com entusiasmo sobre o Sol, a Lua e a Terra. De forma a consolidar a aula, cada aluno reproduziu os Eclipses com imagens que distribuí.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

As tecnologias fazem parte da vida do ser humano, rodeia-nos em todos os momentos e a escola não é excepção. Ramos (2007)

Uma sociedade baseada na informação e no conhecimento, onde a tecnologia desempenha um papel cada vez mais relevante e decisivo, exige aos cidadãos uma constante actualização e adaptação aos novos artefactos e tecnologias que imundam a vida quotidiana nos diferentes e complexos sectores da actividade humana. (p. 143)

As utilizações das novas tecnologias é uma mais-valia para docentes e para alunos; para os professores, porque é mais um material disponível para captar a atenção dos alunos. Para os alunos é uma forma de motivação, pois as novas tecnologias fascina-os.

O mesmo autor salienta que “As TIC na escola devem ser introduzidas, não apenas como ferramentas, mas como um elemento (e uma oportunidade) para inovar os métodos de ensinar e aprender.” (p. 168)

### **Dia: 13 de janeiro de 2012**

Este dia ficou reservado às aulas surpresa por parte da professora cooperante. Começou por pedir à minha colega que fizesse a leitura de um texto e, de seguida, elaborasse a interpretação do mesmo.

De seguida pediu a uma outra colega para que, com o mesmo texto, abordasse o Conhecimento Explícito da Língua, onde ela fez uma pequena revisão de tudo o que eles já sabiam.

Já depois do intervalo a professora pediu-nos para irmos buscar o Cuisenaire, iniciou então uma aula no Domínio da Matemática, onde realizou uma aula de leitura de números (figura 13).

Pedindo de seguida para que eu continuasse a aula, fazendo exercícios de leitura de números com o Cuisenaire, decidi arriscar em algo novo e iniciei as expressões numéricas.

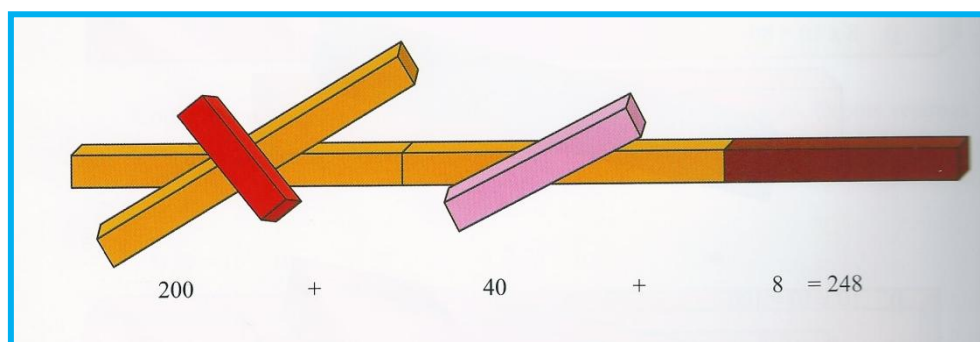


## Inferências e Fundamentações Teóricas

A leitura de números realiza-se sempre da esquerda para a direita, sendo necessário que os alunos tenham a lateralização bem definida. De acordo com Caldeira (2009) “Ao manipular e ordenar as peças, a lateralização é trabalhada e a noção de ordem e de classe vai sendo construída.” (p. 157)

Quando efetuam leitura de números até 20 podem representá-lo meramente recorrendo à adição (juntando as peças pelas extremidades); para representar números maiores que 20 recorrem à multiplicação. A mesma autora indica que

A criança depois de experimentar e perceber a repetição da peça laranja várias vezes, para representar um número, facilmente percebe que através do cálculo consegue reproduzir um determinado produto, desenvolvendo simultaneamente o conceito da multiplicação, trabalhando diferentes factores e fazendo leitura de números. (p. 159-160)



**Figura 13** – Exemplo da leitura do número 248

### Dia: 16 de janeiro de 2012

Este dia foi a primeira manhã de aulas da minha colega de estágio. Os temas que lhe foram atribuídos, na área da Língua Portuguesa, o estudo das preposições, sendo esta a primeira unidade curricular abordada. A minha colega apresentou o tema para a turma, onde repetiu por diversas vezes as preposições, até que os alunos decorassem as mesmas, no fim recorreu a uma canção onde as preposições estavam presentes.

A segunda unidade curricular a ser lecionada foi a área da Matemática, o conteúdo tratado foi a divisão e multiplicação por 0,1; 0,01; 0,001. Começou por abordar a multiplicação seguindo depois para a divisão. Fez associação com a

multiplicação e divisão por 10, 100 e 1000, de forma a facilitar a aquisição de conhecimento.

Por fim abordou as Estrelas e Constelações, na área de Estudo do Meio. Iniciou a aula com o visionamento de um filme, em que um astronauta indicava a viagem que estava a realizar. Terminou a aula com um trabalho de grupo em que cada um tinha uma Constelação para representar numa placa de esferofite, que representava o céu.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O facto da minha colega ter utilizado a estratégia do trabalho em grupo deu uma dinâmica diferente à manhã. Cada grupo era responsável pela representação de uma constelação e todos os membros da equipa teriam de participar na mesma. De acordo com Estanqueiro (1999) “Os participantes responsáveis respeitam compromissos assumidos e procuram cumprir as tarefas que lhes são confiadas” (p. 59).

Trabalhar em grupo desenvolve atitudes e valores, e a responsabilidade é essencial para o sucesso do grupo. As crianças têm por hábito escolher os “amiguinhos” para formarem o seu grupo, quando este é escolhido pelo professor há que tentar preservar uma boa relação entre os seus membros.

O mesmo autor salienta que “A boa relação interpessoal favorece a confiança mútua, conduz à cooperação e gera maior produtividade.” (p. 62)

### **Dia: 17 de janeiro de 2012**

Voltei a dar uma manhã de aulas, os temas indicados para mim foram, na área de História de Portugal, os Muçumanos na Península Ibérica, no Domínio da Matemática a frequência relativa e absoluta, por fim na unidade curricular de Língua Portuguesa a frase simples e a frase complexa.

Criei uma história que envolvesse todas as unidades curriculares de maneira que toda a manhã tivesse um fio condutor. A história era sobre um detetive que procurava o caminho até à Península Ibérica, onde os Muçumanos estavam instalados.

Comecei por rever o conceito de frase simples para depois partir então, para a frase complexa. Para verificar se o tema tinha sido compreendido, realizei exercícios no quadro interativo, antes de lhes entregar o desafio que ia dar uma pista para o detetive.

Com o tema de frequência relativa e absoluta, abordei um pequeno problema para analisar em primeiro lugar a frequência absoluta, por ser mais fácil dos alunos perceberem. Numa pequena brincadeira fiz com que os alunos decorassem a definição de frequência absoluta. Para a frequência relativa, comecei por explicar a percentagem, já que esta frequência é normalmente apresentada com valores em percentagem.

Para finalizar uma manhã de sabedoria, lecionei a aula de História de Portugal, uma unidade curricular do agrado deles. Comecei por localizar os alunos num mapa sobre o percurso dos Mulçumanos até à Península Ibérica, mostrando de seguida a herança deste povo. Foi uma aula de conversa, onde os alunos puderam partilhar conhecimentos comigo e com todos os seus colegas.

## **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A comunicação entre docentes e discentes, bem como entre pares, cria um ambiente de aprendizagem mais fluente, é através do contato e troca de experiências que o ser humano se desenvolve. É uma forma de promover a interajuda, o respeito, o saber ouvir, assim como aquisição de vocabulário e domínio da linguagem.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997) “É no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominar a linguagem, alargando o seu vocabulário (...)” (p. 67)

É função do docente dirigir e controlar a troca de informação, é ele que tem de impor as regras para que cada um fale na sua vez e não falarem todos ao mesmo tempo. A mesma fonte refere que

É capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p. 67)

É do agrado da criança, mas em situação de sala de aula é importante que o diálogo seja dirigido para não se correr o risco de as deixar divagar sobre outros assuntos.

**Dia: 20 de janeiro de 2012**

Sabia que neste dia os alunos do 3.º ano iriam realizar uma visita de estudo ao Castelo de S. Jorge em Lisboa. Eu e a minha colega oferecemo-nos para acompanhar os alunos nesta aula ao ar livre.

Foi um dia diferente, mas ao mesmo tempo bem recheado de conhecimento, tive oportunidade de os observar fora do seu espaço, a escola, tendo a possibilidade de reparar na alegria dos alunos por estarem a ter uma aula fora do contexto diário.

Assim, tiveram oportunidade de receber uma aula de História de Portugal mais lúdica, pois os monitores apresentavam-se trajados como na altura do rei D. Afonso Henriques.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A realização de visitas de estudo é uma estratégia plausível para cativar e motivar os alunos para uma aula diferente, mas com o mesmo grau de exigência que na sala de aula. Proença (1990) afirma que “A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos devido ao carácter motivador da saída do espaço tradicional no desenrolar do processo ensino/aprendizagem.”(p. 137)

Porém, há que salientar aos alunos que a visita de estudo não passa de um passeio ou visita só por si, mas que acarreta um lado pedagógico e que se está a realizar com o objetivo de ocorrer a aprendizagem.

Visitas de estudo como esta, que ajuda na compreensão de factos históricos proporciona aos alunos uma maior facilidade na aprendizagem. De acordo com a mesma autora “O contacto directo com as fontes históricas contribui decisivamente, (...) para uma correcta iniciação ao método da pesquisa histórica e para a formação do espírito científico.”(p. 137)

Há que frisar que as visitas de estudo têm diversas finalidades, que a autora as define como:

- Motivação para aquisição de conhecimentos. Neste caso a visita será o ponto de partida para um estudo mais aprofundado a realizar sobre um tema.
- No decurso de uma unidade didática. Neste caso a visita visa esclarecer e completar conhecimentos, permitindo também aplicar e consolidar os já adquiridos.
- Após o estudo de uma didática. Neste caso a visita será o ponto de chegada e permite concretizar, sintetizar e avaliar conhecimentos já adquiridos. (p. 137, 138)

**Dia: 23 de janeiro de 2012**

Pouco depois de estarmos todos instalados na sala do 3.º ano A, fomos surpreendidos pela entrada de uma professora da Prática Pedagógica, que solicitou a uma colega que lecionasse uma aula na área de Língua Portuguesa.

Tinha como base um texto livro da unidade curricular de Língua Portuguesa, primeiro teria de efetuar a leitura e interpretação do mesmo, fazendo de seguida uma exploração do Conhecimento Explícito da Língua para rever o complemento direto, indireto e oblíquo.

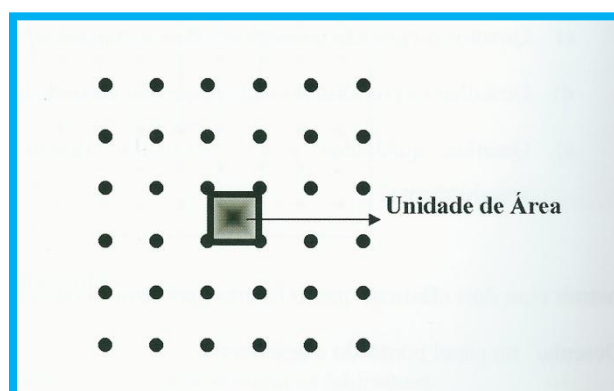
Após terminar esta aula, outra professora de Prática Pedagógica entrou na sala. Desta vez a escolhida para a avaliação foi outra colega, a área curricular foi a Matemática e o material manipulativo, o Geoplano. Ela teria de abordar a noção de área e as áreas equivalentes (figura 14).

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

O Geoplano é bastante usado para a reprodução de figuras geométricas, sendo por isso fácil trabalhar a noção de área e áreas equivalentes. Segundo Caldeira (2009) “O Geoplano é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas.” (p.409)

Quando se executa a primeira abordagem às áreas, não é aconselhável fazer a analogia às medidas de comprimento, pois esta precisa de um conhecimento sobre potenciação, algo que os alunos nesta faixa etária ainda não têm. Por isso devemos falar em Unidade de Área, o que a minha colega de estágio não fez.

De acordo com Caldeira (2009) “A área de uma determinada figura representa num geoplano calcula-se tomando com Unidade de Área a distância mínima entre dois pregos.” (p. 418)



**Figura 14 – Representação da Unidade de Área**

**Dia: 24 de janeiro de 2012**

A minha colega de estágio tinha programada a sua primeira manhã de aulas para este dia. Como temas foi-lhe sugerido, na área da Língua Portuguesa as palavras homófonas, no Domínio da Matemática a Moda e a Mediana, por fim no Estudo do Meio os pontos cardeais e colaterais.

Começou com a área da Língua Portuguesa, a ler um texto e explorou as palavras homófonas através do mesmo, realizando no fim exercícios de consolidação. Já na área da Matemática utilizou um dado para lançar seis vezes, para depois calcular a Moda e a Mediana. Com o nervosismo e a falta de segurança que sentia não conseguiu de todo realizar esta aula.

Devido a este facto, passou para a unidade curricular de Estudo do Meio, iniciou o tema explorando com eles o uso dos pontos cardeais e colaterais, mostrando uma imagem da Rosa-dos-Ventos e construindo, no final, uma bússola por grupo, no entanto esta atividade não foi bem dirigida.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

A principal razão para o insucesso desta aula foi a total desmotivação por parte da minha colega, pois notava-se a falta de confiança na matéria em questão e das próprias estratégias escolhidas pela mesma.

Referindo Santomé (2006) “(...)os professores têm que ter em consideração que devem planificar estratégias diversas de ensino e aprendizagem, de modo que esses estudantes possam sentir-se reconhecidos e tratados com respeito e justiça.”(p. 102)

Outra das falhas demonstradas foi a difícil comunicação entre a estagiária e os alunos, depois de hesitações por parte dela, os alunos apresentavam falta de interesse nos temas lecionados.

O mesmo autor escreve que,

Trabalhar como docente implica confiar nas possibilidades de aprendizagem dos alunos e transmitir-lhes entusiasmo pelas tarefas propostas, assim como, sobre as suas possibilidades de êxito. Saber comunicar o entusiasmo e a paixão pela cultura e por aprender são aspectos fundamentais de todo o processo educativo. (p. 102)

**Dia: 27 de janeiro de 2012**

No último dia de estágio foi também a segunda manhã de aulas da minha colega de estágio.

Para a Língua Portuguesa trabalhou as palavras derivadas por sufixação e prefixação, realizando um jogo. A minha colega distribuiu a cada aluno um cartão onde continha uma palavra, ou um sufixo, ou um prefixo. Depois os alunos tinham que circular pela sala até encontrarem um colega que pudesse formar palavras compostas por sufixos e/ou prefixos.

Na Matemática o tema explorado seria os números complexos, Ela distribuiu por alguns alunos cartões com números complexos e outros com os números incomplexos, e cujo objetivo do jogo era que os alunos andassem pela sala a descobrir o seu par.

Por fim, na História de Portugal, falou sobre a Reconquista Cristã, onde exibiu um *PowerPoint* com imagens históricas e falou dos avanços e recuos dos Cristãos para Reconquistar a Península Ibérica.

### **Inferências e Fundamentações Teóricas**

Toda a aula da minha colega foi baseada no jogo. Este representa segundo Fillioud et al (citado por Barbeiro, 1998) a “expressão de uma necessidade profunda, inerente à natureza humana, no mesmo plano que o sonho, do qual é por assim dizer o equivalente acordado” (p. 15)

Em todas as idades o jogo tem um papel importante na vida de um ser humano, mas é nos mais novos que tem maior relevo pois é, citando Barbeiro (1998) “(...) onde constitui a forma dominante da actividade, através das condutas sensoriais-motoras reproduzidas por prazer funcional.” (p. 15)

O jogo tem o seu lado lúdico, como fonte de divertimento e prazer, mas associado à aprendizagem pode trazer benefícios à aquisição de conhecimentos, atitudes/valores. Frisando o mesmo autor “(...) a existência de regras apresenta a possibilidade de recriar no jogo regras e conhecimentos que se pretende que sejam apreendidos em determinado domínio de aprendizagem.” (p. 18). Através de metodologias lúdicas, um professor pode captar com maior, facilidade, os alunos para a aula em questão.

## **Capítulo 2 – Planificações**



### **3.1 – Descrição do Capítulo**

Neste capítulo irá ser abordado o tema das planificações, serão apresentadas quatro planificações realizadas por mim durante o tempo de estágio. As áreas abordadas são as seguintes: Domínio da Matemática, Conhecimento do Mundo, Língua Portuguesa e História de Portugal. Estes planos de aula serão referentes às quatro unidades curriculares lecionadas, correspondem duas ao pré-escolar e duas ao 1.º ciclo do ensino básico.

Cada planificação virá acompanhada de inferências e fundamentações. Os planos serão apresentados conforme o modelo T de Pérez que, mais adiante, será explicado em que consiste.

### **3.2 – Fundamentação Teórica**

A planificação é um método de organização de trabalho que deverá ser adaptado ao contexto em que é inserido. A planificação pode ser anual, semanal ou diária, tem como principal objetivo guiar a pessoa para que esta consiga seguir um fio condutor e estruturado.

Segundo Braga (2004),

(...) na perspectiva construtivista, a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender. (p. 27)

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) consta que “planear o processo educativo é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.” (p. 26)

As planificações são realizadas consoante a turma em que se está inserida, são adaptadas à faixa etária e aos conhecimentos já adquiridos pelos alunos. Estas devem ser flexíveis e podem ser alteradas a qualquer momento, consoante as necessidades das crianças.

De acordo com Caldeira (2009), o educador necessita de planificar as atividades de maneira que a criança possa partir de elementos cognitivos que fazem parte da realidade deles. O professor precisa de conhecer todas as possibilidades dos seus alunos com o objetivo de desenvolver as capacidades com atividades adequadas. Como é lógico, as crianças não se desenvolvem sozinhas, é preciso haver uma interação entre as potencialidades de cada etapa e a escola, que devem ser variadas e motivadoras.

Nas planificações aborda-se três questões fundamentais da ação educativa, que, segundo Zabalza e Arnau (citado por Martins et al, 2007), os educadores devem centrar a sua ação educativa tendo em conta estas três questões:

- ✓ “O que é necessário saber?” – reportando-se a conhecimentos;
- ✓ “O que se deve saber fazer?” – reportando-se a capacidades
- ✓ “Como se deve ser?” – reportando-se a atitudes e valores

Todas as planificações apresentadas são baseadas no Modelo T de aprendizagens que segundo Pérez (s.d.) dá-nos uma perspetiva global daquilo que o educador pretende fazer e que competências espera desenvolver. Pode-se verificar que nas planificações estão patentes uma área para os conteúdos, uma para procedimentos/métodos, constam também as capacidades e destrezas assim como as atitudes e valores. De acordo com este autor “é possível de uma só forma panorâmica e global, numa só folha, integrarmos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser apreendida na escola ao longo do curso escolar.” (p. 401).

Por capacidades e destrezas Pérez (s.d.) entende como sendo “os objectivos fundamentais cognitivos (três capacidades e quatro destrezas por capacidade), que queremos desenvolver” (p. 40). Na parte dos valores e atitudes o autor defende que estes “mostram os objectivos fundamentais afectivos (três valores e quatro atitudes por valor) que pretendemos desenvolver.

Pérez (s.d.) define conteúdos (conhecimentos) como “apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos (unidades de aprendizagem) que se pretende aprender ao longo do ano escolar. Cada unidade divide-se entre três e seis distintas”. (p. 40)

É na parte dos métodos/procedimentos que este capítulo estará mais direccionado, as fundamentações teóricas das planificações serão exatamente sobre esta parte. Pérez (s.d) indica que esta “apresenta entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar. (p. 40)

Por outras palavras pode-se dizer que certos conceitos foram designados por Pérez (s.d.) da seguinte forma:

**Conceitos:** uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais).

**Métodos e procedimentos:** são uma forma de fazer.

**Capacidade:** habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo.

**Destreza:** habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade.

**Atitude:** um conjunto de atitudes constitui um valor.

**Valor:** estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afectiva. (p. 7)

Assim, em apenas uma folha, estão presentes todos os elementos necessários para serem adquiridos ao longo do percurso escolar, segundo o mesmo autor “(...) integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional (...)” (p. 72)

Zabalza (2000) menciona que planificar é uma forma concreta de preparar ideias de forma a atingir um objetivo específico,

um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que se deverá concretizar numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo. (p. 48)

Nas planificações, as competências assumem o papel central da questão; dentro destas encontram-se os conhecimentos, capacidades e atitudes/valores. Segundo Roldão (citado por Martins et al, 2007),

a noção de competências pode ser entendida como um “saber em uso”, por oposição a um “saber inerte”, que requer a mobilização de conhecimentos, capacidades e atitudes/valores. As competências que cada um vai desenvolvendo reflectem-se na forma como vai sendo capaz de exercer uma cidadania interveniente, responsável e informada e de se inserir na vida profissional. (p. 95)

Os planos são ferramentas indispensáveis para uma boa prática de ensino, os educadores/professores necessitam de ter consciência de como estes planos levam à qualidade e eficácia do ensino, segundo Dean (citado em Morgado, 2004) “(...) constitui como ferramenta imprescindível, à qualidade e eficácia desse trabalho, bem como acentuar a necessidade incontornável de que o processo de planeamento seja desenvolvido, tendo em conta as necessidades de cada aluno e cada grupo.” (p. 60).

Antes de um educador/professor realizar uma aula, precisa de refletir sobre o que pretende e qual a forma mais adequada para o fazer, tendo em conta os seus alunos. As Orientações Curriculares (1997) referem “o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.” (p. 26)

### **3.3 – Planificações Pré-Escolar – Bibe Amarelo**

#### **3.3.1 – Planificação de Domínio da Matemática**

Nesta aula, no Domínio da Matemática, pretendi abordar contagens, noção de quantidade e ainda o jogo Kim Visual, para isto utilizei material alternativo e estruturado.

Segundo Aranão (1996) o material manipulativo é todo o tipo de material, industrializado ou natural; com estes é possível fazer um trabalho criativo e educativo, para isso é necessário explorar a criatividade dos alunos e do educador. Nas escolas com menos recursos financeiros para comprar materiais estruturados, esta solução permite à educadora trabalhar, de igual forma, conceitos matemáticos.

Na minha aula, como referi anteriormente, pretendi apresentar um material alternativo que consistia nuns esquilos em feltro e com eles trabalhei a noção de quantidade e realizei o jogo, com o qual comecei a aula.

Ao longo do jogo, pretendi desenvolver nas crianças a memória e a orientação espacial, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) “a relação e manipulação de objectos que ocupam um espaço, que a criança pode aprender o que está longe e perto, dentro, fora e entre, aberto e fechado, em cima e em baixo, etc.” (p. 73)

O principal objetivo desta aula era desenvolver a noção de quantidades diferentes e a identificação de algarismos. Grande parte dos alunos conseguia contar até 10, segundo Barros e Palhares (citado por Caldeira, 2009), “contar implica estabelecer uma correspondência termo a termo, entre cada objeto que se quer contar e uma só das palavras da sequência dos símbolos verbais dos números” (p. 69). Ao pedir às crianças que fizessem a associação entre o número de esquilos com a peça do Cuisenaire correspondente e ao seu algarismo, permiti que realizassem uma contagem associada a objetos.

Castro e Rodrigues (2008) defendem que:

decorar os termos da sequência numérica utilizando os vários contextos referidos pode ser útil, mas, por si só, não contribui para o desenvolvimento de sentido de número. Só através da criação de oportunidades em que se torne fundamental a contagem de objectos é que a criança vai sentindo a necessidade de conhecer os termos da contagem oral e de relacionar os números. (p. 17)

Assim quando as crianças faziam corresponder o algarismo com a quantidade estavam a desenvolver a capacidade de identificação e correspondência. De acordo com Caldeira (2009) é importante que entendam a correspondência entre a quantidade e o respetivo número.

Como referi anteriormente, para esta aula utilizei material estruturado, dentro dos que o bibe amarelo utiliza eu escolhi o Cuisenaire, pois com este podemos desenvolver o sentido de número.

**Quadro 5 - Planificação do bibe amarelo de Domínio da Matemática**

**Jardim-escola João de Deus de Albarraque**

Bibe: Amarelo

Duração: Uma manhã

Data: 15 de fevereiro 2011

Nome: Rita Ramalho

Nº: 23

Turma: MPE1C

Área: Domínio da Matemática

Conteúdos:	Procedimentos:
<p><b>- Sequências /Contagens</b></p> <p><b>- Associação do número à quantidade</b></p> <p><b>-Kim Visual</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sentar os alunos no tapete;</li> <li>- Fazer sequências com imagens;</li> <li>- Pedir aos alunos para fecharem os olhos;</li> <li>- Trocar um elemento da sequência;</li> <li>- Escolher um aluno para identificar a troca;</li> <li>- Sentar os alunos nas mesas;</li> <li>- Fazer associação de quantidades às peças do Cuisenaire - ex: qual a peça do Cuisenaire que representa 3 unidades?</li> </ul>
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<p>Raciocínio Lógico: Noção de quantidade</p> <p>Relacionar: Associar</p>	<p>Rigor:</p> <p>Interesse</p>
Material: Imagens, Cuisenaire, números móveis	

Observação: Esta planificação é flexível de acordo com as necessidades educativas das crianças.

Baseado no Modelo T de aprendizagem

### 3.3.2 – Planificação de Conhecimento de Mundo

Ao planificar esta aula, pretendi explorar as concepções alternativas das crianças no tema em questão, como está referido nas Orientações Curriculares (1997) “tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar.” (p. 80), mostrando apenas um ramo de uma árvore com o intuito de descobrirem do que iríamos abordar.

Segundo Aranhã (1996):

a criança é um ser puramente lúdico, incapaz de manter a sua concentração por mais de 20 minutos numa actividade de que requer atenção quanto à exposição verbal realizada por um adulto. Como se pode exigir que uma criança aprenda sem lhe dar oportunidade de manipular objectos, interagir com diversos tipos de materiais e pessoas, simplesmente que ela memorize e armazene informações puramente verbalizadas que muitas vezes não levam em consideração o seu interesse e seu nível intelectual? (p. 16)

Após tentarem identificar a árvore que pertencia o ramo, escolhi duas crianças em momentos distintos para provarem a azeitona e explicarem aos colegas o seu sabor, a sua textura, o seu tamanho, entre outras características, sem dizerem o que tinham em sua posse.

Hohman, Banet e Weikart (1992) afirmam que “tocar e cheirar um alimento (...) e comê-lo (...) é uma actividade adequada e estimulante para um grupo de crianças da pré-escolar”. (p. 177)

Já Carvalho (1982) defende que os sentidos são portas para um mundo e é importante para as crianças mais novas abrir estas portas, também Henriques (2002) afirma que “o ser humano, desde a mais tenra idade, constrói o seu saber de forma activa ao interagir como o seu meio. É vital para ele conhecê-lo e compreendê-lo” (p. 34)

**Quadro 6 - Planificação do bibe amarelo de Conhecimento do Mundo**

**Jardim-Escola João de Deus de Albarraque**

Bibe: Amarelo

Duração: Uma manhã

Data: 15 de fevereiro 2011

Nome: Rita Ramalho

Nº: 23

Turma: MPE1C

Área: Conhecimento do Mundo

Conteúdos:	Procedimentos:
<b>- Oliveira</b>  <b>- Azeitona</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Sentar os alunos em forma de “U”;</li><li>- Começar a aula dando um ramo de oliveira;</li><li>- Explorar o ramo da oliveira, com objetivo de tentarem adivinhar a que árvore pertence;</li><li>- Dar pistas sobre o tema da nossa aula, dando a provar a dois alunos uma azeitona e posteriormente dar a provar a todas as crianças;</li><li>- Explicar o crescimento das azeitonas;</li><li>- Elaborar uma proposta de trabalho.</li></ul>
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
Experimental: Manipular  Observação: Investigar	Convivência:  Participação  Rigor:  Curiosidade
Material: Ramo de oliveira, azeitonas, pão, azeite	

Observação: Esta planificação é flexível de acordo com as necessidades educativas das crianças.

Baseado no Modelo T de aprendizagem



### **3.4 – Planificações 1º ciclo – 4º Ano A**

#### **3.4.1 – Planificação de Língua Portuguesa**

Ao pensar numa forma de como cativar os alunos para esta manhã de aulas, surgiu-me a ideia de criar uma história envolvente para todas as unidades curriculares.

Motivar os alunos para aprendizagem foi o meu ponto de partida, pois só estando eles interessados é que a aprendizagem pode ocorrer. Segundo Drew, Odlis e Olds Jr. (1994) “A motivação manifesta-se apenas quando esta entra em interação com coisas que lhes são desconhecidas, sejam elas pessoas, objectos ou ideias, que nessa altura se transformam na base da sua aprendizagem.” (p. 11)

Apesar de estarem habituados a aulas com estagiários, a verdade é que eles têm um entusiasmo maior quando são estes a lecionar uma aula, pois por norma utilizamos materiais diferentes para as mesmas.

Para trabalhar o Conhecimento Explícito da Língua, procurei que estes ficassem esclarecidos sobre o tema, com apoio a exemplos concretos. Esta temática tem ganho cada vez mais um papel ativo na formação das crianças. Segundo Pereira (citado por Sousa e Cardoso, 2010) “(...) o ensino da gramática terá vindo progressivamente a adquirir um papel fundamentalmente simbólico, como índice identificador de uma disciplina escolar” (p. 147)

O mesmo autor afirma que

Para além da importância de uma planificação de actividades que preveja oportunidades para a mobilização efectiva dos conhecimentos adquiridos, em situações de uso da língua, será fundamental ensinar explicitamente a fazer conexões entre o saber construído e a aplicação desse saber (...) (p. 149)

Por este motivo, recorri a exemplos, pois o objetivo era os alunos perceberem quais as diferenças entre a voz ativa e a voz passiva, para posteriormente aplicarem os conhecimentos adquiridos.

**Quadro 7 - Planificação do 1º Ciclo de Língua Portuguesa**

## Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Ano: 4º Ano

Duração: Uma manhã

Data: 6 de junho 2011

Nome: Rita Ramalho

Nº: 23

Turma: MPE1C

Área: Língua Portuguesa

Conteúdos	Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Funcionamento da língua</b></li> <li><b>- Voz ativa e voz passiva</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Distribuir bilhetes de avião para iniciar a aula;</li> <li>- Contar uma história aos alunos que vai ser o tema base da aula, irá ser realizada uma viagem até um sítio misterioso e à medida que vamos andando por algumas cidades existe uma unidade curricular a ser explorada;</li> <li>- Explicar o que é a voz ativa e voz passiva recorrendo a exemplos;</li> <li>- Identificar as suas diferenças;</li> <li>- Resolver uma tarefa sobre a voz ativa e a voz passiva.</li> </ul>
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Expressão escrita</li> <li>- Redação correta</li> <li>- Ortografia</li> <li>- Expressão oral</li> <li>- Leitura compreensiva</li> <li>- Fluidez mental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeito</li> <li>- Tolerar</li> <li>- Aceitar</li> <li>- Convivência</li> <li>- Participação</li> <li>- Colaboração</li> </ul>
Material: bilhetes de avião, <i>Powerpoint</i> , tarefa de consolidação	

Observação: Esta planificação é flexível de acordo com as necessidades educativas das crianças.

Baseado no Modelo T de aprendizagem

### 3.4.2 – Planificação de História de Portugal

Quando um professor planeia uma aula, tem de ter especial atenção quanto as estratégias que utiliza, pois são estas que nos indicam como realizar uma tarefa para que os conhecimentos sejam adquiridos.

De acordo com Proença (1990) “São as estratégias que definem o processo como se aprende. O professor não deve estar apenas atento àquilo que os seus alunos aprendem, mas também ao modo como se desenvolvem as actividades de aprendizagem.” (p. 92)

Ao explorar as imagens do *PowerPoint* juntamente com os alunos, criou-se um momento, não só de aprendizagem na unidade curricular em questão como em vários outros aspetos, pois o diálogo em sala de aula tem a sua importância, seja durante uma aula, ou outra situação. A mesma autora salienta que “(...) permite corrigir a expressão verbal dos alunos e facilitar a comunicação na aula, mas também porque a relação educativa apoiada no diálogo tem uma interacção psicossocial estimulante tanto do ponto de vista intelectual como afectivo.” (p. 93)

A ideia de recorrer à exploração de um mapa para acompanhar o raciocínio das crianças bem como situá-las no espaço é, sem dúvida, indispensável numa aula de História de Portugal. Esta autora defende que o mapa está ligado “(...) à aquisição do conceito de espaço tão necessária à correcta compreensão dos fenómenos históricos.” (p. 109)

Para que esta estratégia seja aplicada da melhor forma, o docente precisa de ensinar os seus alunos a ler e interpretar um mapa.

A proposta de trabalho continha um excerto do Ultimato de Napoleão ao Príncipe – Regente D. João. Com isso pretendi, mais uma vez, chamar a atenção dos alunos para analisar um documento histórico. Proença (1990) salienta que “O documento fornece-nos provas do passado e, de acordo com a sua especificidade, sugere, explica ou demonstra aspectos dos fenómenos históricos estudados.” (p. 101).

É de referir que todos os procedimentos utilizados foram feitos a pensar na melhor forma de cativar os alunos para uma aprendizagem.

**Quadro 8** - Planificação do 1º Ciclo de História de Portugal

## Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Ano: 4º Ano

Duração: Uma manhã

Data: 6 de junho 2011

Nome: Rita Ramalho

Nº: 23

Turma: MPE1C

Área: História de Portugal

Conteúdos	Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"><li><b>Invasões Francesas</b></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>-Situar os alunos no espaço e no tempo;</li><li>- Enunciar as 3 invasões francesas explicando cada uma delas;</li><li>- Identificar num mapa as entradas dos franceses no território português;</li><li>- Resolver uma tarefa sobre as invasões francesas.</li></ul>
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"><li>- Orientação espacial<ul style="list-style-type: none"><li>- Localizar</li><li>- Buscar referências</li></ul></li><li>- Compreender<ul style="list-style-type: none"><li>- Identificar</li><li>- Conhecer</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Solidariedade<ul style="list-style-type: none"><li>-Respeitar</li><li>- Partilha</li></ul></li><li>- Convivência<ul style="list-style-type: none"><li>- Participar</li><li>- Colaborar</li></ul></li></ul>
Material: <i>Powerpoint</i> , tarefa de consolidação	

Observação: Esta planificação é flexível de acordo com as necessidades educativas das crianças.

Baseado no Modelo T de aprendizagem

## **Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação**

## **4.1 – Descrição do Capítulo**

Este capítulo será composto por quatro dispositivos de avaliação, todos eles realizados durante um ano e meio de estágio. Estes referem-se às diversas áreas: Domínio da Matemática, Conhecimento do Mundo, Língua Portuguesa e História de Portugal.

Inicialmente, irá conter uma fundamentação sobre o que é a Avaliação e a sua importância no âmbito escolar; posteriormente será feita referência às atividades que foram colocadas em avaliação, assim como a descrição dos parâmetros e critérios utilizados na mesma.

Serão apresentadas todas as grelhas de avaliação onde constaram as cotações obtidas em cada critério. Por fim, os resultados estarão resumidos em gráficos, com uma pequena descrição, de forma a esclarecer os resultados.

## **4.2 – Fundamentação Teórica**

Toda a avaliação é uma função executada pelo educador/professor com o intuito de obter as informações imprescindíveis para a tomada de decisões. Estas são essencialmente para averiguar o nível de conhecimentos das suas crianças.

O que é na realidade avaliar? Avaliar um aluno implica obter uma escala que coloca os alunos consoante as capacidades já pré-concebidas ou adquiridas de novo, é organizar uma tabela onde se colocam as crianças conforme uma escala de avaliação. Segundo Perrenoud (1999) “Avaliar é (...) criar hierarquias de excelência (...) é também privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autónomo para outros...” (p. 9)

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.” (p. 27)

Visto que a avaliação faz parte do currículo escolar há necessidade de explicar o porquê de se avaliar, segundo Cardinet (1993)

Através da nota, o aluno é informado da qualidade do seu trabalho, tem a possibilidade de se situar em relação aos colegas e pode avaliar o esforço a despendê-lo, para modificar essa posição relativa. As notas informam ainda os pais acerca das capacidades e dos resultados dos filhos. (p. 19)

Durante o ano letivo, os conteúdos têm de ser verificados por parte dos docentes se foram adquiridos ou não. Avaliar os alunos é uma forma de saber se adquiriram os conhecimentos pretendidos para o ano em causa. De acordo com Ribeiro (1989) “A função da avaliação é, justamente, a de contribuir para esse sucesso e de averiguar em que medida foi conseguido.” (p. 5)

Cardinet afirma que “(...) as notas transmitem, essencialmente, uma informação acerca da posição dos alunos em relação uns aos outros (...)” (p. 21), o que, por vezes, provoca uma competição entre alunos, nomeadamente nos mais velhos.

À margem da planificação de conteúdos, também a avaliação necessita de um planeamento, há que saber o momento certo de se avaliar bem como os conteúdos a serem avaliados. Ribeiro (1989) salienta que “(...) um plano de avaliação significa identificar pontos cruciais no desenvolvimento de uma unidade de ensino, segmento de matéria, ou programa de uma área disciplinar e ano escolar específico (...) bem como aprendizagens particularmente relevantes que interessa avaliar.” (p. 24)

Existem três tipos de avaliação distintas, a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. É importante referir a diferença entre cada uma delas. A avaliação diagnóstica realiza-se normalmente no início do ano letivo e tem como objetivo dar a conhecer ao docente os conhecimentos que os alunos possuem acerca de um determinado tema.

Sobre este tipo de avaliação Ribeiro (1989) escreve que

Averigua se os alunos estão de posse das aptidões e conhecimentos necessários à unidade a iniciar, (...) se dominam os pré-requisitos dessa unidade curricular (...). Pode apurar (...) se (...) os alunos adquiriram já os conhecimentos e aptidões da nova unidade (...) e (...) o professor pode iniciar o seu trabalho num ponto mais adiantado do que aquele que previa. (p. 27)

Já a avaliação formativa é efetuada no decorrer do ano letivo, com o intuito de verificar se os conteúdos estão a ser adquiridos por parte dos alunos. É importante ter o *feedback* do trabalho que se está a realizar, o docente necessita de ter consciência se pode ou não avançar com os conceitos. Ribeiro (1989), sobre esta forma de avaliar, sublinha que “(...) pretende averiguar se a aprendizagem está a decorrer como

previsto, nomeadamente no que respeita a conteúdos ou aptidões fundamentais.” (p. 28)

Por fim, há que referir a avaliação sumativa, e esta corresponde a uma tomada de conhecimento geral sobre cada aluno, pode ocorrer em qualquer altura do ano letivo, pois procura-se fazer uma avaliação geral do que se deu até àquele momento, não significando que se dá por concluído um período ou mesmo o ano. Segundo a mesma autora, já referida, esta avaliação “(...) seleciona pontos relevantes (...)” (p. 28)

A avaliação tem, também, como objetivo informar os encarregados de educação sobre o desenvolvimento curricular dos seus educandos, ajuda para que haja um trabalho efetuado a partir de casa para trabalhar em conjunto com a escola, de forma a conseguir o maior aproveitamento da criança. Perrenoud (1999) salienta este aspeto afirmando que “A avaliação tem a função, quando se dirige à família, de *prevenir*, no duplo sentido de impedir e de advertir.” (p. 12)

O mesmo autor refere ainda, que “Em todos os casos, a avaliação não é um fim em si. É uma engrenagem no funcionamento didático e, mais globalmente, na selecção e na orientação escolar. Ela serve para controlar o trabalho dos alunos (...)” (p. 13)

Como em tudo, a avaliação também tem as suas finalidades e estas são de se salientar, segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, do Ministério de Educação, “A avaliação enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens.” (p. 2)

Os dispositivos de avaliação, de seguida apresentados, foram baseados na escala de Likert, que vai do zero aos dez, do Fraco ao Muito Bom. Cada aluno foi avaliado consoante o trabalho apresentado ao fim de cada unidade curricular.



**Quadro 9** – Escala de Likert utilizada para os dispositivos de avaliação

Fraco	0 – 2.9
Insuficiente	3 – 4.9
Suficiente	5 – 6.9
Bom	7 – 8.9
Muito Bom	9 – 10

## 4.3 – Dispositivos de Avaliação no Pré-Escolar

### 4.3.1 – Domínio da Matemática

#### 4.3.1.1 – Descrição dos Parâmetros e Critérios

Realizei uma proposta de trabalho no Domínio da Matemática para crianças de três anos, ou seja, bibe amarelo, na aula que lecionei no dia 15 de fevereiro de 2011 (página 72). Iniciei a aula com o auxílio de um material não estruturado e com o Cuisenaire, de forma a explorar a memória visual das crianças. De seguida entreguei-lhes a proposta de trabalho (anexo I, página 193), em que os alunos teriam que associar uma quantidade à peça correspondente do Cuisenaire.

No quadro seguinte são apresentados quais os critérios utilizados na avaliação desta atividade, assim como as suas cotações. Em que todos as correspondências corretas correspondem a 10 valores (cotação total) e 0 valores para nenhuma correspondência correta.

**Quadro 10** – Parâmetros e Critérios de avaliação – Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação
1 - Faz a correspondência da quantidade à peça do Cusinaire	1.1 - Faz todas as correspondências corretamente	10
	1.2 - Faz 4 correspondências corretamente	8
	1.3 - Faz 3 correspondências corretamente	6
	1.4 - Faz 2 correspondências corretamente	4
	1.5 - Faz 1 correspondência corretamente	2
	1.6 - Não faz nenhuma correspondência correta	0

#### 4.3.1.2 – Grelha de Avaliação

No quadro seguinte está representada a grelha de avaliação desta atividade. Observando o quadro, permite-me dizer que todos os alunos conseguiram efetuar, pelo menos, três correspondências corretas, o que significa um bom desempenho da turma, refletindo numa média de 8,4. Há que destacar o número de alunos, cerca de onze, que alcançaram a cotação máxima.

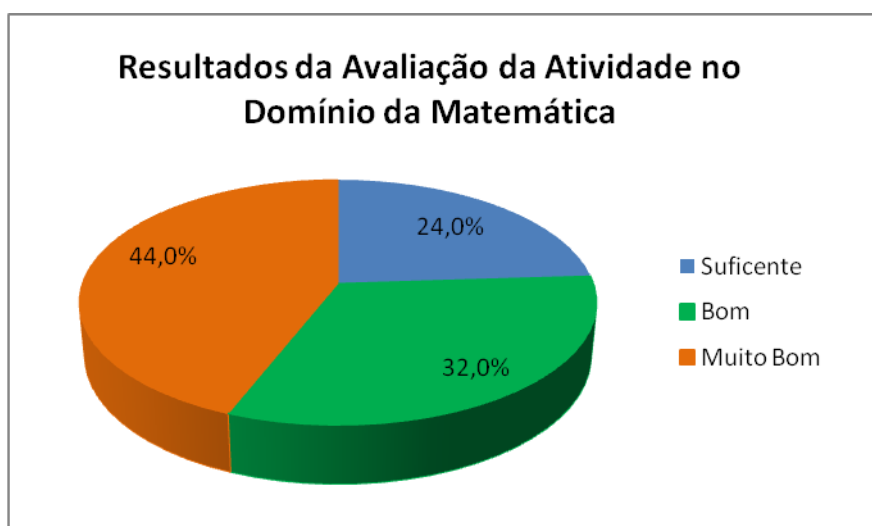
**Quadro 11 – Grelha de avaliação – Domínio da Matemática**

Parâmetro	1						Total
CrITÉrios	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	
Cotação	10	8	6	4	2	0	
Alunos							
1		8					8
2	10						10
3			6				6
4		8					8
5	10						10
6	10						10
7			6				6
8			6				6
9			6				6
10		8					8
11	10						10
12			6				6
13	10						10
14		8					8
15		8					8
16		8					8
17			6				6
18	10						10
19		8					8
20		8					8
21	10						10
22	10						10
23	10						10
24	10						10
25	10						10
<b>Média</b>							<b>8,40</b>

#### 4.3.1.3 – Apresentação e Análise dos Resultados

**Quadro 12** – Quadro de frequências da proposta de Domínio da Matemática

Classificação	Nº de alunos
Fraco	0
Insuficiente	0
Suficiente	6
Bom	8
Muito Bom	11
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>



**Figura 15** – Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Domínio da Matemática

Observando o gráfico acima, posso concluir que esta atividade foi realizada com êxito por parte dos alunos, já que não houve nenhum resultado negativo. Em relação aos resultados positivos existe um grande equilíbrio entre as três classificações qualitativas (Suficiente, Bom e Muito Bom), no entanto a classificação de Muito Bom apresenta o valor mais elevado (44%).

### 4.3.2 – Conhecimento do Mundo

#### 4.3.2.1 – Descrição dos Parâmetros e Critérios

Esta proposta de trabalho, que se encontra no anexo II (página 194), foi realizada na aula do dia 15 de fevereiro de 2011 (página 72), para a turma do bibe amarelo.

Nesta área temática abordei a “azeitona”; assim mostrei-lhes um ramo de oliveira em que os alunos puderam explorá-lo desde a cor das folhas à espessura dos ramos. Por fim, dei-lhes a provar vários tipos de azeitonas e tinham que descrever os diferentes sabores.

Relativamente à atividade que tinham de desenvolver, de modo a consolidar os conceitos adquiridos, deviam identificar os vários sentidos utilizados na aula para a exploração do tema, sendo esse o parâmetro a avaliar. No quadro abaixo estão representados os critérios de avaliação da atividade tal como a cotação individual de cada critério.

**Quadro 13 – Parâmetros e Critérios de avaliação – Conhecimento do Mundo**

Parâmetros	Critérios	Cotação
1 - Identifica os sentidos utilizados	1.1 - Identifica todos os sentidos utilizados	10
	1.2 - Identifica 3 sentidos utilizados	7,5
	1.3 - Identifica 2 sentidos utilizados	5
	1.4 - Identifica 1 sentido utilizado	2,5
	1.5 - Não identifica nenhum sentido	0

#### 4.3.2.2 – Grelha de Avaliação

O quadro seguinte representa a grelha de avaliação desta atividade e pode observar-se que, de uma forma geral, os resultados foram positivos. No entanto, duas crianças apresentaram algumas dificuldades na execução da tarefa, já que apresentam resultados negativos (células sombreadas). Relativamente à média da turma, esta foi bastante positiva, registando um valor de 7,6.

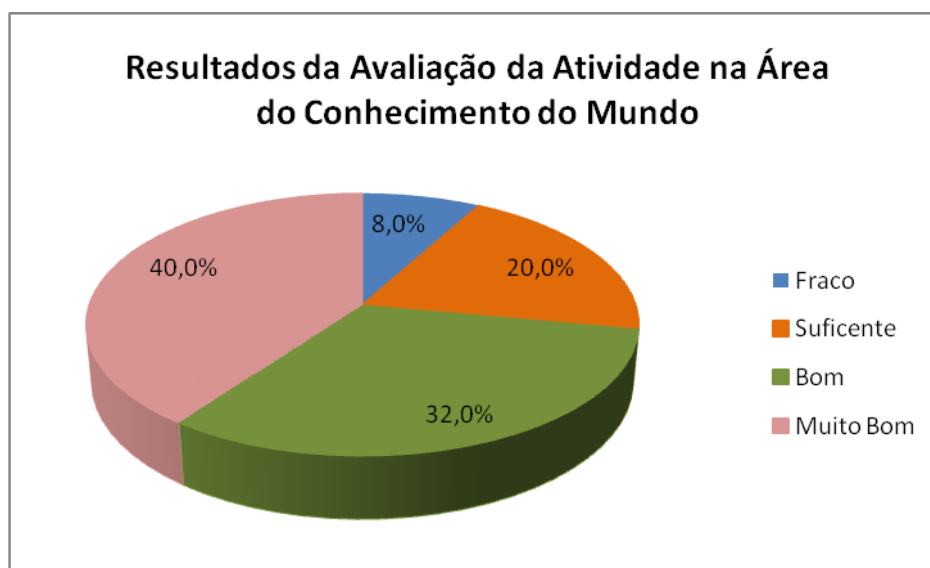
**Quadro 14 – Grelha de avaliação – Conhecimento do Mundo**

Parâmetro	1					Total
CrITÉRIOS	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	
Cotação	10	7,5	5	2,5	0	
Alunos						
1	10					10
2			5			5
3	10					10
4				2,5		2,5
5			5			5
6		7,5				7,5
7	10					10
8		7,5				7,5
9		7,5				7,5
10			5			5
11	10					10
12				2,5		2,5
13	10					10
14		7,5				7,5
15		7,5				7,5
16	10					10
17	10					10
18	10					10
19			5			5
20		7,5				7,5
21		7,5				7,5
22	10					10
23			5			5
24		7,5				7,5
25	10					10
<b>Média</b>						<b>7,60</b>

#### 4.3.2.3 – Apresentação e Análise dos Resultados

**Quadro 15 - Quadro de frequências da proposta de Conhecimento do Mundo**

Classificação	Nº de alunos
Fraco	2
Insuficiente	0
Suficiente	5
Bom	8
Muito Bom	10
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>



**Figura 16** - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo

Pela observação do gráfico dos resultados para esta proposta de trabalho, concluo que a turma apresenta bons resultados. Saliento que 92% dos alunos atingiram resultados positivos, sendo que dez alunos alcançaram a classificação mais elevada, Muito Bom.

De forma global, consegui transmitir à turma os diversos conceitos, e eles conseguiram aplicá-los na proposta de trabalho lúdica que lhes proporcionei.

#### **4.4 – Dispositivos de Avaliação no 1.º Ciclo**

##### **4.4.1 – Língua Portuguesa**

##### **4.4.1.1 – Descrição dos Parâmetros e Critérios**

O dispositivo de avaliação, agora abordado (anexo III, página 195), foi elaborado por mim, para a aula do dia 6 de junho de 2011 (página 108) para crianças do 4º Ano.

O principal objetivo desta proposta de trabalho era que os alunos percebessem a diferença entre frases na voz passiva e na voz ativa. No primeiro parâmetro avaliado os alunos teriam que converter frases na voz activa em voz passiva, e vice-versa no segundo parâmetro. Finalmente, no último parâmetro a turma teria que identificar que

tipo de frase estava representada na proposta, indicando se esta se encontrava na voz ativa ou passiva.

Os dois primeiros parâmetros tinham uma cotação de 3,5 valores cada um e ao terceiro parâmetro correspondia a cotação de 3 valores, perfazendo um total de 10 valores.

**Quadro 16 – Parâmetros de Critérios de avaliação – Língua Portuguesa**

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios</b>	<b>Cotação</b>
1- Tempo verbal na voz passiva	1.1 - 4 frases corretas	3,5
	1.2 - 3 frases corretas	2,625
	1.3 - 2 frases corretas	1,75
	1.4 - 1 frase correta	0,875
	1.5 - nenhuma resposta correta	0
2- Tempo verbal na voz ativa	2.1 - 4 frases corretas	3,5
	2.2 - 3 frases corretas	2,625
	2.3 - 2 frases corretas	1,75
	2.4 - 1 frase correta	0,875
	2.5 - nenhuma resposta correta	0
3- Identificar a voz ativa e voz passiva	3.1 - Identifica todas	3
	3.2 - Identifica 5	2,5
	3.3 - Identifica 4	2
	3.4 - Identifica 3	1,5
	3.5 - Identifica 2	1
	3.6 - Identifica 1	0,5
	3.7 - Não identifica nenhuma	0

#### 4.4.1.2 – Grelha de Avaliação

Apresento, agora, a grelha de avaliação da turma para esta proposta de trabalho. Nota-se que dois alunos não realizaram esta atividade, porque neste dia não estavam presentes na sala de aula.

Visualizando o quadro, concluo que apenas duas crianças apresentaram resultados negativos (células sombreadas). Outra conclusão importante a retirar desta grelha de avaliação é que o 3º parâmetro avaliado foi o que apresentou melhores resultados, uma vez que a maioria dos alunos conseguiu atingir a cotação máxima.

**Quadro 17 – Grelha de avaliação – Língua Portuguesa**

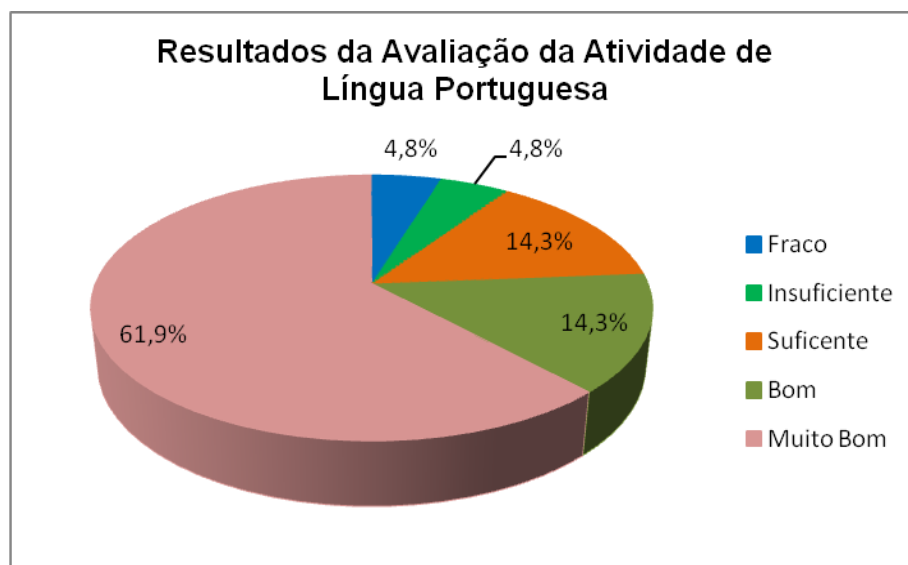
Parâmetros	1	2	3	Total
Cotações	3,5	3,5	3	
Alunos				
1	0	0,875	3	3,9
2	1,75	0,875	0	2,6
3	3,5	2,625	3	9,1
4	3,5	3,5	3	10,0
5	3,5	3,5	3	10,0
6	2,625	1,75	2,5	6,9
7	3,5	2,625	3	9,1
8	2,625	1,75	3	7,4
9	3,5	2,625	3	9,1
10	2,625	1,75	2	6,4
11	3,5	3,5	3	10,0
12	-	-	-	-
13	3,5	3,5	3	10,0
14	2,625	3,5	2,5	8,6
15	1,75	2,625	3	7,4
16	3,5	3,5	3	10,0
17	3,5	3,5	2,5	9,5
18	3,5	3,5	3	10,0
19	-	-	-	-
20	2,625	3,5	3	9,1
21	3,5	2,625	3	9,1
22	0	3,5	3	6,5
23	3,5	3,5	3	10,0
Média				8,32

#### 4.4.1.3 – Apresentação e Análise dos Resultados

**Quadro 18 - Quadro de frequências da proposta de Língua Portuguesa**

<b>Classificação</b>	<b>Nº de alunos</b>
Fraco	1
Insuficiente	1
Suficiente	3
Bom	3
Muito Bom	13
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>





**Figura 17** - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Língua Portuguesa

Através da observação do gráfico circular, pode concluir que a maioria dos alunos (61,9%) atingiu a avaliação qualitativa de Muito Bom. Curiosamente, o nível Fraco e Insuficiente compreendem o mesmo valor percentual (4,8%), o mesmo sucede para o Suficiente e Bom com 14,3% cada um.

De um modo geral a turma cumpriu com os objetivos propostos nesta atividade, com um nível bastante satisfatório de aproveitamento.

#### **4.4.2 – História de Portugal**

##### **4.4.2.1 – Descrição dos Parâmetros e Critérios**

A proposta de trabalho a que se refere esta seção encontra-se no anexo IV (páginas 196 e 197) e foi direcionada para os alunos do 1.º Ciclo, nomeadamente, 4º ano A.

Esta aula foi lecionada no dia 7 de junho de 2011 (página 109), onde recorri a um *PowerPoint* para abordar o tema sobre as Invasões Francesas. De modo a desenvolver o tema, fui dialogando com os alunos sobre o mesmo. Assim, após a exposição dos conceitos, entreguei a todos os alunos presentes na sala a proposta, que deveria ser realizada em 20 minutos. Os alunos deveriam ler o texto e em seguida enumerar as exigências feitas por Napoleão ao príncipe regente de Portugal e ainda, enunciar a consequência para Portugal, caso não fossem aceites as exigências. No

segundo parâmetro, a ter em consideração, as crianças teriam que visualizar o mapa e terminar de preencher o quadro, retirando informações do mapa.

No quadro seguinte estão demonstrados os critérios usados para cada parâmetro avaliado, assim como cada cotação. É de salientar que o 1º parâmetro tem uma cotação de 4 valores e o 2º de 6 valores.

**Quadro 19 – Parâmetros e Critérios de avaliação – História de Portugal**

Parâmetros	Critérios	Cotação
1- Interpretação do texto	1.1. Enumera todas as exigências	3
	1.2. Enumera 2 exigências	2
	1.3. Enumera 1 exigência	1
	1.4. Não responde corretamente	0
	1.5. Enuncia a consequência	1
	1.6. Não enuncia a consequência	0
2- Interpretação do mapa	2.1. Recolhe toda informação	6
	2.2. Recolhe 11 informações	5,5
	2.3. Recolhe 10 informações	5
	2.4. Recolhe 9 informações	4,5
	2.5. Recolhe 8 informações	4
	2.6. Recolhe 7 informações	3,5
	2.7. Recolhe 6 informações	3
	2.8. Recolhe 5 informações	2,5
	2.9. Recolhe 4 informações	2
	2.10. Recolhe 3 informações	1,5
	2.11. Recolhe 2 informações	1
	2.12. Recolhe 1 informação	0,5
	2.13. Não responde corretamente	0

#### 4.4.2.2 – Grelha de Avaliação

No quadro seguinte pode-se visualizar as cotações parciais de cada aluno em cada critério avaliado, assim como as cotações totais.

Destaca-se que apenas dois alunos (células sombreadas na tabela) apresentaram resultados negativos, sendo o valor mais baixo de 3 valores. Em relação à média da turma para esta atividade, posso afirmar que é bastante elevada, levando a concluir que a turma apresenta grandes níveis de conhecimento sobre esta matéria.

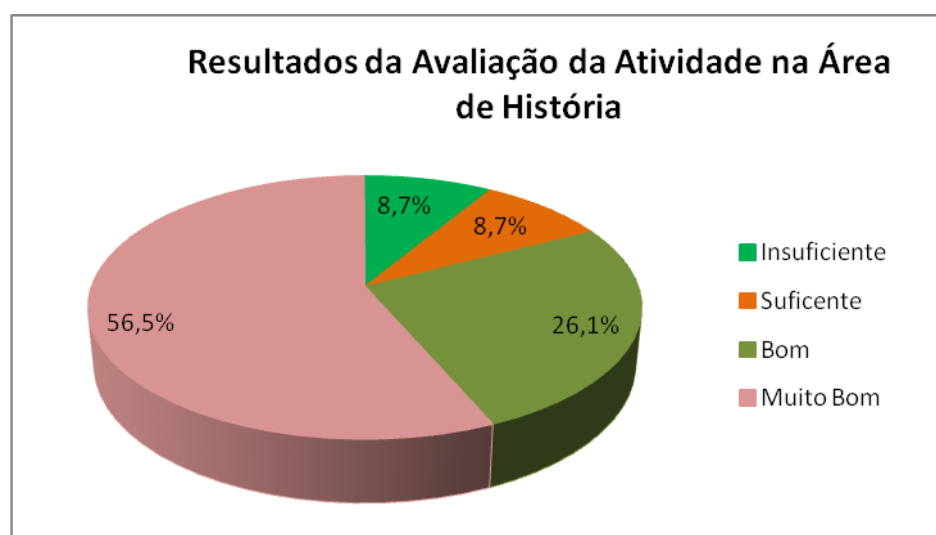
**Quadro 20 – Grelha de avaliação – História de Portugal**

Parâmetros	1						2													Total
Critérios	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	2.6	2.7	2.8	2.9	2.10	2.11	2.12	2.13	
Alunos																				
1				0		0							3							3
2	3				1		6													10
3	3				1		6													10
4	3				1		6													10
5	3				1		6													10
6		2			1			5,5												8,5
7	3				1		6													10
8	3				1				5											9
9	3					0		5,5												8,5
10	3				1		6													10
11			1		1					4,5										6,5
12		2			1		6													9
13	3				1		6													10
14	3				1			5,5												9,5
15				0	1				5											6
16			1		1			5,5												7,5
17		2			1				5											8
18			1		1		6													8
19		2				0									2					4
20	3				1		6													10
21	3				1				5											9
22	3				1		6													10
23			1		1			5,5												7,5
<b>Média</b>																				<b>8,43</b>

#### 4.4.2.3 – Apresentação e Análise dos Resultados

**Quadro 21** - Quadro de frequências da proposta de História de Portugal

Classificação	Nº de alunos
Fraco	0
Insuficiente	2
Suficiente	2
Bom	6
Muito Bom	13
<b>TOTAL</b>	<b>23</b>



**Figura 18** - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de História de Portugal

Pela observação do gráfico pode concluir que 56,5%, que corresponde a treze alunos, conseguiram a classificação qualitativa de Muito Bom, e nenhum aluno atingiu resultados inferiores a 2,9 valores, que representa a classificação de Fraco. Salienta-se o facto de que nove alunos obtiveram a nota mais elevada, que corresponde a 10 valores.

Posso afirmar que, de uma forma geral, o resultado da turma foi bastante positivo, tendo conseguido captar os conceitos que lhes transmiti.

## **Reflexões Finais**

## 5.1 – Considerações Finais

A realização deste relatório de estágio profissional permitiu consolidar as aprendizagens adquiridas ao longo do meu percurso académico. Durante o período da licenciatura em Educação Básica e, posteriormente no mestrado Pré-escolar e 1º. Ciclo, proporcionaram-me a aquisição de conhecimentos científicos para o meu desenvolvimento profissional e, até pessoal, através das diversas unidades curriculares lecionadas.

Destaco, todos os momentos de estágio que tive, desde o início do curso até ao final, pois foram de extrema importância. Já que tive a possibilidade de contactar com diferentes professores de várias instituições, desde dos jardim-escolas João de Deus, escolas 1.º Ciclo dentro e fora de rede João de Deus, escolas de ensino básico, onde adquiri novos conhecimentos, troca de experiências.

Esse contato com docentes experientes contribuiu para a observação de diversas estratégias e comportamentos que me servirão como referência de procedimentos a adoptar. Quero salientar, também, o facto da oportunidade que tive na convivência com uma faixa etária de alunos tão alargada permitindo observar as várias etapas que as crianças atravessam ao longo do seu crescimento.

Saliento as inúmeras aulas preparadas e aulas surpresa que dei, pois na minha opinião são muito importantes para nós enquanto futuro docentes, sintamos ao longo do percurso de formação que estamos integrados em todo o processo de ensino-aprendizagem. É exatamente nestes momentos que tomamos decisões perante as diversas situações que nos surgem, desenvolvemos a nossa capacidade de inovação, criatividade e, até de improvisação devendo sempre adoptar uma postura dinâmica.

Não posso deixar de referir o método João de Deus que tive o prazer de aprender e faço questão de aplicá-lo. É um método que incute nas crianças, desde cedo, o gosto pela leitura através da Cartilha Maternal já que se torna num método de aprendizagem simples. No ensino da Matemática incentiva o uso de materiais manipuláveis, permitindo que as crianças aprendam os conceitos de forma lúdica e palpável.

Para a execução deste relatório foi necessário o recurso à pesquisa bibliográfica para fortalecer conceitos já adquiridos e desenvolver competências na construção do conhecimento. A meu ver, é indispensável, nesta atividade profissional, que o docente esteja em permanente formação e atualização.

Para finalizar esta secção, gostaria de abordar o meu ponto de vista em relação a esta atividade profissional. Como ser humano que somos, temos, por regra geral, a tendência de obter referências que nos marcam e que definem em certos aspetos a nossa personalidade. Por vezes, essas referências são os pais ou aquelas pessoas que nos são mais próximas, mas de facto são poucas as pessoas que não se lembram dos seus primeiros professores.

A principal razão da escolha deste curso foi exatamente a ideia referida anteriormente, a ideia de poder fazer a diferença, nem que seja num pequeno grupo de crianças, faz com que procure desenvolver não só as competências cognitivas, assim como, também inculcar atitudes e valores nas crianças.

Na minha perspetiva não entendo esta profissão como sendo uma mera exposição de conceitos, principalmente em idades tão pequenas. Entendo que se deve conhecer a turma com que se trabalha para perceber quais as expectativas e dificuldades e assim adaptar estratégias diferentes a cada situação.

A escola deve ser vista como uma instituição de ensino assim como uma instituição que influencia na formação de indivíduos, e cabe aos professores o desempenho dessa função.

## **5.2 – Limitações**

A principal limitação foi, sem dúvida, as observações que tinha de descrever, não só pelo seu volume de dados, mas também, a sua pouca diversidade, nomeadamente no que se refere ao 1.º Ciclo.

Dado o horário da Prática Pedagógica, bem como os horários das turmas foi-me apenas possível a observação de duas unidades curriculares, o que se tornou pobre a nível de observações de estratégias, pois estas centravam-se sempre nas mesmas, a realizações de fichas de trabalho.

No meu caso em particular, o facto de estar dois momentos de estágio no mesmo ano e com a mesma professora limitou-me, e muito, na descrição e posteriormente na fundamentação dos dias.

Outra limitação visível é o excesso de carga horária bem como o excesso de atividades às quais somos submetidos por parte do estágio e por parte das unidades curriculares que temos durante o mestrado. Óbvio que temos de saber trabalhar sobre pressão, mas a verdade é que quando isto acontece o trabalho pode não sair nas perfeitas condições. E isso reflete-se não só no momento como na desmotivação gradual que vamos sentindo.

### **5.3 – Novas Pesquisas**

Apesar de ter, por vezes, a noção que as pesquisas realizadas se tornavam cada vez mais escassas, a verdade é que muita coisa ficou por ser analisada e escrita. É impossível dizer que um trabalho como este se encontra finalizado, pois o saber não ocupa lugar.

Como professora irei procurar estar sempre atualizada, pois os tempos mudam e a sociedade em que estamos inseridos vai sofrendo cada vez mais alterações, como tal, é importante estar em constante formação, não só como docente mas como pessoa.

Com o decorrer da minha vida profissional, estarei em contato com diferentes pessoas, sejam alunos, encarregados de educação ou colegas, por isso há que encontrar a melhor forma de lidar com as variadíssimas situações, pois o meu principal objetivo é trabalhar em equipa por algo em que acredito, e isso é, a educação das crianças.



## **Referências bibliográficas**

- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-letras, Lda;
- Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica- uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina;
- Alberton, C.P. et al (1980). *Uma dieta para crianças: livros – Orientações a pais e educadores*. Porto Alegre: Redacta in [www.recantodasletras.uol.com.br](http://www.recantodasletras.uol.com.br);
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F. & Martinho, A. (2001). *A prática pedagógica na formação inicial dos professores*. Lisboa: Areal Editores;
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recurso lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora;
- Andrade, M. I. (1995). *Educação para a saúde: Guia para professores e educadores*. Lisboa: Texto Editora;
- Antunes, C. (2008). *Professores e professo(a)s: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. (2ª ed). Rio de Janeiro: Vozes;
- Aranhã, I. V. D. (1996). *A matemática através da brincadeira e jogos*. Campinas: Papirus;
- Barbeiro, L. (1998). *O jogo no ensino – aprendizagem da língua*. Leiria: Legenda;
- Barbeiro, L. F. & Pereira, L. A. (2007). *O ensino da escrita: a dimensão textual*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Bettelheim, B. (1975). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora;
- Braga, F. (2004). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA;
- Brickman, N.A. & Taylor, L.S. (1996). *Aprendizagem activa: ideias para o apoio às primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Brougère, G. (1995). *Jeu et education*. Paris: L'Harmatta;
- Cachapuz, A., Praia, J. & Jorge, M. (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação;

- Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte;
- Caldeira, M.F (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus;
- Cardinet, J. (1993). *Avaliar é medir?*. Rio Tinto: Edições ASA;
- Carvalho, M.L.D.R.P. (1982). *Metodologia da educação em Portugal*. Comunicação apresentada num congresso na Fundação Calouste Gulbenkian;
- Castro, J.P. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados – textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Castro, S. L. & Gomes, I. (2000). *Dificuldades de aprendizagem da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Condemarin, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas;
- Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança – do 1 aos 5 anos*. Lisboa: Esfera dos Livros;
- Cortesão, L. et al. (1995). *E agora tu dizias que...jogos e brincadeiras como dispositivos pedagógicos*. Porto: Edições Afrontamento;
- Curto, L.M., Morillo, M.M. & Teixidó, M.M. (2000). *Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. (vol.1). Porto Alegre: Artemed Editoras;
- Curto, P.M. (1998). *A escola e a indisciplina*. Porto: Porto Editora;
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes – como formar jovens e inteligente*. Cascais: Pergaminho;
- David, M. J. M. (2001). *A criança e o jogo*. Trabalho apresentado à escola Superior de Educação João de Deus para a obtenção de aprovação à disciplina de Desenvolvimento do Trabalho de Projecto do Curso de Orientação Educativa;
- Departamento da Educação Básica (1998). *Organização curricular e programas de ensino básico – 1º ciclo*. Mem-Martins: Editorial do Ministério da Educação;
- Deshaies, B (1997). *Metodologias da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget (trabalho original em francês publicado em 1992);
- Despacho Normativo nº 1/2005 de 5 de janeiro. *Diário da República nº 3/2005 – I Série-B*. Ministério da Educação;

- Dottrens, R. (1975). *O ensino individualizado*. Porto: Livraria Civilização;
- Drew, W. F., Olds, A.R & Olds JR, H.F. (1994). *Como motivar os seus alunos*. Lisboa: Plátano Edições;
- Estanqueiro, A. (1990). *Aprender a estudar – um guia para o sucesso na escola*. Lisboa: Texto Editora;
- Ferreira, A. (2005). *A criança e a arte: o dia-a-dia na sala de aula*. Rio de Janeiro: Wak Editora;
- Figueiredo, M.A.R. (2004). *Um novo olhar sobre as rotinas*. Lisboa: Edições “Bola de Neve”. Coleção Inovação nº 5;
- Flores, A.M. & Simão, A. M. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde: Pedago
- Formosinho, J. (2001). *A formação prática de professores: da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas*. In B. Campos (2001). *Formação profissional de professores no ensino superior*. Porto: Porto Editora;
- Franco, J. A. (1999). *A poesia como estratégia*. Porto: Campo das Letras;
- Gerin, E. (1965). *Os jovens e a televisão*. Lisboa: Editorial Aster;
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Lisboa: Raiz Editora;
- Henriques, A.C. (2002). *Aritmética ao alcance de todos*. Lisboa: Instituto Piaget;
- Hohman, M., Banet, B & Weikart, D.P. (1992). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (trabalho original em inglês publicado em 1979);
- Jean, G. (1989). *Na escola da poesia*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos;
- Jesus, S. N. (1996). *Influência do professor sobre os alunos*. Porto: Edições ASA;
- Lima, A.F. (2001). *Pré-escola e alfabetização*. Petrópolis: Editora Vozes;
- Magalhães, V. F. (2009). *Sobressalto e espanto: narrativas literárias sobre e para a infância, no Neo-Realismo Português*. Lisboa: Campo da Comunicação;
- Magalhães, V.F. (2008). *A promoção da leitura na infância: um mundo de verdura a não perder*. In Otilia Sousa e Adriana Cardoso (eds). *Desenvolver competências em língua portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-72;

- Martins, I. P. et al. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental: formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Martins, I. P. et al. (2009). *Despertar para a ciência – actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Martins, M. & Niza, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Ministério da Educação. (2011). *Avaliação na educação Pré-Escolar (circular nº 4/DGIDC/DSDC/2011)*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Moreira D. & Oliveira I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença;
- Morgado, J. (2004). *A relação pedagógica – diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença;
- Nicolau, M.L. (1990). *Textos básicos de educação pré-escolar*. São Paulo, Ática;
- Nunes, A. C. (2001). *Segurança escolar*. Trabalho apresentado à escola Superior de Educação João de Deus para a obtenção de aprovação à disciplina do curso de Estudos Superiores Especializados em Gestão Escolar;
- Oliveira, M. C. (2002). *Manual de higiene e segurança na escola*. Braga: Oficina São José;
- Palhares, P., Gomes, A. E. & Mamede, E. (2002). *A formação para o ensino da matemática no pré-escolar e no 1º ciclo*. In L. Serrazina (Org.), *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora
- Pereira, M.P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento. Universidade de Málaga. Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura da Faculdade da Ciência da Educação;

- Pereira, S. (2010). *Explicitação gramatical no 1.º ciclo*. In Sousa, O. C. e Cardoso, A. (eds). *Desenvolver competências em língua-percursos didáticos*. Lisboa: Edições Colibri; pp. 145-174;
- Pérez, M. R. (s.d). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem ensino*. Comunicação apresentada no Seminário Internacional I. Madrid;
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed;
- Pires, A. (2002). *Escrever, um acto de aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editores;
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didática da Matemática no 1º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender História: questões de didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte;
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. (3ª ed.). Lisboa: Gradiva;
- Ramos, J. L. (2007). *Reflexões sobre a utilização educativa dos computadores e da internet na escola*. In Costa, F. A., Peralta, H. & Viseu, S. (orgs). *As TIC na educação em Portugal: concepções e práticas*. Porto: Porto Editora; pp. 143-169;
- Read, H. (2001). *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes Editora;
- Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Ribeiro, L. C. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora;
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Porto: Edições ASA;
- Roldão, M. C. (1987). *Gostar de História – um desafio pedagógico*. Lisboa: Texto Editora;
- Roldão, M. C. (1995). *O Estudo do Meio no 1º ciclo: fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora;

- Ruivo, I.(2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento inédito. Universidade de Málaga. Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura da Faculdade de Ciência da Educação;
- Santomé, J. T. (2006). *A desmotivação dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo;
- Santos, B.A. (1991). *Motricidade e jogo na infância*. Rio de Janeiro: Edições Sprint;
- Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora;
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições ASA;
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação;
- Sim-Sim, I., Silva, A.C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância – textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular;
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos;
- Spodek, B. & Saracho, O.N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Varão, O. I. (1997). *A criança, o livro, a música*. Trabalho apresentado à Escola Superior de Educação João de Deus para obtenção de aprovação à disciplina Investigação em Educação do curso de Estudos Superiores Especializados;
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. São Paulo (Brasil): Artmed;
- Zabalza, M. A. (2001). *Didática da educação infantil*. (3ª ed). Lisboa: ASA Editores;
- Zabalza, M.A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto: ASA Editores;

## Webgrafia

- Fernandes, E. (1997). *Análise Psicológica – o trabalho cooperativo num contexto de sala de aula*. pp. 563-572 acedido em 18 de Março 2012 em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v15n4/v15n4a04.pdf>;

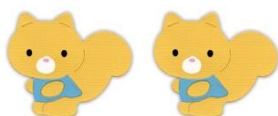


## **Anexos**

Jardim-Escola João de Deus – Albarraque

Proposta de Trabalho – Domínio da Matemática

Liga as imagens à peça correspondente do Cuisenaire.

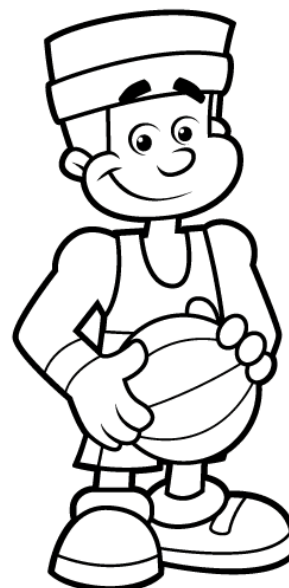


Proposta de trabalho realizada pela Estagiária Rita Ramalho MPE1C nº 23

Jardim-Escola João de Deus – Albarraque

Proposta de Atividade

Pinta os desenhos que correspondem aos sentidos que utilizaste nesta aula.



Proposta de trabalho realizada pela estagiária Rita Ramalho MPE1C nº 23

### Anexo III – Dispositivo de Avaliação no 1º Ciclo – Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Língua Portuguesa

Voz activa / Voz passiva

1. Coloca as seguintes frases na voz passiva.

1.1 A Susana guardou o fio.

---

1.2 Eu li o livro da minha prima.

---

1.3 O João e a Maria pousaram os sacos na sala.

---

1.4 Tu escreveste este texto.

---

2. Coloca as seguintes frases na voz activa.

2.1 A carruagem foi assaltada pelos bandidos.

---

2.2 O teste foi corrigido pelo professor.

---

2.3 Esta sala é decorada pela Silvia.

---

2.4 A carta foi guardada, cuidadosamente, pelo David.

---

3. Nas seguintes frases identifica as que estão na voz activa (VA) e as que estão na voz passiva (VP).

3.1 A menina come a maçã. \_\_\_\_

3.2 A casa foi construída pelos trabalhadores. \_\_\_\_

3.3 A aula será dada pela professora. \_\_\_\_

3.4 Os meninos estudam a lição. \_\_\_\_

3.5 A carta era entregue pelo carteiro. \_\_\_\_

3.6 Os pais enviaram a encomenda. \_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Proposta de trabalho realizada pela estagiária Rita Ramalho nº23 MPE1C

## Anexo IV – Dispositivo de Avaliação no 1º Ciclo – História de Portugal

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

História de Portugal

Invasões Francesas

1- Lê o documento com atenção e responde às questões.

*Nenhum povo nem governo tem maior razão de queixa da Inglaterra do que o povo e o governo de Portugal.*

*Sua Majestade o Imperador Napoleão vê-se, por isso, obrigado a forçar o governo de Portugal. Portanto, se no dia 1 de Setembro próximo o Príncipe -Regente de Portugal não declarar guerra à Inglaterra, retendo como reféns os ingleses estabelecidos em Portugal, confiscando as mercadorias Inglesas, fechando os seus portos ao comércio inglês, entender-se-á que o Príncipe Regente de Portugal renuncia à causa do Continente, isto é, que se declara inimigo da França.*

*Ultimato de Napoleão ao Príncipe - Regente D. João, em 12 de Agosto de 1807.*

1.1. Transcreve do documento:

a) as exigências feitas por Napoleão ao Príncipe - Regente de Portugal;

---

---

---

---

---

---

---

---

b) as consequências para Portugal caso não aceitasse essas exigências.

---

---

---

---

---

---

---

2. Observa o seguinte mapa e preenche o quadro.

Invasões Francesas			
	1º Invasão	2º Invasão	3º Invasão
Data			
Localidades de Passagem			
Comandante			
Batalhas			

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## Anexo IV – Dispositivo de Avaliação no 1º Ciclo – História de Portugal

Observa o mapa e completa o quadro da ficha de história.



Proposta de trabalho realizada pela estagiária Rita Ramalho nº23 MPE1C